

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM SERVIÇO SOCIAL

FATIMA CRISTINA COSTA FONTES

Laços intergeracionais na família em contexto infracional.

Quando a relação avós e netos pode ser libertadora

SÃO PAULO
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FATIMA CRISTINA COSTA FONTES

Laços intergeracionais na família em contexto infracional.

Quando a relação avós e netos pode ser libertadora

**Tese apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para a obtenção do título de
Doutor em Serviço Social, sob a orientação da
Prof^a. Dr.^a Maria Lúcia Rodrigues**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
2008**

BANCA EXAMINADORA

Maria Lúcia Rodrigues
DOUTORA EM SERVIÇO SOCIAL, PUC/SP

Ana Maria Fonseca Zampieri
DOUTORA EM PSICOLOGIA – FACULDADE DE MEDICINA DO ABC

Maria Amália Faller Vitale
DOUTORA EM SERVIÇO SOCIAL

Edgar de Assis Carvalho
DOUTOR EM ANTROPOLOGIA, PUC/SP

Maria Carmelita Yasbek
DOUTORA EM SERVIÇO SOCIAL

Dedico esta tese aos meus amados avós, em *Memória*:
Maternos – Maria Esperança e José Félix
e
Paternos – Maria do Carmo e Pompílio,
referências em minha existência e amados com quem compartilhei
trajetos libertadores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus da vida pelo privilégio da existência e pelas bênçãos diárias que derrama sobre mim.

Ao meu esposo Edison Fontes que tem sido minha grande fonte de amor e de equilíbrio emocional.

Aos meus filhos Edison F^o e Vinícius, Fontes de inspiração e continuação de meu circuito intergeracional, que maravilha vocês terem nascido.

À professora Maria Lúcia Rodrigues, grande mãe-orientadora da tese, que como uma mãe suficientemente boa, soube me apoiar e me dar limites quando precisei.

À professora Maria Amália Faller Vitale, minha primeira orientadora da tese, por seu *suporte* nos meus primeiros e importantes passos dessa construção de tese.

Aos professores da Banca de Qualificação e sua importante contribuição: professor Paulo Salles de Oliveira; professora Maria Amália Vitale e professora Elisabeth Mercadante.

Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, com quem tive o privilégio de aprender muito sobre a *questão social e seus desdobramentos*.

Agradeço à querida Kátia, atenciosa e amorosa Secretária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social.

À Rutinha Heckert, por todo apoio que me deu na pesquisa, como observadora atenta e afetiva.

À amiga Bruna Suruagy, que tão generosamente me apoiou em momentos cruciais da feitura da tese.

Às duas famílias da pesquisa que tão generosamente abriram as portas de suas casas e de suas vidas *para a pesquisa entrar*.

A todos os meus tesouros na vida, meus amigos, *essa família que eu escolhi, para fazer novos pactos afetivos*. Nomeá-los, não preciso, eles sabem quem são.

RESUMO

Apresenta-se, neste texto de tese, uma pesquisa qualitativa, desenvolvida com o objetivo geral de se estudar as relações intergeracionais nas famílias em contexto infracional. Tal estudo se propôs a investigar as interrelações entre avós e seus netos adolescentes autores de ato infracional, como espaço de convivência intergeracional e de possível referência sócio-afetiva de alteração das trajetórias infracionais dos netos. Este trabalho partiu da hipótese que as redes de solidariedade familiar tecidas entre avós e seus netos adolescentes autores de ato infracional, se fortalecidas entre si, servirão como uma das referências sócio-afetivas desses netos e como possibilidade de transformação da suas trajetórias infracionais. Face ao que foi percebido sobre a realidade sócio-afetiva destes avós e seus netos e ao processo de mudanças interrelacionais experimentados nas famílias da pesquisa, foram analisadas os seguintes aspectos da dinâmica observada: a qualidade da interrelação pesquisados - pesquisador; a amplificação do amar nas relações familiares e a importância da experiência religiosa como fator de resiliência familiar.

O referencial teórico utilizado na pesquisa somou a produção de quatro vertentes teóricas: o pensamento Complexo de Edgar Morin; a noção de afeto em Espinosa; os estudos sobre a Biologia do Amar de Humberto Maturana e os estudos de Geração e Memória familiar do pensamento sociológico francês. Participaram da pesquisa, voluntariamente, duas avós e dois netos adolescentes autores de ato infracional que cumpriam a medida sócio-educativa da Liberdade Assistida, e que participavam do programa da Liberdade Assistida da Associação Educacional e Beneficente Vale da Bênção, em Vila Nova Cachoeirinha, São Paulo. Como procedimentos metodológicos foram realizados quatro Visitas Domiciliares com realização simultânea de entrevistas e a elaboração do Genossociograma das duas famílias pesquisadas. Concluiu-se, através da análise feita a partir dos resultados obtidos, que o fortalecimento da trama relacional entre avós e netos, serviu como referência sócio-afetiva de transformação na trajetória de vida dos netos e de suas avós. Tal resultado contribui para o quadro de propostas de atendimento às famílias em contexto infracional, uma vez que possibilitou o dimensionamento da importância do afeto amoroso nas transformações familiares.

Palavras-chave: avós; netos; interrelações; afetividades.

ABSTRACT

The following thesis presents a qualitative research developed with the general aim of studying the intergenerational relationships in families that have criminal involvement. This study investigates the relationship between grandparents and their adolescent grandchildren who are authors of criminal acts as an area of intergenerational companionship and possible socio-affective reference to amend the trajectories of their delinquent grandchildren. This work began with the hypothesis that the networks of family solidarity forged between grandparents and their criminally-involved adolescent grandchildren, if strengthened, will serve as one of the socio-affective references for these grandchildren and will create a possibility of transformation in their criminal trajectories. After considering what was perceived of the socio-affective reality of these grandparents and their grandchildren and the process of interrelational changes tested in the families of the research, the following aspects of the observed dynamics were considered: the quality of subject-researcher relationship, the amplification of love within family relationships, and the importance of the religious experience as a factor in family resilience.

The theoretical reference of the study was built upon the sum of the production of four theoretical lines: the Complex Thought of Edgar Morin; the notion of affection of Espinosa; studies on the Biology of Love, Humberto Maturana; and studies of Generation and Family Memory from French sociological thought. Two grandparents and two adolescent grandchildren volunteered for the study. The adolescents were perpetrators of criminal acts that were in compliance with the measure of socio-educational Assisted Freedom, and were participating in the Program of Assisted Freedom of the *Associação Educacional e Beneficente Vale da Bênção*, in Vila Nova Cachoeirinha, São Paulo. As a methodological procedure, four visits with simultaneous interviews were made, as well as the drafting of Genosociograms of the two families surveyed. It was concluded from the results of the analysis that the strengthening of the relationships between grandparents and grandchildren served as a socio-affective reference for transformation in the path of life of both the grandchildren and the grandparents. This result helped build a group of ideas for assisting families in criminal contexts since it enabled the scaling of the importance of loving affection in family changes.

Keywords: grandparents; grandchildren; interrelationships; affectivity

RESUME

Il est présenté, dans ce texte de thèse, une enquête qualitative, développée dans le but principal d'étudier les relations intergénérationnelles dans des familles en contexte infractionnel. Ce travail a voulu enquêter sur les interrelations entre grands-parents et leurs petits-enfants adolescents auteurs d'actes infractionnels en tant qu'espace d'échanges intergénérationnels et de possibles références socio-affectives pour le changement des parcours infractionnels des petits-enfants. Ce travail a eu pour point de départ l'hypothèse selon laquelle les réseaux de solidarité familiale tissés entre grands-parents et petits-enfants adolescents auteurs d'actes infractionnels, si nourris entre eux de façon adéquate, serviraient de références socio-affectives pour ces adolescents, leur permettant ainsi une transformation dans leur parcours infractionnels. Face à ce qui a été aperçu concernant la réalité socio-affective de ces grands-parents et de leurs petits-enfants et aussi face au processus des changements interrelationnels expérimentés au sein des familles concernées, ont été analysés les aspects suivants de la dynamique observée: la qualité dans l'interrelation entre analysés et chercheur; l'augmentation du aimer dans les relations familiales et l'importance de l'expérience religieuse comme facteur de résilience.

Le référentiel théorique utilisé lors de la recherche compte la production de quatre écoles de pensée: la pensée Complexe d'Edgar Morin; la notion d'affection chez Spinoza; les études sur la Biologie du Aimer d'Humberto Maturana et les études de Génération et Mémoire familiale dans la pensée sociologique française. Ont participé dans cette enquête, volontairement, deux grands-mères, et deux petits-enfants adolescents auteurs d'actes infractionnels qui subissaient une peine socio-éducative de Liberté Suivie, et qui participaient au programme de Liberté Suivie de l'Association Educationnelle et Bénévole Vale da Benção, à Vila Nova Cachoeirinha, ville de São Paulo. Comme procédés méthodologiques, ont été réalisés quatre Visites Domiciliaires avec réalisation simultanée d'interviews et l'élaboration du Génossociogramme des deux familles analysées. A travers l'analyse faite à partir des résultats obtenus, on a conclu que le renforcement de la trame relationnelle entre grands-parents et petits-enfants a servi comme référence socio-affective de changement des parcours de vie des adolescents et de leurs grands-parents. Un tel résultat a contribué pour le cadre des propositions de suivie aux familles en contexte infractionnel, une fois qu'il a rendu possible la perception exacte de l'importance de l'affection amoureuse dans les transformations familiales.

Mots-clé: grands-parents; petits-enfants; interrelations; affectivités.

SUMÁRIO

PÁGINA

No tear da grande tapeçaria: uma Introdução -----	11
1- Histórias de avós e netos – o percurso intergeracional-----	22
2- Um painel sobre a família, a proposta interdisciplinar -----	40
3- O percurso metodológico – caminhos e encontros-----	62
4- A avó Maria das Dores, e seu neto Justino: do rancor ao amor -----	84
5- A avó Maria do Amparo e seu neto Walmor: da co-dependência ao amor que limita -----	98
6- Tecendo os fios na CoMpLeXa trama das relações sócio-afetivas avós e netos: a compreensão interdisciplinar das mudanças alcançadas-----	112
Concluir é preciso. Viver é impreciso. -----	122
Referências-----	128

ANEXOS

***Laços intergeracionais na família em contexto infracional.
Quando a relação avós e netos pode ser libertadora***



Mulher Tapeceira Turca – Foto Maria Lúcia Rodrigues 2005

A Metáfora

A vinculação interpessoal humana guarda uma estreita relação com o trabalho contido numa trama tecidual:

- *é necessária a presença de um tapeceiro/artesão o agente socializador que, neste caso, serão os avós de adolescentes autores de ato infracional;*
- *seguem-se os fios que serão utilizados para produzir o tapete, forma e conteúdo da tapeçaria, que aqui representarão a qualidade das trocas interrelacionais, os vários encontros e desencontros experimentados nas dinâmicas interrelacionais entre avós e seus netos adolescentes autores de ato infracional.*

Na execução da produção de uma tapeçaria, os fios mencionados serão “fiados” como que em laços, e farão surgir a “trama” contida na peça em preparo. Neste ponto da tecelagem, pode-se perceber os laços que estão fortalecidos, os que estão enfraquecidos e até aqueles que, por não terem sido tecidos fazem surgir algumas lacunas na trama tecidual.

Correlacionado ao estudo que apresentamos, esse será o ângulo que priorizamos que pretendemos detectar os diferentes arranjos inter-relacionais buscando dar relevo aos momentos críticos do vínculo *avós-netos adolescentes* – os nós, os laços fortalecidos, os fios frágeis, os espaços dos fios ausentes.

Por fim, a tapeçaria é concluída. Mas, de que modo foi tecida e para que servirá? Qual sua qualidade e estrutura? Onde será colocada? Questões como estas servem de solo das perguntas-guias neste estudo. Como se dá a inter-relação *avós-netos adolescentes autores de ato infracional*? Guarda *tecitura* forte? Poderá servir de lastro transformador para a interrupção da trajetória infracional destes netos-adolescentes? E para esses avós, poderá ser um instrumento de auxílio e fortalecimento de suas capacidades para lidarem com as interfaces da vida? Para firmarem o afeto e a proteção àqueles que os sucedem? Para manterem-se *vivos* numa sociedade que, talvez, pouco os acolham?

A proposta deste projeto está no desafio do fiar, desfiar, pesquisar, tecer.

No tear da grande tapeçaria: uma Introdução à Tese

Rebenta na FEBEM rebelião
 Um vem com um refém e um facão
 A mãe aflita grita logo: não!
 E gruda as mãos na grade do portão
 Aqui no caos total do cu do mundo cão
 Tal a pobreza, tal a podridão
 Que assim nosso destino e direção
 São um enigma, uma interrogação
 E se nos cabe apenas decepção
 Colapso, lapso, rapto, corrupção?
 E mais desgraça, mais degradação?
 Concentração, má distribuição?
 Então a nossa contribuição

[...]

Pra descender a densa dimensão
 Da mágoa imensa e tão somente então
 Passar além da dor, da condição
 De inferno e céu, nossa contradição
 Nós temos que fazer com precisão
 Entre projeto e sonho a distinção
 Para sonhar enfim sem ilusão
 O sonho luminoso da razão

[...]

Porque não somos só intuição
 Nem só pé de chinelo, pé no chão
 Nós temos violência e perversão
 Mas temos o talento e a invenção
 Desejos de beleza em profusão
 E idéias na cabeça coração
 A singeleza e a sofisticação
 O choro, a bossa, o samba e o violão
 Mas se nós temos planos, e eles são
 O fim da fome e da difamação
 Por que não pô-los logo em ação?
 Tal seja agora a inauguração
 Da nova nossa civilização
 Tão singular igual ao nosso ão
 E sejam belos, livres, luminosos
 Os nosso sonhos de nação.

(Canção *Ecos do ão* de Lenine, do CD *Falange Canibal*)

Esta tese pretende *adensar* e contribuir para o aprofundamento dos estudos da *família em contexto infracional*. Fazemos parte do grande universo de pesquisadores que vêm se dedicando a analisar e buscar saídas para nossos adolescentes que infelizmente se envolvem na carreira infracional, bem como suas famílias, igualmente sofridas e parte desta trama perversa de *se estar e de se viver no contexto infracional*.

Desejamos que ela efetivamente faça crescer, neste âmbito de sofrimento ético-político infracional, o *“talento e a invenção, Desejos de beleza em profusão E idéias na cabeça coração”* (trechos da canção *Ecos do ão*, de *Lenine*), contribuindo assim para um cenário de reais transformações para os que sofrem.

Para introduzirmos o presente estudo apresentaremos inicialmente a nossa busca interdisciplinar para realizá-lo, integrando os campos do Serviço Social, da Psicologia Social e da Psicologia Clínica.

Quando tomamos a decisão de trazer nosso objeto de estudo de Doutorado para o Serviço Social, a saber: *a interrelação avós e seus netos adolescentes autores de ato infracional, em seu repertório de estratégias de convivência familiar e em relação à situação infracional destes netos*, tínhamos em mente algumas certezas: estávamos adentrando *num “outro” campo de saber distinto* daquele de nossa primeira formação, que era a Psicologia, de nossos estudos de Mestrado em Psicologia Social, e que contemplava por isso o campo de estudos que mais percebíamos carecer, para aprofundar nossos estudos de doutorado, ou seja: *inseríamos-nos no campo da questão social, propriamente dita, e seus desdobramentos nas relações entre os homens.*

Desde o início de nossa participação nas diferentes disciplinas e da própria inserção no Programa de Estudos Pós-Graduados do Serviço Social, havia um movimento coerente, que confirmava a escolha feita: havia espaço para nossa subjetividade, afeto e consideração nas relações professor-aluno/ aluno-aluno além do aprofundamento consistente da temática da *questão social*. Porém havia, sobretudo, trazido pelo debate Teórico-Methodológico, uma visível tendência em se alijar as questões afetivas e subjetivas que complementavam o debate social.

Interrogávamo-nos constantemente acerca de quais teriam sido os elementos sócio-históricos que haviam contribuído para isto. Sobretudo quando certos instrumentos metodológicos fortes, que eram associados ao *plano das subjetividades* e que embasavam a pragmática deste campo de saber,

pareciam dormir como que *num espaço de latência teórico-metodológica*, a saber: o trabalho com grupos, as intervenções no espaço Comunitário e mais ainda, os espaços de troca subjetivada, os plantões e a visita domiciliar.

Quando acompanhamos o percurso sócio-histórico da profissão do Serviço Social, não resta dúvida da luta que se travou e se trava entre o passado assistencialista-caritativo, imerso na religiosidade, das primeiras práticas que desenhavam os primórdios dessa profissão e a contextualização crítica e ampliada do que vem a ser a superação deste primeiro estado da arte deste exercício profissional.

Percebemos que neste embate, por uma superação mais crítica da profissão, na forma de uma *“competência crítica”*, que o campo das demandas para a ação do assistente Social, *não se alterou, mas se ampliou*, senão vejamos como explicita Iamamoto (2003, p. 100) o campo operativo do Serviço Social:

“A matéria prima do trabalho do Assistente Social (ou da equipe interprofissional em que se insere) encontra-se no âmbito da questão social em suas múltiplas manifestações – saúde da mulher, relações de gênero, pobreza, habitação popular, urbanização, favelas, etc.-, tal como vivenciadas pelos indivíduos sociais em suas relações cotidianas, às quais respondem com ações, pensamentos e sentimentos (grifos nossos).”

Parece que a proposta ampliadora deste campo, realiza-se *pela busca de consolidar o projeto ético-político-profissional nos tempos atuais*, com o novo desafio de *“captar os núcleos de contestação e resistência, as formas de imaginação e invenção do cotidiano, de defesa da vida e da dignidade do trabalhador.”* (IAMAMOTO, 2003, p. 142). Proposta esta que envolverá a luta pela ampliação da cidadania, com o objetivo de verdadeiramente efetivar os direitos civis, políticos e sociais de todos os cidadãos.

Mas foi debaixo, então, desta *ação mais ampliada* e crítica da profissão, que vimos cair por terra os mecanismos de assistencialismo e das práticas que se colocarem desconectadas deste projeto maior. Parece que se julgou o *conjunto*

de práticas primeiras como obrigatoriamente conservadoras, e se fez desaparecer seu aprofundamento e discussão (como no exemplo do bebê, que corre perigo, quando se joga fora a água suja da banheira). Tais práticas eram consagradas como procedimentos, por excelência, do campo do Serviço Social, e que poderiam ser mais criticamente utilizadas, a partir do momento mais reflexivamente crítico da profissão. Acompanhou-se assim, a seu quase banimento no processo de formação do Assistente Social, o que proporcionou, a nosso ver, uma perigosa lacuna metodológica, que debilitou, de alguma forma, a práxis do Serviço Social e por que não, também seu projeto ético-político-profissional.

Podemos nos ancorar para a afirmação acima feita, no chamado de Yamamoto (2003, p. 144) quanto aos requisitos para a formação deste profissional do Serviço Social, comprometido com o projeto ético-político da profissão:

“requisita-se um profissional culto e atento às possibilidades descortinadas pelo mundo contemporâneo, capaz de formular, avaliar e recriar respostas ao nível das políticas sociais e da organização das forças da sociedade civil. Um profissional informado, crítico e propositivo, que aposte no protagonismo dos sujeitos sociais. Mas também um profissional versado no instrumental técnico-operativo, capaz de realizar as ações profissionais, aos níveis de assessoria, planejamento, negociação, pesquisa e ação direta, estimuladora da participação dos usuários na formulação, gestão e avaliação de programas e serviços sociais de qualidade. (grifos nossos)”

Não seriam alguns destes instrumentais técnico-operativos, exatamente aqueles desenvolvidos em épocas ditas “*mais reacionárias e conservadoras do Serviço Social*”? Seria preciso se “reinventar a roda incessantemente”?

Advogamos, portanto com esta tese construída no seio do Programa de Estudos em Serviço Social, o rogo de que se possa debater mais amiúde o projeto ético-político do Serviço Social, incluindo *suas práticas interventivas e particularizamos aquelas que envolvem a subjetividade e afetividade do profissional desta área e dos usuários.* Uma vez que todos os envolvidos neste projeto são pessoas carregadas de subjetividade e afetividade.

Somos, tanto no encontro psicoterapêutico e nas pesquisas neste campo, quanto na prática do Serviço Social e em suas pesquisas, *afetados e afetamos uns aos outros*, sendo plenos de afetos, segundo Espinosa (1973), Teremos então, *nossa potência de agir ou força de existir, aumentada ou diminuída*, a depender se tivermos nossa potência incrementada pelo outro, ou se, ao contrário, formos por ele subtraídos, passando a experimentar assim uma potência de ser e de fazer imobilizada ou fixada.

Enriquece esta proposta o convite proposto por Rodrigues (2000b, p.12), para que cada profissional da área do Serviço Social desenvolva *sua auto-ética* e um comprometimento com o outro, atitudes que exigem: tanto um auto-exame que permita a esse profissional *o conhecimento do estrutural/conjuntural até o microssocial ou das ações mais pontuais e parcelares*, propiciando assim a *“visualização de ângulos da profissão nem sempre priorizados”*, quanto uma busca de novos conhecimentos. Tais atitudes, quando integradas, poderão formar a base de uma *“sensibilidade solidária”* fundante no exercício competente desta prática.

Também podemos ampliar nossa proposta aqui exposta, com a discussão de Ruiz (1998), psicólogo social preocupado em entender a inter-relação indivíduo, trabalho e sociedade no processo da construção da subjetividade. Este autor se propôs a estudar *a concepção de indivíduo em Gramsci* (autor que compõe o cenário dos pensadores no Serviço Social, a partir dos anos 80). Segundo Ruiz (1998, p. 21 e 22)

“Gramsci reconhece a existência da individualidade. Entretanto, a individualidade passa a ser definida como o conjunto particularizado das relações sociais. A individualidade não se reduz a ela mesma, mas é antes a forma como o indivíduo concreto construiu e/ou aprendeu determinadas concepções de mundo que norteiam sua ação prática na relação mais ou menos orgânica com outros homens ou grupos. Conquistar a personalidade plena significa localizar-se como indivíduo neste conjunto de relações, adquirindo consciência delas. Só modificamos o que somos através de nossas ações. Ao agir atuamos sobre os indivíduos que com suas ações também atuam sobre nós.”

E foi na busca dessa possibilidade de conhecer e dar a conhecer aos nossos participantes da pesquisa a *força de suas relações intergeracionais*, que desenvolvemos o presente estudo.

Quando privilegiamos neste pesquisar os laços intergeracionais, reconhecemos a força social atual mantida por estes laços, sobretudo nas camadas empobrecidas. Indagamos, então, sobre os modos de vida e, sobretudo os recursos sócio-emocionais que os avós mobilizam nesse papel de cuidar da sobrevivência de seus netos, quando eles mesmos viviam uma situação de profundo desgaste sócio-afetivo e emocional, subjacente à *trajetória infracional* dos netos. Também desejávamos perceber a importância dessas interrelações, como possível “barreira” para interromper a prática infracional desses netos adolescentes.

Sendo assim, *“confrontar, através do percurso individual, o processo intergeracional e vice-versa, é apreender, numa malha fina, aspectos de diferentes movimentos de articulação entre socialização e subjetividade.”* (VITALE, 1994, p.37).

Mais do que um dado sócio-demográfico, a realidade familiar brasileira, sobretudo da família empobrecida, tem tido seu desenho modificado: a antiga “casa dos avós” que era um lugar de visitação dominical, ou local onde se passavam férias ou “temporadas” tornou-se o “novo teto” do grande contingente dos “sem teto: filhos e netos”.

E neste novo cenário observam-se, além do crescimento da proporção de filhos adultos morando com mães idosas, desde a década de 80, um crescimento na proporção de crianças menores de quatorze anos morando com mulheres idosas na condição demográfica de “parentes ou agregados” do chefe de domicílio, provavelmente netos. Além de receberem os filhos adultos, há evidências de que as mulheres idosas contribuem para que seus filhos e netos

freqüentemente mais a escola do que o restante da população nas idades correspondentes.¹

Sem dúvida, tudo isso vem resultando na emergência de novos papéis assumidos por nossas idosas, não esperados nem pela literatura nem pelas políticas de seguridade social. Essa mulher continua desempenhando a função de “cuidadora”, assumindo a de “provedora” e, assim, a “outrora mulher dependente” passa a contribuir efetivamente para a melhoria das condições de vida e de “sobrevivência” de sua família.

Para isso, um papel importante vem sendo desempenhado pela Previdência Social² tanto rural quanto urbana e pela LOAS – Lei Orgânica de Assistência Social – que garantem renda para um contingente importante da população idosa e, em especial, para as mulheres idosas, representando um importante elemento na renda total das famílias, beneficiando, aproximadamente, oito milhões de famílias.³

Essas avós, sobretudo essa “avó” que protagoniza esse novo lugar social, no universo de nossa pesquisa, pertence à família que está inserida nos extratos sócio-economicamente empobrecidos, usando como indicador social para esta pertinência, o valor atribuído pelo IPEA (2002) que caracterizou como “família pobre”, aquela que tem renda mensal per capita inferior a R\$146,00.

Percebemos a necessidade, nesta introdução, de circunscrever também a família em contexto infracional, foco deste estudo, à qual pertencem esses avós e seus netos, mais à miúde, em seu contexto sócio-jurídico. Acompanhamos para isto o trajeto histórico proposto pelo Prof. Silva (2000), sobre os “300 anos de construção de políticas públicas para crianças e adolescentes”, no qual se verificou que desde o Código de Menores de 1927, já

¹ Dados do IBGE, PNAD de 1999, Tabulações especiais IPEA.

² O BPC – Benefício de Prestação Continuada é benefício de Assistência Social, concedido de forma vitalícia aos idosos em situação econômica empobrecida e fica fora do pacto entre gerações, com aspectos redistributivos, onde cada geração paga os benefícios da anterior.

³ Dados do IBGE, PNAD de 1999, Tabulações especiais IPEA.

se instituiu o “intervencionismo oficial no âmbito da família”, outorgando o direito de vigiá-las e puni-las, a Juízes e Comissários de Menores.

Seguindo este percurso histórico, foi possível acompanhar, debaixo da Doutrina de Situação Irregular, a culpabilização e condenação das famílias empobrecidas e conseqüentemente, a abusiva retirada e retenção dos filhos dessas famílias, consideradas pelo poder vigente. Alguns estudos de profissionais de várias áreas do saber ratificavam que elas não sabiam cuidar de seus filhos, dentro dos padrões estabelecidos, idealmente, pela classe média, burguesa brasileira.

Avançando ainda na trajetória delineada por Silva (2000), a efetiva aplicação da Doutrina de Proteção Integral, em nossa sociedade, deveu-se ao grande movimento de democratização do país, a partir da segunda metade dos anos 80, que teve como culminância o Movimento Nacional Constituinte, e a promulgação da Constituição Federal de 1988.

No bojo dessas novas possibilidades, foi criado e aprovado em 13 de Julho de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente. Neste estatuto se tratou dentre outras coisas, de se definir que as crianças eram assim juridicamente consideradas, até a idade de doze anos, e os adolescentes, a partir daí até os 18 anos. Estes últimos considerados como “pessoas em fase de desenvolvimento”, eliminando assim as rotulações anteriores de menor, infrator, trombadinha, pivete, etc. A família, em associação com o Estado e com a Sociedade Civil, passava a ser a grande responsável por esse adolescente.

E tal qual um ciclo que se instala perversamente produzindo e reproduzindo as situações de opressão e exclusão social, a tipificação da família que tem seu filho autor de ato infracional, autuado, é o de ser uma família pobre. Foi, infelizmente, neste cenário estigmatizado e perverso que encontramos as pessoas com quem nos relacionamos nesta pesquisa.

Elaboramos esta pesquisa da tese, problematizando o *como foram tecidos ao longo do tempo, do ponto de vista sócio-afetivo-familiar, os fios da interrelação avós e seus netos adolescentes autores de ato infracional e em que medida essa qualidade vincular produziria estratégias de convivência e de transformações nas famílias neste contexto.*

Partimos da hipótese de que *as redes de solidariedade familiar tecidas entre avós e seus netos adolescentes autores de ato infracional, se fortalecidas entre si, serviriam como uma das referências sócio-afetivas desses netos e como possibilidade de transformação da suas trajetórias infracionais.*

E hoje temos como *tese a realidade confirmada de que as redes de solidariedade familiar tecidas entre avós e seus netos adolescentes autores de ato infracional, quando foram fortalecidas entre si, serviram de referência sócio-afetivas para transformações na vida de avós e seus netos.*

Foram *sujeitos* desta pesquisa os avós e seus netos autores de ato infracional, que estavam vivendo em situação de coabitação, pertencentes às camadas empobrecidas da população e moradores da cidade de São Paulo.

Os adolescentes-netos encontravam-se entre os adolescentes em cumprimento de Medida Sócio-Educativa da Liberdade Assistida⁴ na instituição: AEBVB – Associação Evangélica Beneficente Vale da Bênção⁵, situada na zona Norte da capital Paulista, no bairro de Vila Nova Cachoeirinha.

⁴ A medida sócio-educativa da Liberdade Assistida está disposta no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, e se trata de uma medida coercitiva em meio aberto para o adolescente autor de ato infracional. Ela propõe um tratamento sócio-educacional deste adolescente com sua permanência na sua comunidade de origem, devendo ser trabalhadas suas peculiaridades, seu grupo familiar e social. Lamentavelmente acompanhamos as várias dificuldades com a prática e a efetividade desta medida. (Vide: TEIXEIRA, M. L. T. (1994) *Liberdade Assistida, Uma Polêmica em Aberto*, São Paulo: IEE/PUC/SP).

⁵ A referida organização vem contribuindo, desde 1993, com o projeto de abrigo a crianças e adolescentes em situação de risco e abandono, e, desde agosto de 2000, na execução do Projeto de Liberdade Assistida, em parceria com a FEBEM.

Dada à complexidade da temática estudada construímos nosso corpo teórico e metodológico calcados no Pensamento Complexo de Edgar Morin (2005a; 2005b); nas noções de afeto em Espinosa (1632-1677, 1973; 2007); e nos estudos sobre a Biologia do amar de Humberto Maturana (1999; 2002)

Referenciamos-nos também em nossas análises nos estudos intergeracionais de Anne Muxel (2007) e seus estudos sobre *Individu et mémoire familiale*; Martine Segalen (2001) e mais especificamente seus estudos sobre *Tensions, conflits et crises dans les liens intergénérationnels aujourd'hui*; Claudine Attias-Donfut (2001) e seus derradeiros estudos *Les Habitas neufs des grands-parents*; Peter Uhlenberg (2001) *The well-being of adolescents: do co-resident grand-parents* e suas análises; por fim, o importante estudo desenvolvido por Francis Godard (1992) *La famille affaire de générations*. Além destes, particularizarmos os estudos das interrelações avós e netos no contexto infracional a partir de outros estudos (ASSIS, 1999; FONTES, 2004; SCHRAMM, 2004).

Desenhamos a metodologia da pesquisa calcada na Metodologia Multidimensional de Morin (2002) e elaboramos como procedimentos metodológicos: o uso combinado e simultâneo da Visita Domiciliar e entrevistas em profundidade e a construção de Genossociogramas de cada família pesquisada.

Apresentamos também, na tese, como discussão complementar ao estudo das famílias focadas na pesquisa, uma análise interdisciplinar das famílias, evidenciando assim a *complexidade* que envolve uma pesquisa nesse campo.

Por fim, discutiremos os resultados obtidos na pesquisa buscando estabelecer uma reflexão compreensiva das *mudanças* interrelacionais percebidas entre os avós e netos pesquisados, a partir dos aspectos da dinâmica observada: a qualidade da interrelação pesquisados - pesquisador; da amplificação do amar

nas relações familiares e da importância da experiência religiosa como fator de resiliência familiar

Foi extremamente realizador elaborar, participar e refletir sobre os vários elementos que compuseram a pesquisa e o texto de tese. Desejamos que também possa ser de agradável e enriquecedora leitura e mais ainda que possa contribuir para o alargamento do conhecimento e das possibilidades interventivas com famílias em contexto infracional, na intersecção dos campos da Psicologia, da Psicologia Social e do Serviço Social.

1- Histórias de avós e netos – o percurso intergeracional.

Delimitar o campo das relações intergeracionais entre avós e netos demanda inicialmente que se trace um ponto de intersecção da nossa experiência profissional e a proposta desta pesquisa, intersecção esta que legitima o campo epistêmico em que a pesquisa se insere: o das “pesquisas qualitativas” cuja ênfase recai sobre a compreensão das interações e dos significados dos atos humanos. Atos estes que só serão “conhecidos” a partir do contato entre o pesquisador e o(s) sujeito(s) de sua pesquisa, contato este que incluirá toda uma gama de experiências vividas por esses atores sociais. O exercício de contatar e observar longe de ser ingênuo, encontra um pesquisador/observador que opera em coerência operacional de sua realização: através da dinâmica estrutural de sua corporalidade que será ponto de intersecção de todas as conversações das quais ele participa, entrelaçando seu linguajar e seu emocionar, operando como observador de sua práxis de viver em “congruência estrutural com o meio” (Maturana, 2002, p.294).

Buscaremos, então, neste primeiro momento, explicitar alguns aspectos da nossa trajetória pessoal que evidenciam, em nosso viver histórico, alguns entrelaçamentos e fontes do nosso “perceber” que derivado da palavra “percepção”, etimologicamente originada do latim per+cipicio e per+capere, significa literalmente: “obtido por captura ou captação”.

A seguir, teceremos algumas considerações em duas direções: uma sobre intergeração, memória familiar e avós e outra sobre avós e seus netos em contexto infracional.

1.1 – A relação avós-netos na vida da pesquisadora

“É lamentável, mas os tempos andam tão maus que as próprias crianças já não sabem brincar”. Em dias mais tranquilos, elas gostavam de suas cantigas de roda, tinham um largo repertório, e à tardinha e à noite brincavam pelos quintais e pelas ruas, pelos jardins e pelas praças. Tinham também jogos cantados e falados, resíduos ou esboços do teatro, e com eles se entretinham, alegremente. Os brinquedos simples, primitivos e eternos, fáceis de obter e de conservar, não faltavam nem mesmo às mais pobres... As bonecas ingênuas ocupavam as meninas com preparativos de enxovais de

batizados e casamento... Esses jogos, quase todos de grupo, estabeleciam relações sociais de cordialidade entre as crianças... E essa sociabilidade era autêntica, e de longa permanência, pois resistira às competições dos jogos, às rivalidades, aos desrespeitos, aprimorando o caráter nesses encontros de infância, que é quando se deve aprender a tolerância, a admiração, a justiça e outras coisas mais.”

(Cecília Meireles, 2003⁶, pp.349 -350)

Sem dúvida alguma, ter “sido capturada” pela presença significativa dos avós quando pesquisava as histórias das famílias na pesquisa de Mestrado⁷ que realizamos, evidenciava quanto esta presença percebida encontrava ressonância em nossa própria história de vida com os avós.



Minha avó materna Esperança e eu (2005), ao a foto de meu avô materno José Félix.

⁶ Cecília Meireles, *Melhores crônicas seleção e prefácio Leodegário A. de Azevedo Filho*. São Paulo: Global, 2003)

⁷ Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, PUC/SP, em 12 de março de 2004, intitulada: “A Força do afeto na Família: uma possibilidade de interrupção da prática infracional de adolescentes em Liberdade Assistida” e orientada pela Prof.^a Doutor ^a Silvia Tatiana Maurer Lane.

Bodas de ouro de meus bisavós maternos



Casamento dos meus avós maternos: Vovó Esperança e Vovô Félix

Filha de uma mãe de quatorze anos, recém chegada à adolescência e de um jovem e galante pai de vinte e dois anos de idade, precisei muito da casa de meus avós. Sobretudo os avós maternos foram campo de pouso, ou melhor, de abrigo, para as várias vezes em que, no auge de suas dificuldades interrelacionais, meus pais se separavam. E lá íamos nós: eu e minhas duas irmãs.

E foi nessa casa-abrigo da vovó que vivi os melhores momentos da infância. Foi ali que experimentei os “anos mágicos” da criança, visto que ao lado da casa havia um terreno, que na época achava “gigante” cheio de árvores frutíferas: mangueiras, pitangueiras, jabuticabeiras e bananeiras que além de comermos os seus frutos e as escalarmos, muitas vezes “fazíamos de conta” que eram nossos “namorados” e “esposos”. Também neste espaço de encantamento brincávamos de casinha, organizávamos os “aniversários” e “festas de batizados” de nossas filhas/bonecas e para isso usávamos os frutos das árvores como comidinha e éramos livres para sonhar e imaginar, condições organizadoras da nossa biologia, psique e espiritualidade.

Tal qual descrito por Cecília Meireles, na epígrafe inicial, esse nosso brincar também era um brincar socializador: tanto no espaço do terreno ao lado da casa dessa avó materna, quanto no espaço da rua: na calçada e na frente da casa, estávamos sempre em grupo, dando os primeiros passos na direção do desenvolvimento da desafiadora *arte de estar com o outro*. Brincávamos de roda, de pega-pega, de esconde-esconde, de amarelinha e isso sem esquecer da fantástica e “proibida” (por meus pais) caçada às tanajuras. Tanajuras eram insetos voadores e dançávamos para que caíssem, entoando a seguinte canção: “*cai, cai tanajura, tua mãe tá na gordura*” que era repetida em cadência ritmada por todos nós. Não é que as tanajuras caíam? A pós-queda dos insetos era meio “enauseante” para mim, pois as tanajuras eram colocadas num óleo bem quente e fritas para consumo da meninada, mas eu não tinha “estômago” para tal.

Não resta a menor dúvida de que meu potencial criador e o amor que tenho por grupos surgiram e se matizaram, nesta infância “mágica”, ao lado de minha avó materna e tias. Também nesses momentos em que ali me abrigava recarregava as *pillhas* para meu cotidiano pleno de conflitos familiares entre meus pais, que apesar de muito difícil, também me tornava, pouco a pouco, a pessoa “resiliente”⁸ que sou.

⁸ Resiliência: termo oriundo da física relativo à resistência dos metais e que vem sendo incorporado pela área da Saúde, como o nome que se dá à capacidade de resistir às adversidades e utilizá-la para o crescimento pessoal, social ou profissional.

Precisei de muita “força interior” para enfrentar um dos dias mais tristes de minha vida - o dia 06 de janeiro de 2008 - dia em que minha avó materna, Maria Esperança, não mais acordou. Foi assim: ela completara 90 anos em 28 de Dezembro de 2007, com direito a festa, bingo e até discurso; estava muito feliz a “guerreira Maria Esperança”, mas seu coração estava cansado. Tão cansado, que parou de bater, em alguma hora da madrugada, ou do alvorecer. Ela morreu como viveu: não adoeceu e não demenciou. Continuou cuidando de sua vida e de sua casa, que administrava sozinha, pois ficara viúva aos 42 anos e jamais quis casar de novo e tão pouco quis ninguém morando com ela. Sazonalmente, abrigava netos e bisnetos, deixando bem claro aos que aportavam ao “abrigo de Dona Esperança”, que a temporada precisava ser pré-definida e não muito longa, de preferência.

Chorei o dia inteiro, não agüentava a idéia de escrever a tese sem ela, fazer o doutorado sandwich na França sem ela me esperando e defender a tese sobre os avós sem ela. Contudo, era preciso aprender a última lição que minha avó tinha me deixado, ela vivera intensamente, realizando sempre seus desejos e anseios, superando sempre *os muitos obstáculos* de sua longa caminhada. Ela era feliz, tal qual o é a pessoa descrita pelo sábio rei Salomão:

“Feliz é a pessoa que acha a sabedoria e que consegue compreender as coisas, pois isso é melhor do que a prata e tem mais valor do que o ouro.” (Provérbios 3:13).

Ela havia me dito no dia do seu aniversário: “vá para a França minha filhinha, faça tudo o que tiver que fazer depois nós duas celebraremos, juntas, todas as suas vitórias”. Então, não podia desistir e capitular, era preciso cruzar a linha da dor, mais uma vez, e como ela, uma guerreira, fazer de todos os desafios que teria pela frente e de sua superação, um libelo à vida, à vida dela, uma homenagem cheia de vida, alegria, saudade e muita *esperança*.

1.2 - Intergeração, memória familiar e avós

“Au-delà de l’individu s’y inscrivent les mouvements de continuité et les mouvements de rupture dans l’histoire des familles, dans les liens familiaux, dans les formes de transmission et dans les contenus de l’héritage. Tel un courant continu de redéfinition et de recomposition, à partir de logiques collectives et de vécus singuliers, elle (la mémoire familiale) anime la succession des générations et participe aussi, souterrainement mais activement, à l’histoire renouvelée de la société.”⁹
(MUXEL, 2007, pp. 10).

Muitos foram os autores que estudaram as questões de gerações; escolhemos, entre eles, aqueles com os quais estabelecemos alguma interlocução: Anne Muxel (2007) e seus estudos sobre *Individu et mémoire familiale*; Martine Segalen (2001) e mais especificamente seus estudos sobre *Tensions, conflits et crises dans les liens intergénérationnels aujourd’hui*; Claudine Attias-Donfut (2001) e seus derradeiros estudos *Les Habitas neufs des grands-parents*; Peter Uhlenberg (2001) *The well-being of adolescents: do co-resident grand-parents* e suas análises; por fim, o importante estudo desenvolvido por Francis Godard (1992) *La famille affaire de générations*. Além destes, outros estarão sendo apresentados quando particularizarmos a interrelação avós e netos no contexto infracional.

Refletir sobre a construção dos laços intergeracionais a partir da confluência de todos esses estudos tornou-se uma tarefa instigante e prazerosa. Começaremos estabelecendo uma importante co-relação entre *laço social* e *relações intergeracionais*. Podemos entender o *laço social* como uma linguagem comunitária que, inclui para além de suas fronteiras, inclui todo um conjunto de comunicações *não lingüísticas* composta de hábitos culturais, atitudes, mímicas, etc. Tal laço pressupõe a existência de um *tecido social* que assegura os discursos entre os sujeitos, bem como as possíveis trocas

⁹ Tradução livre: “Para além do indivíduo, se inscrevem aí os movimentos de continuidade e os movimentos de ruptura na história das famílias, nos vínculos familiares, nas formas de transmissão e nos conteúdos herdados. Tal qual um contínuo de redefinição e de recomposição, à partir das lógicas coletivas e das vivências singulares, ela (a memória familiar) anima a sucessão de gerações e participa também, subterraneamente mas ativamente, da história renovada da sociedade”.

intergeracionais. Portanto, o *laço social* se definirá pela capacidade de cada indivíduo de estabelecer seus vínculos: “*C’est a dire que le lien social se définit par la capacité de l’individu d’établir des liens, tant avec ses ascendants et ses descendants et ses pairs*”¹⁰. (MUXEL, 2007, pp. 182).

Em Godard (1992), autor que balizou suas conceituações e análises na realidade francesa, o *processo de socialização* ou a socialização, terreno sobre o qual construiremos nossa compreensão de vínculos, põe em jogo muitas definições dos atores sociais em suas relações intergeracionais. Para ele, essas interrelações familiares remetem a três concepções de famílias distintas: a da *comunidade de base*; a do *Micro-Estado* e a da *associação corporativista de interesses*. A primeira delas apresenta a *inscrição do indivíduo na ordem simbólica de filiação*, na ordem da ancestralidade, na qual o pertencimento é particularista e local e a referência comum é o *respeito dos anos*. Tal modelo funcionaria à base do *amor e da culpa; da transgressão e sanção e da dependência pessoal*.

Na segunda concepção de família, Godard (1992) põe em cena a inscrição do indivíduo na *ordem simbólica da cidadania*. Seus valores de base seriam: a *emancipação individual pelo respeito aos direitos, pela instrução e pela intervenção do Welfare State* (realidade social ainda vigente na França). A referência comum seria a igualdade de chances.

A terceira concepção, então, evidencia a inscrição do indivíduo na *ordem simbólica do mercado*. A família seria concebida como um espaço de afirmação individual regulada segundo os mecanismos contratuais *não mercadológicos*, entretanto ela seria encarregada de promover seus filhos às *vagas profissionais*. A promoção individual, antes de ser resultado de uma competição entre os próprios membros da família, seria antes de tudo uma competição entre os outros membros de diversas famílias. A referência comum seria *lugar para os melhores*. Este modelo funcionaria à base da eficácia, do rendimento, do cálculo e da redução das incertezas.

¹⁰ Tradução livre: “significa que o vínculo social é definido pela capacidade do indivíduo de estabelecer os vínculos; tanto com seus descendentes, quanto com seus pares”.

Para Godard (1992), expondo assim as matrizes simbólicas nas quais se fundam as sociedades, em nome das quais se nutrem as relações intergeracionais como relações de socialização, estaremos permitindo que melhor se compreenda o sentido de certos meandros do debate normativo relacionado à definição de status daqueles que estão sendo socializados por adultos. “*Ces approches normatives du lien de filiation consistent toutes en une sorte de conception essentialiste du lien social intergénérationnel comme s’il découlait d’une principe unique*”.¹¹ (GODARD, 1991, pp.42).

Após marcarmos, então, essas *matrizes simbólicas sociais* podemos seguir com a explicitação do processo de estabelecimento dos laços social e intergeracional, que se dão a partir das vinculações familiares e que têm na *memória* seu instrumento, *por excelência*, de vinculação. A *memória familiar* possibilita a mensuração da densidade do *vivenciado*, através de muitas gerações. É na família que se geram as primeiras condições para o *estabelecimento da* alteridade. No seio da família, em confronto com seu entorno social e a partir da negociação que cada ator social fará, desde a infância, entre o “de dentro” e o “de fora” e sua co-habitação, é que serão viabilizadas suas futuras ligações sociais. Este movimento de *trocas e transferências emocionais* se inscreve no âmbito das relações intergeracionais. (MUXEL, 2007, pp. 182).

Quando Muxel (2007) realizou sua pesquisa sobre *Memória Familiar*, na França, em 1996, ela pode constatar que a *memória familiar* resultava de um jogo de forças entre as *normas coletivas*, definidas a partir das referências presentes na identidade familiar e social de cada família e a *subjetividade pessoal* de cada membro da família. Havia, o mais das vezes, um movimento de oscilação entre *vinculação e desvinculação*, entre *identificação e rejeição* dos padrões relacionais familiares, fazendo com que os discursos de memória ressoassem sempre de muitas vozes: *subjetivas, objetivas e objetivantes*. (MUXEL, 2007, pp.196).

¹¹ Tradução livre: “esses aportes normativos de vínculo de filiação consistem todos em um tipo de concepção essencialista do vínculo social intergeracional como se ele resultasse de um principio único.”

Ainda que Muxel (2007) pudesse ter constatado a diversificação dos conteúdos, em função dos distintos meios sociais, ao analisar as funções da memória familiar e do esquecimento, foi possível apreendê-los segundo uma lógica que se apoiava em *outra racionalidade*, para além da *racionalidade social*. Outros *cortes epistemológicos* foram possíveis, como: *a afiliação e a desafiliação a identificação e a diferenciação; a reminiscência e o esquecimento; o dito e o não dito*, o que permitiu que se encontrasse o que poderia ser associado a uma *estrutura comum* que seria fundamental para o processo decisório de *vinculação* ou *não* de uma pessoa a seu passado.

Pensando na *memória* como a *incorporação do tempo*, temos que ela também é um presente significado, que resulta de um tipo de *contração de verdades sucessivas* que formam a existência de cada pessoa e que se inscrevem nas temporalidades próprias das trajetórias individuais. Portanto, para orientar os traços deixados pelo passado no *si mesmo* de cada indivíduo, estão presentes tanto as racionalizações psicológicas, quanto as sociológicas que se atualizarão segundo a trajetória de vida e momentos existenciais de cada um.

Para mostrar a articulação das *diferentes temporalidades* da existência de cada indivíduo, Muxel (2007) tomou três funções da memória familiar: *a função de transmissão; a função de revivência e a função de reflexividade*. Na *função de transmissão*, que designa a afiliação como o reconhecimento de uma *inscrição intergeracional* ao longo do tempo da história familiar, a temporalidade é o passado; são os ritos e rituais, os *saberes próprios*, os referentes identitários dos quais se deseja “*lembrar*”. Esta forma de memória é utilizada para *reter, fixar, para não esquecer e também para reencontrar, enraizar e dar sentido a um destino original*, e inscreve o sujeito em um “*nós*”, sendo, portanto uma “*memória coletiva*”. Essa vontade de perpetuar um passado se inscreve necessariamente num *presente*, com vistas a um *porvir*, sendo assim, o *esquecimento* se converterá nesta função de memória, numa possibilidade sobre a novidade, tornando-se um instrumento de mudança.

A *função de revivência da memória familiar* fala de uma memória interior, *involuntária* e é por definição atemporal e se constitui como *núcleo*, a partir do qual podem se acoplar as outras formas de memória. Ela é a primeira, é a memória em seu estado bruto, é o operador que permite a chegada da *lembrança* e é também a arquivista de sentimentos e de emoções, através da qual o passado habita o tempo presente. Na medida em que essa memória trata de *reviver* e de *ressentir*, antes de transmitir, de julgar ou de explicar, o *esquecimento* tem aí uma função estruturante. Ele seria como um *maestro* entre o que deve ser trazido à consciência e aquilo que deverá permanecer no inconsciente, agindo, portanto em sua função bloqueadora da consciência como uma forma de *salvaguardar* a integridade do sujeito. Tal como uma tela protetora, se interpõe entre o passado e o presente para garantir a viabilidade da própria existência do sujeito.

Na *função de reflexividade*, observa-se um maior estreitamento das questões de afiliação, num quadro de referências de uma negociação existencial de cada sujeito, onde se negocia a sua existência presente e futura em função das experiências e determinantes do passado. A temporalidade dominante nesta função de memória é o presente voltado para a realização de um destino, seria a dimensão teleológica da memória familiar.

Tanto a reminiscência como o esquecimento são finalizados para definir o quadro de interpretações da história passada do sujeito e para encontrar um *sentido orientador* para seu presente e seu futuro. Logo, o tempo futuro também é referente aqui, visto que o passado é instrumentalizado em função de imperativos existenciais: afetivos, sociais, subjetivos e coletivos, que orientam os conteúdos da memória familiar.

Mas, sobretudo o esquecimento, nesta *memória reflexiva*, introduz a *consciência da separação*. É exatamente na consciência de *estar separado* que é possível entrar na *via dos ancestrais* e se andar por seu próprio caminho, por uma compreensão dos mecanismos de apropriação e de re-incorporação da própria história. Na mediada em que nos dedicamos à experiência da separação, finalizada pela imposição da consciência de nossa própria solidão e

finitude, é que podemos, simbólica ou concretamente, fazer *um ato de memória* e através dele significar uma *pertinência compartilhada de nós mesmos com os outros*.

Salientamos ainda, nos estudos de Muxel (2007), que a *memória coletiva de uma família* é formada de diferenças e divergências, como um *mosaico multiforme*, com os pequenos objetivos de *uma memória dispersa* nas histórias de cada um, desenhando assim a *trama de uma memória comum* que dará forma a um *desenho comum* que poderá ser compartilhado. Por fim, consideramos importante trazer aqui sua concepção sobre *o povo da memória*, ou seja, aqueles personagens e pessoas que povoam a memória, que para a autora é *um povo escolhido*, a partir de um número relativamente restrito de figuras. Em sua pesquisa foram *eleitos para habitar a memória familiar* nos discursos dos sujeitos entrevistados: em primeiro lugar *os pais*; a seguir os avós de quem se falava mais do que de qualquer outra pessoa e que tinham uma função quase de *administradores da memória familiar*; em terceiro lugar apareceram os *irmãos*, seguidos dos *tios, tias e primos*.

Também surgiram os *amigos da família* que se agregavam às famílias com uma *quase parentalidade*, assim como os *padrinhos e madrinhas*, considerados em algumas famílias como uma *parentalidade espiritual*, tutores potenciais, como que *antecipando uma morte dos pais*. Além desses, foram nomeadas figuras que se fizeram presentes na memória familiar por sua *extravagância* ou *personagens marcantes do entorno familiar* (*vizinhos; babás; amigos de escola; colegas de trabalho, etc.*).

Enfoquemos agora a figura dos avós, *administradores da memória familiar*, considerados uma *geração farol, guia*, para vários estudiosos. Quando particularizamos os novos hábitos dos avós (ATIAS-DONFUT e SEGALEN, 2001) e seus novos entornos, encontraremos uma geração de avós, no mundo ocidental pós Segunda Guerra Mundial, bem distinta da anterior: mais engajada com a vida dos netos, tanto economicamente, quanto em atenções primárias de cuidados. A nova relação com os netos é largamente pré-determinada pela qualidade da relação entre os seus pais e seus avós. Ela também é orientada

pela predominância da linhagem materna e pelo risco da competição entre as linhagens, sobretudo em caso de recomposição familiar.

A partir dos dados obtidos na pesquisa realizada pelas autoras acima, na França, entre os anos de 1992 e 1996, sobre três gerações, foi possível medir, sobretudo, a espantosa importância dada à guarda dos netos praticada pela nova geração de avós (ATIAS-DONFUT e SEGALEN, 2001, pp. 21). Entre os fatores que mais justificaram esse dado estavam: a perspectiva de carreira da *jovem parente ajudada*. Contrariamente às ajudas financeiras, a guarda regular dos netos era mais dirigida aos filhos em situação de provável ascensão social.

Também apontaram as pesquisadoras, para o fato de que os novos avós eram inovadores no plano familiar: eles eram a primeira geração a multiplicar o número de divórcios, apesar de que os que se divorciam e se recasam em uma idade mais avançada, mostraram preferir se dedicar mais às atividades do casal que ao cuidado de seus descendentes. Quanto às questões suscitadas pela separação dos filhos, muitos meandros foram observados: a qualidade da relação entre os filhos e seus pais; a natureza da ruptura conjugal, havendo sempre mais acordos quando a separação era negociada; as diferenças que decorreram no lugar da linhagem paternal, pareceram se ancorar no status de “incerteza” biológica, que pairava sobre a paternidade dos netos.

Apontaram ainda os resultados da pesquisa acima mencionada, para a existência da tensão observada nas *decomposições e recomposições familiares*, mesmo quando não houve conflitos na separação: “*le coût psychologique d’une telle situation est toujours lourd*”¹². (ATIAS-DONFUT e SEGALEN, 2001, pp. 25). Por fim, destacamos a outra constatação nesta pesquisa de Attias-Donfut e Segalen (2001), de que é cada vez mais numeroso o número de bisavós em “*bonne santé physique et mentale*” (ATIAS-DONFUT e SEGALEN, 2001, pp.28), sendo assim, capazes de dedicar-se ainda às outras pessoas:

¹² Tradução livre: “o custo psicológico de tal situação é sempre alto”.

“Car les arrières-grands-parents offrent aussi à leurs descendants, que ceux-ci en aient conscience ou non, des ressources cachées et une force symbolique”.¹³ (ATIAS-DONFUT e SEGALEN, 2001, pp. 30).

Ao analisar mais aprofundadamente as questões de *tensão, conflitos e crises* nas relações intergeracionais contemporâneas, Segalen (2001) assinala que as rupturas familiares instauram um *adoecimento na filiação* nos dois pontos da cadeia intergeracional: para os avós que são privados de descendentes e para os netos que se vêem vítimas de uma *filiação insegura*, bloqueando assim seu processo de identificação requerido à produção de *adultos completos* no plano psicológico.

“Ainsi, les hésitations – liées aux conflits, aux divorces, aux ruptures – dans la filiation se paient d’un moindre soutien familial, qui fait la différence pour les jeunes parents, tous deux le plus souvent engagés sur le marché du travail. Les grands-parents n’en sont pas toujours nécessairement les réparateurs. Ils participent aussi à les maltraitance. Ils sont parfois les agents, mais aussi les victimes, tout comme les petit-enfants”.¹⁴ (SEGALEN, 2001, pp. 166).

Importante ressaltar ainda na questão dos avós o estudo desenvolvido por Peter Uhlenberg (2001), intitulado “*The well-being of adolescents: do co-resident grand-parents make difference?*”¹⁵, feito em 1998, com adolescentes americanos. Os resultados desta análise mostraram que os avós que residiam com as famílias monoparentais contribuíam para o bem-estar de seus netos muito além dos recursos econômicos. Inicialmente, do ponto de vista do comportamento, os adolescentes que viviam com seus avós e sua mãe eram os menos propensos a cometerem atos delinquentes que aqueles que viviam unicamente com a mãe. Isto foi notado mais particularmente em relação aos jovens do sexo masculino, sugerindo-se assim que os avós exerciam uma função de vigilância e controle. Entretanto não houve influência nos resultados

¹³ Tradução livre: “Porque os bisavós oferecem também, estejam eles conscientes ou não, as fontes secretas de uma força simbólica”.

¹⁴ Tradução livre: “Assim, as hesitações – ligadas aos conflitos, aos divórcios, às rupturas - na filiação se pagam com um menor suporte familiar, que faz diferença para os jovens pais, todos dois normalmente engajados no mundo do trabalho. Os avós não são sempre necessariamente os reparadores. Eles participam também de seus maltratos. Eles são às vezes os agentes, mas também as vítimas, como o são os netos”.

¹⁵ Tradução livre: “O bem-estar dos adolescentes: a co-habitação com os avós faz diferença?”.

escolares desses adolescentes. Por outro lado, verificou-se que a presença de um dos avós numa família monoparental melhorava a vida afetiva dos adolescentes, mais particularmente a das adolescentes do sexo feminino, que se mostraram menos propensas à depressão.

Quando se comparou a convivência com os avós e com *famílias acolhedoras*, ou pais adotivos, evidenciou-se a forte ligação entre os netos e suas avós, quando estas faziam o papel da mãe, esses laços eram muito mais fortes do que aquele que se estabelecia entre os adolescentes e *uma mãe* em outro tipo de arranjo familiar. Esses efeitos positivos no plano emocional, contudo, não mostraram repercussões sobre seus comportamentos: entre os adolescentes que viviam sem os pais as taxas de delinqüência e de resultados escolares não pareceram ter influência significativa pela presença ou não dos avós.

Uhlenberg (2001) acrescentou que apesar destes resultados com dados da relação dos avós nem sempre serem transformadores de comportamentos difíceis de seus netos, não havia razão para suspeitar que muitos dos avós tivessem a capacidade econômica e as competências parentais para melhorar a qualidade de vida de muitos netos. Mesmo face à situação de precariedade, sobretudo nas situações de extrema pobreza em que possam se encontrar avós e netos (principalmente a avó mulher, sozinha), caso haja investimentos e ajuda governamental, impostos pela lei, tal ação permitirá que essas avós cuidem de seus netos. (UHLENBERG, 2001, pp. 223).

1.3 – Avós e seus netos no contexto infracional

Quando realizamos o garimpo para apresentarmos o *estado da arte* da nossa pesquisa sobre a relação avós e netos em contexto infracional, somente encontramos um estudo direcionado especificamente a avós de netos em situação infracional. Trata-se da Dissertação de Mestrado, defendida, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC/SP, por Gisele Maria de Toledo Abrahão Schramm (2004) e intitulada: *“Avós e seus netos: Velhice ao lado da adolescência em conflito com a lei”*.

Construída a partir de prática cotidiana da autora, que envolvia os adolescentes que cumpriam a medida Sócio-Educativa da Liberdade Assistida e seus avós-responsáveis, buscou-se analisar os impasses e possibilidades dessa relação que compreende a adolescência dos netos e a velhice das suas avós. Foram entrevistados quatro avós e seus netos. Vale a pena ressaltar, ainda, que essas famílias pertenciam aos estratos sociais empobrecidos.

No âmbito da representação que um tinha do outro, percebeu a autora que as maiores dificuldades apontadas pelas avós da pesquisa, em relação a seus netos adolescentes autores de ato infracional, foram: o fato desses netos apresentarem comportamentos diferenciados daqueles apresentados por seus filhos e o quanto estes netos não possuíam os valores dos avós (nem queriam adotá-los), e tão pouco o de seus pais, tais como: honestidade, honra, sinceridade, caráter e respeito. Outra dificuldade apontada foi a de que a Escola não funcionava mais como um aliado na socialização desses netos e que também os avós não conseguiam imprimir nestes netos a marca de que estudar era um “valor”; também denunciaram forte dor de ter um neto envolvido com a infração, o que gerou, num primeiro momento, na vida desses avós uma “sensação de morte”, de “perda de sentido na vida”, pois até este evento ocorrer em suas vidas, seu maior patrimônio era o “nome limpo”.

Já os adolescentes representavam seus avós como “figuras maternas”, tendo com elas um forte vínculo afetivo. Não se referiram em momento algum de forma pré-conceituosa ao envelhecimento deles, ainda que citassem as dificuldades relacionadas ao “mundo das idéias dos avós”, que estava mais ligado ao “mundo do trabalho”, ponto frágil da relação destes adolescentes com seus avós: percebiam a necessidade de trabalhar, sobretudo para “agradar os avós” e ajudar nas necessidades deles e da família. Assim, experimentavam um campo de tensão e conflitos, pois se davam conta de seu precário processo educacional e da falta de uma aprendizagem profissional, fato que os deixava despreparados para competir no mundo do trabalho.

Porém, esta pesquisa também acenou para um panorama de possibilidades, dentro de uma categorização que a autora nomeou de “ajuda mútua” entre

avós e netos, que incluía a ajuda financeira, a ajuda nas tarefas cotidianas e a ajuda emocional. Esses avós se mostravam resilientes, resistentes frente à situação de sofrimento e dor, provocada pela situação infracional de seus netos, percebiam-se como “não-desistentes”. Pareceu que o reforço de buscarem se ajudar, no espaço intrafamiliar, deveu-se também ao fato de não haver, na comunidade onde viviam serviços públicos ou mesmo da sociedade civil que os auxiliasse, tanto em relação aos seus netos, quanto em relação aos próprios avós em sua delicada e vulnerável situação de vida: eram idosos, lidando com adolescentes autores de atos infracionais.

Ainda sobre a importância dos avós, na relação com adolescentes em conflito com a lei, mesmo que o estudo não objetivasse especificamente tal relação, com ela dialogou, visto que se dispôs a investigar o mundo dos adolescentes autores de ato infracional e o de seus irmãos não-infratores e intitulou-se: *Traçando Caminhos em uma Sociedade Violenta: A vida de infratores e de seus irmãos não-infratores*.

Esta pesquisa foi realizada nos anos de 1997 e 1998, e coordenada por Simone Gonçalves de Assis (1999) que pesquisou um universo de 99 jovens entrevistados, dos quais 92 serviram de base para as análises feitas, divididos em dois grupos:

- a) 61 adolescentes que cometeram infração e cumpriam medidas sócio-educativas de internação, em instituições do Rio de Janeiro (46) e Recife (15);
- b) 31 irmãos ou primos não infratores (20 no Rio de Janeiro e 11 em Recife).

Este estudo apresentou, como um dos focos de investigação, a análise da família e os outros três focos foram: a vida dos adolescentes; a experiência infracional e a vida na instituição.

Constatou-se nesta pesquisa o quanto a família foi apontada pelos adolescentes, nela envolvidos, como a primeira e grande rede social de apoio, mesmo para aqueles que não tinham o vínculo familiar preservado.

Também observou Assis (1999), ao investigar a vida dos adolescentes, e mais amiúde as recordações de infância, que os bons momentos relatados pelos entrevistados referiam-se, primordialmente, a situações familiares agradáveis, tais como: a união familiar (quando os pais viviam juntos), o nascimento de um membro da família querido, a saudade de alguém que já falecera (inclusive dos avós) e o bom convívio em família.

Quando indagados sobre os momentos ruins vividos, esses jovens respondiam com mais frequência, que era a morte de pessoas queridas, sobretudo familiares, na qual a morte de algum avô (ó) era nomeada.

Na análise final da pesquisa, a autora elencou alguns dos fatores que ela julgou protetores visto que pareciam contribuir para que alguns adolescentes não sucumbissem aos destinos 'escolhidos' pelos irmãos e colegas da comunidade, a partir de três níveis de análise: o familiar, o comunitário/societário e o individual.

Ficou patente, a partir da narrativa de alguns dos adolescentes não-infratores, que o fato de terem recebido apoio efetivo, com imposição de limites e preocupação com sua conduta inclusive pelos avós que os criaram, o fator de sua não-inserção no mundo da infração. Evidenciando assim, a possibilidade de se ter no próprio grupo familiar, elementos que foram protetivos na trajetória de vida desses adolescentes, expostos aos violentos espaços em que habitavam, e dos quais também se tornaram reprodutores.

Baseada na revisão de literatura sobre os avós nas décadas de 1960 a 1990, de Dias e Silva (2001), da Universidade Federal da Paraíba, que estabeleceram doze eixos de análises, somente um destes eixos aludia à questão de avós/netos em situação de conflito com a lei e foi nomeado de: "Os avós em situações especiais". FARBER & RYCKMAN, 1965; WEINSBREN, 1991, citados pelas autoras, apresentaram como *situação especial* o fato de haver uma criança incapacitada na família e a constatação do uso de drogas por algum membro da família, fatos que conjugados eram fonte de grande

stress relacional familiar. BURTON, 1992, também localizado pelas autoras desta revisão sobre avós, desenvolveu um estudo com avós-cuidadores de netos usuários de drogas e evidenciou os estressores advindos de tal situação: tanto no âmbito contextual, familiar e individual. Mostrou ainda o referido estudo, o quanto esses avós-cuidadores, demonstraram a carência de serviços de apoio em suas comunidades: tanto emocional quanto instrumental para si e para seus netos. NEWCOMB e BENTLER, também mencionados por Dias e Silva (1999), desenvolveram seus estudos sobre mães e avós usuárias de drogas e os efeitos intergeracionais disto, sobre os netos.

É no contexto desta trama relacional que teceremos o enredamento da relação intergeracional avós e netos de nossa pesquisa. No panorama apresentado neste capítulo: sobre os laços intergeracionais entre a pesquisadora e seus avós; a partir das análises sobre geração, memória familiar e avós e contando com a correlação entre os estudos de avós e netos no contexto infracional, ficou evidente a força de sustentação afetiva, concreta e simbólica que tem esse laço social.

2- Sobre qual “família estamos falando”? Uma reflexão interdisciplinar sobre a família

Julgamos importante para a compreensão dos fenômenos observados nas famílias focadas da pesquisa, tecer algumas considerações sobre a epistemologia de família a que nos referimos neste estudo, para isso precisaremos nos debruçar sobre a análise das questões que lhe são inexoráveis, visto que as famílias se compõem de *relações sociais historicamente construídas, circunscritas em tempos diferenciados e marcadas por culturas locais*.

Lamentamos a limitação com que, na maioria das vezes, os diferentes campos do saber realizam suas análises e constroem suas verdades sobre a família. A psicologia, sociologia, história, filosofia, teologia, ciências sociais aplicadas, notadamente o serviço social, medicina, pedagogia, bem menos a antropologia, realizam estudos analíticos sobre os laços familiares a partir de *lentes disciplinares*, o que revela a eterna luta humana pelo poder no campo das ciências, deixando-nos, contudo, órfãos de uma análise mais densa e profunda.

Com o intuito de enriquecer nosso estudo no campo da família e com a perspectiva de contribuir para uma reflexão interdisciplinar sobre o tema, buscamos nas bibliotecas francesas, especialmente na do *Centre Edgar Morin*¹⁶ em Paris, nos sites de bibliotecas brasileiras e estrangeiras, diferentes análises sobre a família, tendo como bússola a proposta da *interdisciplinaridade* que como bem nos assevera Rodrigues (2000a, p.3):

¹⁶ Este estudo fez parte do Plano de Atividades do doutoramento Sandwich da pesquisadora, realizado no Centre Edgar Morin, França de fevereiro a maio de 2008.

“possibilita não só a fecunda interlocução entre as áreas do conhecimento como também constitui uma estratégia importante para que elas não se estreitem nem se cristalizem no interior de seus respectivos domínios; favorece o alargamento e a flexibilização dos conhecimentos disponibilizando-os em novos horizontes do saber”.

Apresentaremos neste capítulo um *Mosaico Interdisciplinar sobre a família* privilegiando os seguintes campos do saber: *História; Antropologia; Sociologia; Demografia; Psicologia e Serviço Social.*

2.1 - O Mosaico Histórico sobre a Família

Observamos que a *família como campo de pesquisa propriamente histórico* é relativamente recente (RABB et. ROTBERG, 1971; BURGUIÈRE, 1999; ALMEIDA, 1991; COSTA, 2004). Contudo podemos encontrar já na segunda metade do século XIX, estudos sobre a história da família, como os de Jacob Bachofen sobre o Direito Materno, publicado em 1861 e o livro do historiador Charles Morgan, publicado em 1877 e que tratou da família na Sociedade antiga. Bem mais conhecido é o estudo de Frederich Engels, produzido em 1884, sobre a Origem da Família.

Este primeiro campo de estudos buscava analisar, do ponto de vista histórico, os diferentes arranjos familiares que precederam as sociedades contemporâneas do século XIX. Foi possível desvendar, a partir do pensamento progressista e positivista deste período os grandes elementos constitutivos da família patriarcal burguesa e sua existência como instituição histórica.

Verificamos ainda que como “campo da história”, a família é amplamente interpretada e seus contornos são indefinidos. Encontramos o termo família usado, ora no estudo histórico da criança e da juventude, ora em alguns aspectos da educação e da história da mulher e do movimento feminista. Também tem sido identificada com uma “psico-história”, ainda que nem todos

os aspectos da história da família estejam envolvidos com interpretações psicológicas.

Encontramos exatamente nos estudos sobre a “psico-história” que mais tarde se chamou de “história das mentalidades”, dirigidos por Marc Bloch e Lucien Febvre, em 1929, na Universidade de Strasburg, na França, o “novo” marco de estudos sobre a família. Esta nova proposta que foi criada em oposição aos estudos históricos pautados em análises políticas e diplomáticas européias, propunha um caminho multidisciplinar com diferentes campos das ciências, a saber: a antropologia, a sociologia, a geografia e a psicologia. Estes estudos apareceram através da revista *Annales d’Histoire Économique et Sociale*, que foi fundada em 1929.

Acompanhamos nos anos 50 a certo “abandono do “tempo histórico” proposto por Bloch e Febvre, em detrimento de uma análise mais de “longa duração”, proposta por Fernand Braudel, que privilegiava mais as “permanências” que as “mudanças”.

Surgiu então, nos anos 70, a chamada promoção de uma “história fria”, na qual testemunhamos “quase o desaparecimento” da subjetividade do sujeito, outro dos aspectos centrais do pensamento de Febvre e Bloch, além de se perceber também a acentuada tendência à abolição do tempo histórico. Mas é justamente neste período que se acompanhará a maior popularidade dos *Annales* e entre seus novos objetos de estudos se situam: a família, a sexualidade, o casamento, a mulher e a criança. Estarão entre os estudiosos desta temática os seguintes intelectuais, dentre outros: André Burguière, François Lebrun, Edward Lebrun, Edward Shorter, Laurence Stone e John Noonan.

Estudos quantitativos sobre a família foram desenvolvidos, sobretudo em Cambridge, Inglaterra. Neste mesmo período podemos destacar um estudioso que apesar de estar fora do campo Histórico Acadêmico, produziu uma obra que marcou e diferenciou o estudo sobre a família neste período: Phillippe Ariès (anos 60). Ao analisar “*L’Enfant et la vie familiale sous l’Ancien Regime*”,

Philippe Ariès retorna historicamente ao estudo da perspectiva histórica datada e subjetivada, além de ampliar a maneira monolítica e idealizada para cada época com que eram analisadas a infância e a juventude. Até esse livro, pouca atenção era dada à possibilidade de que os vários estágios do ciclo vital mudassem e que o tratamento, a percepção e as experiências dos vários estágios do desenvolvimento humano diferiam nas várias sociedades e entre diferentes grupos sociais.

Algumas particularidades da história da família no Brasil

Também uma nova maneira de tratar a família chegou ao Brasil do século XIX. Desembarcou pelos navios, como nos conta Almeida (1991), os mesmos que nos trouxeram as novas mentalidades sobre o liberalismo, sobre o higienismo, o positivismo e o cienticismo. Contudo estas novidades aqui se encontraram com uma cultura complexa que mesclava a mentalidade católica trazida pela colonização portuguesa e os costumes próprios que caracterizavam a família patriarcal rural e escravista.

Na História do Brasil do século XIX pode-se verificar esse movimento de combinação entre o “velho” e o “novo”, deixando por aqui as marcas de sua “combinação burguesa”, alicerçada nos princípios de: propriedade das pessoas e das terras, consideradas sagradas, assim como eram sacros os princípios do casamento religioso indissolúvel e as práticas disso decorrentes da prostituição e da bastardia, práticas regulamentadas pelos princípios da Santa Igreja Católica.

Os principais agentes entre nós dos novos padrões de vida em sociedade e em família foram os *médicos e higienistas*. A família ideal projetada pelos higienistas se deixaria manipular, acreditando ser respeitada, abandonaria antigos privilégios em troca de novos benefícios e aprenderia a se auto-regular passando a tornar cada um de seus membros em “agente da saúde estatal e individual”.

Sendo assim, o antigo cenário da família colonial, que tendia a julgar seus atos, gestos e desejos por uma ordem causal externa ao destino pessoal, precisaria ser mudada. A anterior solidariedade da família colonial inibidora da individualidade deveria ser trocada por uma nova ordem familiar pautada pelo “amor”, na intimidade e no indivíduo “psicologizado”, fazendo progredir assim, simultaneamente: a privacidade familiar, o conforto doméstico e a interiorização dos indivíduos.

Antes mesmo que os arquitetos, urbanistas, demógrafos, pedagogos, psicólogos, sociólogos e assistentes sociais se impusessem a casa e à família colonial brasileira, foi o saber médico que impôs seu modelo organizacional social (COSTA, 2004). O novo ciclo anti-higiênico se alimentava de seus próprios efeitos e apresentava como figura central a mulher. Considerada uma má alimentadora de seus filhos era vista pelos médicos como pálida, flácida e doente, engrossando assim o coro de viajantes e imigrantes europeus que considerava inferior e degradante toda a forma que não fosse a sua.

Portanto, o novo cenário familiar exigia que a mulher “saísse da alcova”, fosse para a rua e, sobretudo a mulher de posses deveria receber visitas e estar sempre participando das conversações. O lugar do “escravo” essencial para o *bom* funcionamento da família colonial e urbana encontrou no saber médico apoio para a ideologia escravagista, havendo, contudo uma pequena alteração higienista: de “animal útil à propriedade”, ele se tornou “animal nocivo à saúde”, o que assegurou seu lugar disciplinar. Também se incorporou à figura do escravo o papel de produtor de defeitos morais: preguiça, indolência, soberba e vaidade, além de ser considerada fonte de prostituição e desregramentos morais e sexuais.

Para além dos benefícios obtidos pela família por sua colaboração com a medicina e conseqüente submissão à higiene, tivemos implantados desde então os elementos que compõe historicamente a cena da família brasileira até os dias de hoje, a saber: a “intimização” e “estatização” dos indivíduos; a perda das “raízes familiares” extensas e as suas solidariedades, colocando as famílias numa formatação mais individualizada e nuclear, saturada de cuidados

físicos e sentimentais. Fragmentando as antigas relações de “casta”, religião e propriedade, a medicina higiênica preparou a família para “encaixar-se” e participar da criação/adoção de “valores de classe, corpo, raça e individualismo, característicos do Estado burguês” (COSTA, 2004, p.151).

2.2 - O Mosaico Antropológico sobre a família

Tomaremos para esta análise o ponto de vista da corrente estruturalista da Antropologia, como caminho para ampliar nosso olhar sobre as “naturalizações” e “idealizações” postas sobre a família em nossa sociedade ocidental contemporânea.

Apoiados nos estudos de antropólogos (LÉVI-STRAUSS, 1982; SARTI, 1992) sobre o parentesco, aprendemos que pelos laços de parentesco se estabelecem os elos nas sociedades tribais. Mas como nos conta Sarti (1992), parentesco não é a mesma coisa que família, apesar de tratarem de questões básicas da vida: nascimento, acasalamento e morte.

A principal diferença se encontra no fato de que a família se constitui como um grupo social concreto, ao passo que as análises de parentesco compreendem o estudo da “estrutura formal, abstratamente constituída, que permeia esse grupo social concreto.” (SARTI, 1992, p.70).

Para a Antropologia, então, os sistemas de parentesco são resultantes da combinação de três tipos de relações básicas: *a relação de descendência* (ex.: pai, mãe e filho); *a relação de consangüinidade* (ex.: relação entre irmãos) e *a relação de afinidade* (ex.: casamento). Tendo um caráter universalizante, toda e qualquer sociedade é formada pela combinação dessas três formas de relação.

Abramos agora o rico debate sobre as diferentes combinações nessas três relações básicas. A primeira questão que se coloca está na *relação de descendência*. Em nossa sociedade patriarcal, a descendência é bilateral, ou seja, descendemos do pai e da mãe. Contudo, em sociedades matriarcais, o

filho se situa fora da linha de descendência do pai biológico, neste arranjo social, a descendência não tem a ver com a vinculação biológica, mas sim com a definição social das “regras de transmissão de direitos de uma geração para outra” (SARTI, 1992, p.71); aí o pai é somente o marido da mãe, separando assim, filiação de descendência. Neste arranjo societal, Lévi-Strauss (1982) esclarece o *caráter não natural da família*, evidencia-se que a figura do pai é uma figura social, construída pelo casamento e que nesta forma de organização social, o casamento *legitima a relação com os filhos e não a relação do homem com a mulher e as relações sexuais*.

O debate sobre a *consagüinidade*, também serve para desnaturalizar a família, uma vez que Lévi-Strauss (1982) separa a unidade biológica pai-mãe e filho e introduz a dimensão cultural. Isto ocorre ao se reconhecer que uma família para se constituir necessita de dois grupos: nestes moldes, um homem oferece a mulher a outro homem que a recebe e no exercício exogâmico (que trataria de alianças de sobrevivência para as pessoas da tribo, fora dos limites da tribo) *as famílias nasceriam de alianças de diferentes grupos*.

Também neste ponto Lévi-Strauss apresenta o *tabu do incesto*, não como *uma inclinação natural* e sim como um princípio de organização social. As definições *do tabu do incesto* e da *divisão sexual do trabalho* estabelecerão, para este ato o *legítimo, o proibido e o permitido dos arranjos familiares*. Com este olhar sobre a família, evidencia-se o casamento como destruidor da naturalidade da relação mãe e filho e o tabu do incesto como destruidor da naturalidade das relações sexuais.

Avançando nesta discussão, destacamos alguns pontos que podem ser transpostos para nossa compreensão atual sobre os arranjos familiares: é possível vislumbrarmos a “des-universalização” e a “des-naturalização” da família a partir da decomposição das relações que envolvem a famílias e também podemos pensar as mudanças na família de uma maneira “não totalizante”.

Analisando o funcionamento das famílias contemporâneas na França e nos países ocidentais, Singly (2007; 2003) a partir de um misto entre uma análise antropológica e sociológica, apresentam-se dois novos pilares nos quais se sustentam as famílias: *a autonomia e a independência*. A partir daí, propõe este autor que a família e seus membros, corram atrás da “*fórmula mágica*” que lhes possibilite a realização do “*ser livre junto*”. Ambos os pilares tratam, portanto de uma “dupla individualização” e segundo este antropólogo, a família mudou para produzir esses indivíduos, visto que ela está inserida em *sociedades individualistas*. Apesar disso, o indivíduo precisa do “olhar do outro” a quem ele atribui importância e sentido.

Sendo assim, podemos designar a família contemporânea como “*relacional e individualista*” e perceberemos assim, que é nessa tensão entre esses dois pólos que se matizam os cenários familiares contemporâneos, tanto em relação à sua construção vincular, quanto ao seu movimento de desfazer tais vínculos.

Algumas particularidades sobre a Antropologia da família no Brasil

Estudos antropológicos brasileiros (SAMARA, 1983) mostram que a “família patriarcal brasileira”, tão fortemente difundida na região açucareira, na época colonial, não foi na realidade difundida uniformemente por todas as outras regiões. Sobretudo as unidades domésticas entre grupos populares, não obedecem à mesma lógica estabelecida pela família patriarcal. Quando analisadas mais amiúde essas famílias demonstraram particularidades de *sua situação de classe*, bem como as repercussões desta na organização familiar.

A própria composição dessas *famílias populares*, vence a lógica constitutiva das classes médias e altas brasileiras: a da família conjugal (pai, mãe e filho(s)) e incluem o mais das vezes debaixo do mesmo teto três gerações, agregados e “colaterais”.

Contrariando o “estigma” que agrega à pobreza a delinquência e a promiscuidade na família, além do chavão (utilizado por todos os níveis de

“experts” em questões de delinquência e família, a saber: muitos juízes, assistentes sociais, psicólogos, pedagogos, etc.) de ser a família pobre uma “família desestruturada”, a importante pesquisa desenvolvida por Cláudia Fonseca (2002) sobre *a circulação de crianças*, mostrou as famílias empobrecidas em suas redes de sociabilidades tecidas a partir da circulação, envolvendo parentes, vizinhos, amigos e até instituições públicas.

Fonseca (2002) estabeleceu como guia de estudo a hipótese de que nos morros Porto Alegrenses havia a possibilidade de se encontrar um tipo de família que, para muito além de ser apresentada como “família antepassada” a “família moderna”, consolidaria seus laços consangüíneos paralelamente com o “declarado” (estatístico) crescimento da “família conjugal”.

Foram colhidos pela autora depoimentos de cerca de 120 famílias sobre quase cem crianças que tinham “circulado”. Ela não foi apresentada a nenhum caso sequer de “adoção legal” por parte da família com quem essas crianças viviam. Corroborando com outros estudos antropológicos que já apontavam para o “caráter” aberto da unidade conjugal nas camadas empobrecidas, evidenciou-se neste estudo o aspecto de abertura, presente até nas próprias construções das habitações (os puxadinhos).

Foi possível perceber nesta realidade estudada, o quanto as decisões que envolviam as crianças, não estavam de maneira alguma *restringidas ao casal*, questões tais como: maneira de criá-las, escolarizá-las, para onde iriam após morte ou divórcio dos pais e outras. Era muito comum que os primeiros filhos de uma geração passassem seus primeiros anos de vida com uma avó, que cuidando deles cumpria as “derradeiras obrigações familiares”. Décadas depois, quando esta “obrigação” se transformava em “direito”, esta avó poderia reivindicar, na sua velhice, a companhia de um dos netos mais novos.

Também se comprovou neste estudo que o ‘costume’ de batizar uma criança duas ou mais vezes, dando a ela vários padrinhos, era um “índice de coletivização” da responsabilidade por ela, segundo Fonseca (2002, p. 32): “Se as crianças não passassem a ser responsabilidade de todo o grupo de parentesco, se

não tivessem circulado facilmente entre vários adultos, é difícil imaginar como esta população teria se reproduzido”.

Diante de um cenário deste, pode-se dizer que ainda que nem todas as crianças de classes menos favorecidas financeiramente e de classes operárias tenham experimentado a realidade de viver com “outros cuidadores”, essas famílias envolvidas na circulação de crianças, talvez se constituam no Brasil empobrecido, como grande maioria.

2.3 - O Mosaico Sociológico sobre a família

Quando buscamos as análises feitas pela Sociologia sobre a família, constatamos que a família é percebida como grupo social particular em relação a outros grupos sociais e tem sido estudada, de diferentes formas. Utilizaremos aqui, a classificação apresentada por Saraceno (2003), a saber, as abordagens: *institucional, estrutural-funcionalista, a marxista e a interacionista da família.*

Os estudos da família na abordagem institucional analisam a família do ponto de vista de ser ela uma instituição base de toda a sociedade onde quer que ela esteja estabelecida, mudando conforme o tempo e o espaço onde se situe. Esta análise não se detém na microssocialidade da família e sim na macrossocialidade, estabelecendo-se como critério analítico para compreender a família, as “leis” que regem o contexto institucional, suas normatizações e sanções.

Para a abordagem estruturalista-funcionalista a família é estudada como um subsistema social marcado por expectativas socialmente condicionadas que conferem “funcionalidade” a este agrupamento social. Como maiores “funções” da família encontramos: a socialização primária dos filhos, bem como a estabilização sócio-psicológica” do adulto, consideradas essenciais para a continuidade da vida em sociedade. Também o estabelecimento dos papéis sociais no seio das famílias é contemplado como alvo de estudo desta abordagem.

O que confere particularidade a socialização da família é o fato da criança estar dependente do mundo dos adultos o que lhe ajuda a definir o seu próprio "eu" e os "outros". Assim a criança começa a desempenhar os primeiros papéis e atitudes, a partir das pautas comportamentais que lhe são dados pelos adultos que lhe são significativos (os "outros significativos"). Na família são valorizadas determinadas atitudes e comportamentos tais como: afeto, amor, lealdade, respeito, confiança entre outros e todos são sempre atrelados às expectativas dos socializadores da família.

O aporte marxista sobre a família é marcado pela visão dialética na qual ela é irremediavelmente e inexoravelmente produto histórico de cada formação sócio-econômica, visto que suas distintas formas de solidariedade não são mais que reflexos da divisão social do trabalho. Com isto, a família emergente da sociedade capitalista seria o "espelho miniaturizado" da sociedade de classes, no qual uma classe (a dos homens; a dos adultos) oprimiria a outra classe (a das mulheres; a das crianças) sendo por isso o casamento percebido como uma forma de antagonismos de classes em que o bem-estar de uma implica na repressão da outra. Nesta perspectiva, a família seria atingida em sua interioridade pelas forças macrossociais e aí sua progressiva socialização implicaria em registro e controle dos instintos de seus membros, processo que redundaria em conflitos que poderiam reagir destrutivamente contra a família (ADORNO e HORKHEIMER, 1987).

Na análise interacionista, o agrupamento familiar é apresentado em seu nível microssociológico, focando-se as complexas tramas inter-relacionais em seus meandros. A família aí é vista como uma unidade de pessoas que interagindo *co-constroem*, continuamente suas relações. Segundo esta perspectiva a sociedade não existe, nem se constitui sem os indivíduos, eles influenciam-se reciprocamente, em sua complexidade o que inclui o conjunto de trocas que envolvem as pessoas entre si e com seu entorno.

Quando acompanhamos *as transformações familiares pelo olhar do sociólogo*, a partir da análise apresentada por Peixoto (2007), descobriremos que a família

contemporânea ocidental tem sofrido grandes transformações que se acentuaram marcadamente a partir dos anos 1960. Essas mudanças, contudo, ao invés de enfraquecerem a instituição família, têm se movido na direção de novos arranjos que acompanharam, sobretudo, as transformações nas relações de gênero, que se expressam de diferentes formas: maior controle de natalidade; participação intensa da mulher no mundo do trabalho e as grandes e profundas mudanças que se processam no âmbito da sexualidade.

As mudanças na dinâmica da sexualidade, segundo Peixoto (2007), reorientaram os vínculos sexuais *para além do domínio da conjugalidade*, lançando-o para além da circunscrição da esfera do matrimônio, a partir de *novas dinâmicas societárias*, como a do fenômeno das famílias homossexuais e/ou homoparentais. Face a tantas mudanças a sociologia da família ganha novos contornos e se desenvolve em meio a uma diversidade de abordagens teórico-metodológicas.

Algumas particularidades sobre a Sociologia da família no Brasil

Estudos sociológicos (SARTI, 2003; DURHAM, 1978) atestam algumas particularidades sobre a família pobre brasileira, que tiveram como gênese os estudos das ciências sociais brasileiras que, a partir dos anos 1970, passou a identificar, indiscriminadamente “os pobres” como “os trabalhadores”, sem distinção alguma entre mercado formal e informal de trabalho. O trabalho, que foi concebido como *eixo de definição social do sujeito*, passou a se constituir como a principal categoria pela qual se pensou e se analisou os pobres em nossa ciência social.

Pode-se dizer, desde aí, que a grande importância dada pelos pobres para a família, evidencia: a precariedade de nossos serviços públicos de saúde, educação e de proteção social; a realidade “privada” dos recursos de sobrevivência brasileira. Tais elementos somados a um aparato frágil de mediação social: sindicatos, partidos políticos e etc. *obrigam* os mais pobres a se adaptarem ao meio urbano e a legislarem seus cotidianos, mediados pelas relações familiares. Estas relações se fundam num *código* de lealdades e de

obrigações mútuas e recíprocas típico das relações familiares. (SARTI, 2003, p.52).

Mais do que ser o elo afetivo mais forte dos pobres, de ser o seu núcleo de sobrevivência material e espiritual e de ser o principal meio pelo qual viabiliza seu modo de viver, a família é para eles *o próprio substrato de sua identidade social*. Para além do valor funcional e instrumental, a família é para o pobre sua identidade de ser social, sua referência simbólica na qual estrutura sua explicação do mundo.

Quando Sarti (2003) empreendeu em 1988 uma pesquisa em um bairro de periferia paulistano tomou como ponto de partida a família, para compreender com que categorias morais os pobres organizavam e davam sentido a seus mundos. A pesquisa focalizou inicialmente a moralidade na família e depois a estendeu para o bairro e vizinhança. Entendeu a autora que a escolha da família como via de acesso ao problema da moralidade não foi arbitrária ou casual, mas se deveu à importância da família como referência simbólica para os pobres, tanto dentro, quanto fora de casa. Foi possível assim, perceber pela família a “imagem espelhada” com a qual os pobres pesquisados ordenavam e davam sentido ao mundo social em que viviam.

Pode concluir a autora, com a pesquisa, que a família para a população estudada, associou-se àqueles em quem se podia confiar. A delimitação da família estava vinculada à extensão da “rede de obrigações” (não passando da geração dos avós) que se estabelecia: eram da família aqueles *com quem se podia contar*, ou seja aqueles que retribuía aquilo que lhes era dado. Tais retribuições, entretanto, não eram imediatas, daí porque era necessário *confiar*. Não se tratava, portanto, de um dar e receber imediatos, porém de uma cadeia difusa de obrigações morais na qual se dava algo, na certeza de que de *algum lugar viria a retribuição*, além de ter na crença em Deus, a grande garantia de continuidade da cadeia do bem.

Percebeu, por fim, Sarti (2003) que os valores “tradicionais” encontrados nas famílias, longe de ser um sinal de anacronismo cultural, revelavam nossa

“retradução” do mundo capitalista em termos de reciprocidade, “o que nem sequer se configura como dilema entre o moderno e o arcaico, porque essas duas ordens constituíram, em seu entrelaçamento, uma ambígua forma de ser.” (SARTI, 2003, p. 143).

2.4 - O Mosaico Demográfico sobre a família

Inicialmente desenvolvida para os estudos da população em geral e história local, a demografia tem se tornado crucial para o estudo das famílias, no tocante à sua sociologia, mas, sobretudo para o planejamento e execução de políticas sociais consistentes e sustentáveis para esse agrupamento social.

O termo *demografia* foi criado em 1855 por Achille Guillard, no livro *Eléments de Statique humaine ou démographie comparée*, para nomear a ciência que trata das condições, movimento e progresso das populações. Seu significado se ampliou e pode ser tratada como *ciência das populações humanas*.

Seu estudo torna-se fundamental uma vez que a *população* é um elemento político essencial e a demografia dá cunho específico aos distintos arranjos de uma sociedade (se mais jovem; mais idosa; urbana; rural; formada por quais etnias, etc.) e por conseqüência inventaria todos os dados a ela pertinentes: números populacionais; flutuações; composições por distintos critérios: distribuição territorial; movimentos migratórios, etc., tantos os atuais quanto os futuros que poderão ser utilizados como planejamento econômico, político, de cada sociedade.

A Escola Demográfica Francesa (RABB, e ROTBERG, 1971) que se desenvolveu após a 2ª Grande Guerra provê os estudiosos da família com ferramentas para a medição: das mudanças familiares, das migrações, dos índices de fertilidade, do controle de natalidade, da moralidade infantil e dos padrões de relacionamentos familiares, dentre outros aspectos.

Historicamente a Demografia através das técnicas de *reconstituição familiar*, tem habilitado historiadores a reconstruírem os padrões familiares de um

contingente inumerável de pessoas e também de ser capaz de traçar possíveis padrões para as novas gerações.

Desde os anos 1960, em todas as partes do mundo, *a unidade familiar* emerge como foco crucial de todas as transações econômicas e como base de estabilidade e mudanças sociais. Destacam-se nos estudos demográficos da família as análises dos vários estágios do ciclo vital.

Algumas particularidades sobre a Demografia da família no Brasil

Para apresentar a *família brasileira* a partir da ótica demográfica, nos utilizaremos do relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE sobre a *Síntese de Indicadores Sociais – uma análise das condições de vida da população brasileira em 2007*.

A principal fonte de informação para a construção dos indicadores foi a *Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios – PNAD*, para o ano de 2006, cuja cobertura abrangeu todo o Território Nacional.

Iniciando pelos dados demográficos mais gerais sobre nossa população brasileira, os indicadores sociais de 2007 mostraram que somos uma população total de 187,2 milhões de brasileiros, com uma densidade demográfica de 22 habitantes por quilômetro quadrado concentrados nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste. Chama atenção a densidade demográfica da Região Metropolitana de São Paulo de 19,7 milhões de habitantes o que corresponde a 10,5% do contingente populacional do país.

O contingente de crianças e adolescentes de até 14 anos de idade representa 25,8% do total da população. Outro ponto que merece destaque é o contingente da população idosa com 70 anos ou mais que apontou para um total de 8,5 milhões de pessoas (4,6% da população total). O aumento da esperança de vida e a queda do nível geral de fecundidade resultaram no aumento absoluto e relativo da população idosa. A vida média do nascer entre 1996 e 2006 incrementou 3,5 anos, com a população de mulheres em situação

mais favorável que a dos homens (de 72,3 para 75,8 para mulheres e de 65,1 para 68,7 para os homens, respectivamente).

Nesse sentido a taxa bruta de mortalidade, representante dos óbitos na população caiu de 6,7 em 1996 para 6,2 em 2006. A taxa de fecundidade total manteve sua tendência de declínio ao passar de 2,7 para 2,0 por mulher nesse período.

A nomenclatura *família* utilizada pelo IBGE/PNAD, compreende igualmente os arranjos familiares onde existem laços de consangüinidade, dependência econômica e/ou residência em um mesmo domicílio, e também, grupos distintos de pessoas que habitam o mesmo domicílio. Face a esta distinção, têm sido consideradas como *famílias*: as pessoas que moram sós – *famílias unipessoais* – os grupos com até cinco pessoas que vivem sob o mesmo teto, ainda que não tenham vínculo de parentesco – *famílias sem parentesco* – e os grupos que abrangem a *família com parentesco*. As condições de vida mais analisadas nesse documento IBGE/PNAD dizem respeito às condições de vida das *famílias com parentesco* (89,1%).

Os arranjos foram distribuídos da seguinte forma: *famílias constituídas por casais com ou sem filhos; famílias de mulheres sem cônjuge com filhos; outros tipos, como monoparental masculino, ou irmãos ou outra combinação de parentes; arranjos de pessoas conviventes sem laço de parentesco* e por fim *arranjos unipessoais*.

Como grande conjunto de resultados neste PNAD 2006, a distribuição de arranjos manteve as tendências já verificadas nos últimos 10 anos, a saber: o crescimento da proporção de pessoas que moram sozinhas; dos casais sem filhos; das mulheres sem cônjuge e com filhos na chefia da família e também uma visível redução da proporção de casais com filhos.

Importante assinalar que o tipo monoparental feminino tem expressão significativa nas áreas urbanas, sobretudo no contexto metropolitano. No conjunto do país, a média em 2006 que foi 18,1% mostrou um crescimento de

3 pontos percentuais em relação a 1996 (15,8%). As diferenças por regiões mostraram uma proporção de 16,6 em Curitiba, a 25,5 em Recife.

Por outro lado, torna-se interessante observar o aumento dos arranjos com *chefia feminina, onde há presença de cônjuge*. A média nacional foi de 20,7%, com variações nas regiões metropolitanas de 17,7% no Rio de Janeiro e 30,5% em Fortaleza.

O PNAD 2006 também confirmou a tendência de redução do tamanho da família, que passou da média de 3,6 pessoas em 1996, para 3,2 em 2006. Esse comportamento se verificou em todos os estratos sociais. As diferenças conhecidas usualmente entre Nordeste e Sudeste não se aplicaram no caso do tamanho das famílias com rendimento mensal per capita de até 1/4 de salário mínimo. Ambas as regiões apresentaram número médio de pessoas muito próximo: 4,3 e 4,2, respectivamente.

O valor médio do rendimento familiar per capita, particularmente relevante para se avaliar o bem-estar das famílias brasileiras, segundo o PNAD 2006, ficou em torno de R\$596,00, porém em metade das famílias brasileiras, o rendimento ficou abaixo de R\$350,00. Apontando a profunda desigualdade de renda do País, verificou-se que as famílias situadas nos 4 primeiros décimos da distribuição de renda tinha como rendimento o valor de R\$147,00, o que correspondia a pouco menos de 1/2 salário mínimo daquele ano. No último décimo, o rendimento alcançou quase R\$2678,00, ou seja, 18 vezes mais. Considerando ainda o conjunto de 565 mil famílias correspondentes ao 1% mais rico, o rendimento era de R\$7688,00 per capita.

Todavia, foi detectada uma ligeira tendência de redução na comparação entre os rendimentos dos 40% mais pobres e dos 10% mais ricos entre os anos de 2001 e 2006.

Em relação à idade dos filhos, do total de arranjos onde havia presença dos filhos (51,8%) todos tinham crianças menores de 16 anos. No Nordeste e Centro-Oeste, os percentuais de famílias com todos os filhos menores de 16

anos eram os mais elevados: 55,9% e 54,0%, respectivamente. Na etapa de dispersão do ciclo de vida da família, quando todos os filhos têm mais de 16 anos, o Sudeste era a região que apresentava maior proporção, 36,8%.

Quanto às responsabilizações com sustento e educação por esses filhos, de modo geral, era compartilhada. Quando se tratava, porém, de famílias monoparentais, na grande maioria (89,2%) as responsabilizações eram chefiadas (pessoa de referência) pelas mulheres. Deste contingente monoparental feminino 47% viviam com $\frac{3}{4}$ de salário mínimo per capita.

Por fim, em relação à inserção dos membros da família no mercado de trabalho, evidenciou-se que os homens, estivessem eles ou não chefiando suas famílias ou como cônjuges, tinham suas taxas de ocupação superiores às de todos os outros membros. Entre as mulheres, as taxas de ocupação, tanto as de posição de pessoa de referência quanto de cônjuges, giravam em torno de 54% em 2006. Também se verificou que a taxa de ocupação dos filhos foi maior nos arranjos onde a chefia da família era feminina de 44,1% e de 40,3% com chefia masculina. Sendo esta uma situação mais freqüente no Sul e Sudeste.

2.5 - O Mosaico Psicológico sobre a família

Podemos datar como primeiros estudos psicológicos sobre a família as análises de Freud sobre o jovem Hans em 1909 (FOLEY, 1990), visto que para tratar seu paciente, o pai da Psicanálise primou pela análise inter-relacional pai-filho.

Contudo, o arcabouço de compreensão psicanalítico sobre a família e seus conflitos sempre se mantiveram atrelados ao *modelo de família conjugal moderna*: pautada pelos valores morais e comportamentais de uma classe burguesa. A psicanálise ganhou reforços em seu ideário *normativo para a família*, com as experiências psiquiátricas da psicohigiene, desenvolvida a partir dos anos 1930, que carregava a família de uma culpabilização por

qualquer inadequação no comportamento de seus filhos, fosse no âmbito da educação ou da doença psíquica.

No pós Segunda Guerra Mundial, presenciamos uma ampliação na leitura *intrapsíquica* dos conflitos familiares, passando a apoiar-se, o quadro psicológico teórico-interventivo da família, mais em uma perspectiva analítica do relacionamento interpessoal e da comunicação entre os membros da família. Vimos nascer neste momento um processo de *vulnerabilização e destituição dos saberes da família*, sobretudo no tocante à educação e cuidado de seus filhos. (ROSA, 2002). Também presenciamos, neste momento sócio-histórico, a emergência do *especialista da família*, que passou a intermediar “*com conhecimento específico*” as relações e conflitos da família, tão mais freqüentemente quanto mais se patologizou e culpabilizou essa família.

O conhecimento psicológico sobre a família passou a partir dos anos 1960 (fim) e 1970, a considerar a família como um *sistema sociocultural aberto em processo de transformação, apresentando uma seqüência de desenvolvimento com vistas a complementar o desenvolvimento psicossocial de cada um de seus membros*. (MINUCHIN, 1974; SARTI, 1967; PICHÓN-RIVIÈRE, 1978).

Para cada um dos *novos teóricos da família*, havia distintas formas de compreender a família: *como funcional ou disfuncional*, para Virgínia Sarti (1967); *de acordo com as fronteiras e hierarquias*, para Salvador Minuchin (1974) e *como grupo aberto à comunicação no processo de aprendizagem social*, para Pichón-Rivière (1978), somente para citar alguns influentes teóricos da família. Todos eles tinham em comum o entendimento de que coexistiam, no seio de todas as famílias tanto as tendências ou elementos familiares propiciadores de saúde emocional, quanto aquelas tendências/elementos que predisporiam ao adoecimento emocional.

As intervenções psicossociológicas da família propunham-se então, não a educar a família e ensiná-la a “*ser família*”, mas a auxiliá-la no desenvolvimento de seu potencial de grupo social promotor de saúde emocional.

Algumas particularidades sobre a Psicologia da família no Brasil

Na Psicologia do Brasil, o campo de intervenção “psi” sobre a família, sempre se pautou por uma abordagem clínica orientada para as camadas médias da população. Somente nos anos 1990, no bojo dos debates sobre a reforma psiquiátrica brasileira e pela luta e conquistas de direitos sociais (ECA) viu-se ampliar os horizontes da intervenção e compreensão sobre a família, em pelo menos 5 direções (ROSA, 2002):

- como um *recurso* como qualquer outro, no quadro geral de intervenções psicológicas;
- como um *lugar* de possível convivência do portador de transtorno mental (PTM) e ou pessoa em situação de sofrimento ético-político (quadros de dependências, ações infracionais, etc.) na medida em que os laços interrelacionais possam estar mantidos ou serem reconstruídos;
- como *alvo de sofrimentos*, na medida em que é locus dos desafios da convivência com portadores de transtornos mentais e de atores sociais de contextos de sofrimento ético-político (infratores; dependentes, etc.) precisa ser *cuidada, assistida e receber suporte emocional, social e assistencial*.
- como *um sujeito político de direitos*, nas formas associativas, constituindo-se como *sujeito coletivo* e, por conseguinte se assumindo como construtor de cidadania (Ex: AMAR – Associação de Mães e amigos de crianças e adolescentes em risco, etc.).
- como *provedora de cuidado*, associada aos sistemas públicos de proteção social e de saúde, uma vez que ela se constitui historicamente como *lugar privilegiado de cuidados e reprodução social*.

2.6 - O Mosaico do Serviço Social no Brasil sobre a família

No Serviço Social brasileiro a família sempre foi, reconhecidamente, um importante campo de intervenção profissional. Embora nas últimas décadas, sua prioridade esteja visivelmente fragilizada tanto pelas políticas e programas sociais quanto pela atenção do Estado, a família continua mobilizando diferentes conhecimentos e motivações no âmbito das práticas de prestação de serviços sociais.

Decorrente da influência clínica ou psicossocial das décadas de 60, 70, o Serviço Social consolidou sua prática com indivíduos e com famílias, na perspectiva preventiva e curativa da intrincada ligação entre relações sociais e condições sociais. Predominavam as orientações centradas nas pessoas e em seus relacionamentos sociais e familiares tendo em vista a melhoria de suas condições de vida. Na saúde pública como nos contextos comunitários, as famílias eram priorizadas pelo seu poder de força social que representavam na sociedade.

A partir da década de 70 e 80, o Serviço Social inicia um processo de análise mais crítico sobre a família, observada e analisada especialmente no contexto sócio-histórico. Sabe-se que muitas questões sociais, tais como a dependência de drogas, o jovem infrator, as atividades com os idosos, o abandono, entre outras, remetem à necessária formação interdisciplinar (psicanálise, sociologia, antropologia, etc.), quando se considera os intrínsecos processos inter-relacionais que são subjacentes às famílias nas relações com o Estado e com a sociedade.

A concepção de família nuclear alarga-se então, compreendida na escolha de seus componentes e ampliada aos amigos, conterrâneos, marcada pela rede de solidariedade afetiva ou mesmo discriminatória (os pobres, desempregados, etc.)

“Esses aglomerados familiares respondem, portanto, a esquemas de mútua dependência dentro do limite muito estreito da sobrevivência que rege a vida. Há uma troca permanente de serviços, um apoio de todas as horas e para todos os problemas.” (CARVALHO, 1995, p.15)

Nesse contexto, a formação profissional do assistente social que trabalha com famílias ganha vigor através de cursos de especialização e formação especial para adensar conhecimentos indispensáveis que procuram articular as estruturas culturais, afetivas, econômicas e sociais.

Atualmente, podemos dizer que a priorização na agenda das políticas sociais continua frágil, embora se saiba cada vez mais convictamente, que é na família que o Estado e a sociedade precisam reaprender a investir para levar a termo uma proposta de inclusão, acolhimento e cidadania.

As intervenções do Serviço Social alinham-se a estas convicções quer do ponto de vista da geração de programas de complementação de renda, quer no resgate do papel importante que a família pode representar na dinâmica afetiva, na formação de princípios e valores, nas escolhas e decisões dos sujeitos na trajetória de suas vidas.

Diante de tal panorama multifacetado a cerca do *ser família* e *estar em família*, para os diferentes campos do saber analisados neste capítulo, estaremos então estabelecendo nossas análises sobre família, na interceção de todas essas construções interdisciplinares. Teremos como guia, a humilde e integrada visão de que nenhum dos campos mencionados, isoladamente, terá todos os elementos, para que se compreenda a riqueza e a complexidade das verdades e dos meandros familiares, ontem, hoje e amanhã, aqui e fora daqui.

A seguir detalharemos o desenho metodológico que estabelecemos para pesquisar as famílias que elegemos para nosso estudo.

3- O percurso metodológico – caminhos e encontros

“A relação entre pesquisador e o sujeito pesquisado é subjetiva, afetiva, singular e, ao mesmo tempo, concreta, objetiva, capaz de promover intervenções maiêuticas, auto-observação e auto-conhecimento, auto-regulação, iniciativa, flexibilidade e autocrítica.”
(RODRIGUES, 2006, p.29).

Percorrer e explicitar o trajeto realizado nesta pesquisa pode ser equiparado a um momento em que um *envolvente e envolvido contador de histórias* narra com emoção, alegria e paixão *seu conto*, visto que também é assim que nos sentimos neste momento do texto de tese.

Esta pesquisa foi proposta de cunho empírico e se inseriu no campo das pesquisas qualitativas, ancorada, sobretudo, em seu pressuposto de que para se conhecer o modo de vida do sujeito pesquisado será indispensável conhecer sua experiência social e no fato de ser na busca dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas próprias experiências, que serão empreendidos os esforços do pesquisador.

Face à *complexidade* contida no fenômeno a ser investigado, qual seja: *a interrelações entre avós e seus netos adolescentes autores de ato infracional*, julgamos importante planejá-la e executá-la no bojo do modelo da Pesquisa Multidimensional, desenvolvida por Edgar Morin. A proposta de Pesquisa Multidimensional responde à busca deste autor por um caminho de *policompetências* que permitem uma aderência a duas polarizações que mobilizam o estudo de um fenômeno: de uma parte o dado singular concreto e de outra parte a teoria.

Rompendo com uma proposta de distanciamento entre a atenção do sujeito pesquisador e do sujeito-objeto da investigação, ele encontrou nos estudos da Microfísica o redescobrimto da problemática da indissolubilidade e da intercomunicação do par sujeito-objeto. Sendo assim, Morin (2002) propôs a

utilização das possibilidades abertas pela presença do investigador no processo:

- Através do pleno emprego da observação, transcendendo as técnicas de registro e incluindo “núcleos de observação” em equipe e, sobretudo não reprimindo a utilização da sensibilidade pessoal do investigador;
- Por uma eventual intervenção, através de questionamentos, que se dirigem a provocar os “*testes de comportamentos sociais*” e que se possa utilizar de “*intervenções maiêuticas*”, que dinamizando um terreno ou mesmo se inscrevendo em um dinamismo dado, poderão lançar a investigação por uma *via pré-experimental que possa ajudar o grupo humano comprometido no processo estudado*. Tais intervenções requerem, como em toda Pesquisa Multidimensional, a auto-correção e auto-regulação, arte e flexibilidade, mediante uma prática de autocrítica pessoal e grupal.

Morin (2002) estabeleceu um modo de investigar para muito além da atividade descritiva, se referindo a *uma fenomenologia do mundo contemporâneo e a uma teoria geral, não para ser guia e sim para levantar problemas*. Este empenho multidimensional nasceu, para Morin, da necessidade de um método que permitisse o desenvolvimento de um pensamento apto para ir do “*singular concreto*” a “*totalidade*” na qual ele se integra e vice-versa. Pretende-se, pois, favorecer o *surgimento dos dados concretos*, a captação das realidades humanas em distintas dimensões e busca-se *revelar as características individualizadas do terreno*, começando pelo “*indivíduo sociológico*” que constitui uma comunidade singular e micro-cósmica, do fenômeno estudado.

O Método Multidimensional exige, de entrada uma *curiosidade por todas as dimensões do fenômeno humano* e também o *pleno emprego de diversas atitudes*. Cada investigador, nesta proposta, *deve ser polivalente e, portanto, tanto deve praticar a entrevista quanto a ação de grupos, quanto deve ser semi-especializado no setor que o interesse*. E foi isto que fizemos, munidas da *bússola metodológica multidimensional*, saímos atrás dos adolescentes e suas avós na busca de *conhecermos sua comunidade singular e micro-cósmica*.

3.1 - A pesquisa, seus sujeitos e os procedimentos metodológicos

Foram *sujeitos* desta pesquisa os avós e seus netos autores de ato infracional, que estavam vivendo em situação de coabitação, pertencentes às camadas empobrecidas da população e moradores da cidade de São Paulo.

Estes adolescentes-netos encontravam-se entre os adolescentes em cumprimento de Medida Sócio-Educativa da Liberdade Assistida na instituição: AEBVB – Associação Evangélica Beneficente Vale da Bênção, situada na zona Norte da capital Paulista, no bairro de Vila Nova Cachoeirinha.

A referida Associação nos oportunizou seu espaço institucional para realização da pesquisa. Como primeira aproximação dos sujeitos da pesquisa e da proposta metodológica, nos reunimos em abril de 2006 com todas as técnicas e orientadoras sociais¹⁷ do referido Programa de Execução da Medida Sócio-Educativa da Liberdade Assistida (em número de oito) e lhes apresentamos a proposta da pesquisa e suas etapas.

Foram contatados pelas técnicas e orientadoras sociais deste Programa de execução da medida Sócio-Educativa da Liberdade Assistida, dentre os 160 (cento e sessenta) adolescentes (em julho de 2006) em cumprimento de Medida, aqueles adolescentes que tinham os avós como responsáveis e que teriam interesse em participar da pesquisa. Do contingente de adolescentes que estavam nesta condição, somente dez adolescentes e seus avós se disponibilizaram a participar da pesquisa e apenas cinco adolescentes compareceram ao 1º Encontro proposto.

Contamos inicialmente, então, com o provável número de cinco famílias para participar da pesquisa: adolescentes e seus avós. No entanto, somente duas destas famílias abriram *suas portas familiares* para a participação em todas as etapas metodológicas desenhadas para a pesquisa.

¹⁷ A diferenciação entre as funções de técnicas e orientadoras sociais, na referida instituição deve-se ao fato de que as técnicas sociais têm curso superior e as orientadoras, o nível médio de escolaridade. Ambas, contudo, exercem, junto aos adolescentes e suas famílias as mesmas atividades.

Desenhamos inicialmente esta pesquisa em três distintas etapas e para cada uma delas propusemos um procedimento metodológico próprio. Em todas elas participou além da pesquisadora, outra psicóloga, que funcionou como observadora de cada etapa e elaborou um relatório de observação ao final de cada uma delas. Uma quarta etapa foi posteriormente acrescentada, pois julgamos importante acompanhar a interrelação entre os avós e netos pesquisados, um ano após os primeiros encontros.

Na primeira etapa da pesquisa, foram sujeitos: os adolescentes autores de ato infracional que estavam cumprindo a Medida Sócio-Educativa da Liberdade Assistida na AEBVB - Associação Evangélica Beneficente Vale da Bênção. O objetivo desta etapa da pesquisa foi o de identificar junto a esses adolescentes, os “avós significativos”¹⁸, para isto foi utilizado como instrumento metodológico a realização de dois *Sociodramas Temáticos*, que foram realizados em grupo e tiveram os seguintes temas: “*Eu e meus avós. Que cena é essa?*” e “*Eu, meus avós e o ato infracional. Que cena é essa?*”.

Na segunda etapa da pesquisa, foram sujeitos: “os avós significativos” dos adolescentes autores de ato infracional que estão cumprindo a Medida Sócio-Educativa da Liberdade Assistida na AEBVB - Associação Evangélica Beneficente Vale da Bênção. Esta etapa da pesquisa tinha por objetivo obter o depoimento dos avós acerca da sua interrelação com seus netos adolescentes de ato infracional, para isto foi desenhada uma ferramenta metodológica dupla: faríamos *Visitas Domiciliares* e nela realizaríamos *uma entrevista em profundidade*, com cada uma das avós participantes, seguindo a proposta de Edgar Morin para a entrevista em profundidade na pesquisa Multidimensional.

Na terceira etapa da pesquisa, foram sujeitos da pesquisa: as famílias dos adolescentes autores de ato infracional que estavam cumprindo a Medida Sócio-Educativa da Liberdade Assistida na AEBVB - Associação Evangélica Beneficente Vale da Bênção. Esta etapa teve como objetivo: *construir o mapa*

¹⁸ Chamamos de “avós significativos” os avós que estavam envolvidos sócio-emocionalmente com seus netos e que compunham o cenário das interrelações desses netos.

intergeracional (de três gerações) de relações sócio-afetivas de cada família da pesquisa, com vista à elaboração, com elas, de seus Genossociogramas (para efeito de construção gráfica foi produzido o Genograma de cada família, com o auxílio do programa de informática Genopro, que é uma ferramenta construída para mapear os dados de famílias e suas gerações). Este encontro também foi desenhado com a utilização da Visita Domiciliar para elaboração desses genossociogramas das famílias.

A quarta etapa da pesquisa foi concebida como um follow-up das interrelações entre os avós e seus netos pesquisados. O objetivo desta etapa foi apreender mais elementos sobre o cenário interrelacional dos envolvidos na pesquisa. Para isso foi feita a Visita Domiciliar e realizada uma entrevista em profundidade com avós e netos conjuntamente, e aberto à participação dos demais membros da família que quisessem participar.

3.2 – O “encontro” com os netos adolescentes autores de ato infracional: o uso do Sociodrama Temático como procedimento de pesquisa

“E quando estiveres perto, arrancar-te-ei os olhos e colocá-los-ei no lugar dos meus; e arrancarei meus olhos para colocar no lugar dos teus; então ver-te-ei com os teus olhos e tu ver-me-ás com os meus.” (MORENO, 1978,p.9)

Desde o ano de 1992, temos acompanhado o crescente uso do Sociodrama, recurso da Teoria Socionômica de Jacob Lévy Moreno, que detalharemos mais adiante, como procedimento de pesquisa (SEIXAS, 1992; ZAMPIERI, 1996, 2002; RAMOS, COSTA, MARRA e MONTEIRO, 1998; LIMA, 2002; SCAFFI, 2002; FILIPINI, 2003; TOMASELLO, 2003; KNOBEL, 2004; FONTES, 2004; MARRA, 2004; TOLOI, 2006).

Todos esses estudos acima mencionados utilizaram o Sociodrama criado e desenvolvido por Jacob Lévy Moreno, como instrumento interventivo-metodológico calcado num parâmetro fenomenológico, fazendo-o assim, vanguardista, frente aos estudos científicos da época (início do século XX),

fortemente determinados e influenciados por uma proposta positivista de fazer ciência.

O Sociodrama Temático, usado como metodologia de pesquisa e de intervenção, propõe-se a ser um recurso de procedimento de pesquisa, contribuindo diretamente para o resultado da investigação em curso, tanto quanto para a realização de uma *efetiva vivência pedagógica e terapêutica dos participantes do estudo* (TOLOI, 2006).

O Sociodrama tem, portanto uma proposta de investigação que se origina de uma ação educativa, o que possibilita que se criem espaços de novos significados, de novas conexões afetivas, através das mudanças que se processam nas complementariedades relacionais. (FONTES, 2004; MARRA, 2004). Além disso, utilizar o Sociodrama em pesquisa é criar *metodologias de intervenção e de pesquisa*, a partir da combinação de vários elementos, como a teoria, método e criatividade, *“integrados a um projeto de pesquisa, juntando várias orientações teóricas sem negligenciar o contexto local, global e ainda o conjunto das situações que dão emergência ao fenômeno pesquisado”*. (MARRA, 2004, p. 61).

A proposta Sociodramática propriamente dita está inserida no bojo da produção científica de seu criador Jacob Lévy Moreno ¹⁹ que realizou uma longa e exaustiva integração conceitual entre o Teatro Terapêutico, a Sociologia; a Psicologia Social e a Psicologia Dinâmica que redundou na criação de uma ciência a qual nomeou de *Ciência Socionômica*.

Esta nova ciência das relações interpessoais se ramificou em três grandes áreas:

- A *Sociodinâmica*, que se caracteriza pelo estudo do funcionamento das relações interpessoais, cujo método de estudo e ação é o Role-Play.

¹⁹ Vide FONTES, 2004.

- A *Sociometria*, que busca medir as escolhas relacionais, cujos métodos de ação são o Teste Sociométrico e os Procedimentos Sociométricos.
- A *Sociatria*, que se propõe a uma ação terapêutica das relações sociais, na qual se incluem: o Sociodrama, o Psicodrama e a Psicoterapia de Grupo.

Sociodramas são, pois, sessões abertas de Psicodrama, focadas nas relações sociais, intergrupais, e pertencem ao ramo da Sociatria da Ciência Socionômica.

A própria proposta de Moreno (1978, p.413) para os Sociodramas é a seguinte:

“O verdadeiro sujeito de um Sociodrama é o grupo... o Sociodrama, baseia-se no pressuposto tácito, de que o grupo formado pelo público já está organizado pelos papéis sociais e culturais de que, em certo grau, todos os portadores da cultura partilham... É o grupo como um todo, que tem de ser colocado no palco para resolver os seus problemas, mas como o grupo é apenas uma metáfora e não existe per si, o seu conteúdo real, são as pessoas interrelacionadas que o compõe, não como indivíduos privados, mas como representantes da mesma cultura. O Sociodrama, portanto, para tornar-se eficaz, deve ensaiar a difícil tarefa de desenvolver métodos de ação profunda, em que os instrumentos operacionais sejam tipos representativos de uma dada cultura e não indivíduos privados.”

Acreditava Moreno, no valor exploratório, do ponto de vista da investigação científica, tanto quanto no valor “curador”, modificador de atitudes, da proposta Sociodramática. Essa modificação ocorreria, para Moreno, pela ampliação perceptual e, conseqüente, tomada de consciência por essas pessoas, de suas trocas afetivas e de seus papéis vividos, a partir de suas representações no palco Psicodramático.

Encenar o drama significa poder trazer para um novo "locus", e em um novo "status nascendi" (o palco e o momento em que a ação dramática se desenrola), todos os elementos que remeteriam aos papéis sociais e psicodramáticos anteriormente estabelecidos e jogados. Com essa "nova"

condição de jogar esses papéis, que a maioria das vezes é pré-fixada (pelos que compunham a matriz de identidade, sobretudo por seu ambiente familiar), nasce a grande possibilidade do salto qualitativo, da catarse da integração.

E por esse salto qualitativo e por essa catarse de integração, entende-se a capacidade a partir da ação dramática, do indivíduo conectado com sua própria história relacional, o mais das vezes velada e oculta em seus mais cruciais elementos até esse momento, de se posicionar frente aos seus próprios anseios, suas possibilidades de ação e de transformação.

Ação essa que poderia libertar o "homem espontâneo" que já não precisaria ser tragado pela conserva cultural e seria capaz de se utilizar dela, como um dos referenciais de realidade, mas poderia também ir além.

Os Sociodramas são coordenados por um terapeuta, nomeado por Moreno de Diretor, que desempenhará seu papel tal qual um diretor teatral, agindo como um produtor de cenas, como terapeuta e como analista social. E como produtor, segundo Moreno (1978, p. 308), "*é um engenheiro de coordenação e produção*". Como não é o "autor do enredo" a ser dramatizado, diferentemente do autor teatral, deverá procurar inicialmente encontrar-se primeiro com seu público e os seus personagens, extraíndo deles o material para um roteiro de cena.

Como terapeuta, esse diretor é responsável pelo enquadre terapêutico. É sobre ele que cai a responsabilidade final pelo valor terapêutico da produção total, como nos assegura Moreno (1978). Portanto, a atenção, o preparo, sobretudo o reconhecimento dos fenômenos grupais que ocorrem a cada encontro, são pontos vitais na atuação do diretor. Além disso, como analista social, o diretor atuará em conjunto com os demais participantes, processando na perspectiva social a partir das múltiplas percepções dos envolvidos, o que ocorreu a cada encontro.

O Sociodrama segue as três etapas propostas por Moreno para qualquer intervenção Socionômica, ou seja: o aquecimento, a dramatização e os comentários. Apresentaremos após a definição de cada etapa proposta para a realização dos Sociodramas, alguns dos principais elementos apreendidos na dinâmica dos adolescentes/netos participantes dos Sociodramas Temáticos da pesquisa.

É muito rica a alusão de Moreno acerca do processo de aquecimento e merece ser mais bem detalhada, pois dela dependerá o sucesso das outras etapas de uma intervenção socionômica. Para ele, todos os estados espontâneos são gerados a partir de um processo de aquecimento preparatório (warming-up process). Exatamente através do processo de aquecimento preparatório, e do fato deste ser um desencadeante dos estados afetivos que acompanham a espontaneidade, que poderão ser expressos "... muitos papéis que o indivíduo raramente ou nunca vive em sua rotina cotidiana, e que até em seus sonhos e divagações, são ligeiramente a florados". (MORENO, 1978, p. 281).

Este poder catalisador do processo de aquecimento atua para Moreno como que absorvendo e momentaneamente desfazendo tudo o que cobre uma pequena gama da personalidade, pois passa a envolver no ato dramático uma maior extensão desta mesma personalidade do indivíduo.

Sobretudo no primeiro Sociodrama Temático desta nossa pesquisa, intitulado: *Eu e minha avó, que cena é essa*, fomos desafiadas a sermos *criativas e dinâmicas* ao cubo: pois, somos chamadas a um exercício de criatividade pela própria proposta metodológico/interventiva, mas precisávamos adicionar aqui o dobro desta, pois estávamos com cinco adolescentes, em situação de *estigmatização social*, que apresentavam "colados" em suas identidades sociais o rótulo de *adolescentes infratores*.

Apresentaram-se inicialmente, muito timidamente, sem olhar nos nossos olhos, e o “*tempo de espera*”, de quase meia hora, pelo grupo todo, serviu para um início de *apresentação informal: quem éramos nós: eles, a pesquisadora e a observadora*. Elegemos como *starter* para o aquecimento, um relaxamento físico e mental e a elaboração, individual, de uma *cena dramática interna entre cada um deles e a avó, eles escolheriam a cena, que poderia falar de um momento muito agradável ou muito difícil*. A seguir compartilharíamos o que eles tivessem *imaginado*.

Aqui, fazemos o relato de um importante conteúdo psicossocial a partir do uso do Sociodrama Temático na pesquisa: *todos os adolescentes participantes, sem exceção, descreveram cenas difíceis e de sofrimento*. Para eles, indubitavelmente o que marcava e compunha a *função de revivência da memória, em sua memória familiar com suas avós* (função de memória já explicitada em capítulo anterior) era o *sofrimento, a dor e a tristeza*. Este *afeto* despotencializador, se pensarmos na conceituação de Espinosa para a tristeza, também foi verificado entre os adolescentes participantes de nossa pesquisa de Mestrado (FONTES, 2004). E era visível, neste momento e nos outros, deste primeiro Sociodrama o *tônus curvado e entristecido dos adolescentes participante*.

A primeira cena descrita foi vivida por um adolescente de 17 anos, José Paulo seu avô e seu tio. O avô havia morrido de enfarte, quando ele tinha dez anos, o que o deixou profundamente entristecido, pois gostava desse avô. A morte do tio, que ocorrera quatro anos atrás, ainda fora mais difícil que a anterior, pois o tio foi assassinado, friamente pela polícia, aos 24 anos. Esse adolescente não continuou nas outras etapas da pesquisa, pois não conseguimos nos encontrar pela segunda vez com a família, sua vovó nos recebera uma primeira vez, mas saiu de casa no dia em que construiríamos com a família o Genossociograma e nunca mais atendeu nossos telefonemas para remarcar o encontro. Importante também salientar que no relato da vovó sobre a morte do seu filho, aos 24 anos, ela omitiu o elemento “policia” do assassinato, disse que ele fora morto por um desconhecido. A avó também “negou”, durante esse nosso primeiro

encontro, a afeição entre o adolescente e seu avô, pois segundo ela, quando o avô morreu, eles já estavam separados há algum tempo.

A segunda cena mobilizou bastante o grupo e foi a cena escolhida por eles para a etapa da dramatização, foi descrita por outro adolescente de 16 anos, chamado Arnaldo e ocorreu logo após seu nascimento: seu pai assassinara sua mãe, quando ele tinha apenas quinze dias de vida. Explicou que essa história lhe foi contada a vida inteira por sua avó e pelas outras pessoas da família. (Aqui encontramos a *função de transmissão da memória familiar*, tratada em capítulo anterior). Não conseguimos nos encontrar com esta família, porque a vovó do adolescente, na verdade era a bisavó dele, e como ela tinha muitos problemas de saúde, estava sempre fora, nos médicos quando tentávamos agendar os encontros.

A terceira cena foi relatada por um adolescente de dezoito anos, chamado Jerry: ele falou de um grande vazio, ele chegou a dormir e não lembrava de nada marcante entre ele e a avó. Relatou que vivia desde bebê com a avó, porque a mãe o “abandonou” desde que ele nascera da maternidade mesmo, ela já o deixou com sua avó materna. (Localizamos aqui a função protetora do *esquecimento*, salvaguardando o psiquismo, na função de *revivência da memória familiar*, tratada em capítulo anterior).

A quarta cena foi contada pelo adolescente Walmor, de dezoito anos, que foi um dos dois participantes de todas as etapas da pesquisa. Ele descreveu duas cenas marcantes: a morte do tio e a da irmã. A morte do tio acontecera há alguns anos atrás, e até hoje não fora encontrado o corpo desse tio, e essa era a maior tristeza de sua avó: não poder velar o filho, provavelmente morto, pois era dependente de drogas, envolvido com tráfico e a polícia vivia atrás dele. A outra cena, a da morte da irmã ele tinha nove anos, ficou muito triste, a avó amava muito essa neta, ela tinha Síndrome de Down. Walmor, no período mais crítico de adoecimento da irmã, procurou o pai pela primeira e única vez, para pedir ajuda para o tratamento da irmã, pedido recusado pelo pai. Ele

soube, por pessoas que conheciam o pai e por familiares dele, que ele já morreria. (Aqui, precisamos cruzar uma informação sobre a vovó de Walmor e os *esquecimentos* dela: na construção do genossociograma, ela não lembrava de muitas coisas: nomes de filhos, netos, bisnetos e sequer mencionou a “possível” morte do pai do neto Walmor).

A quinta cena foi compartilhada por Justino, adolescente de dezessete anos e que também, foi um dos adolescentes que junto com a família, participou de todas as etapas propostas na pesquisa. A cena por ele relatada foi a da “morte da mãe” (que ele não sabia dizer qual foi a doença que a matou e esse “segredo familiar”, foi contado pela avó para ele, quando realizamos com a família, o Genossociograma). Ele tinha seis anos, a irmã três e o irmão mais velho treze, e a cena que ele lembrou foi a avó chegando na casa deles, dando a notícia da morte da mãe e levando os três para viver com ela. Também falou na sua situação de dificuldade na família, com seu avô (que depois, na entrevista com a avó descobrimos que era o segundo marido de sua avó, que ficara viúva do avô consangüíneo de Justino): esse “avô” não gostava dele, o insultava e dizia que tudo de errado que acontecia na casa era culpa dele. Disse que eles já tinham brigado feio, de luta corporal.

A partir do surgimento dos papéis sociodramáticos, inicia-se a etapa da Dramatização. Nessa etapa, o grupo é levado a viver a experiência dramática coletiva, quando emergem os conflitos interculturais desse grupo, que serão devidamente cuidados por técnicas ativas, a fim de serem concretizados e instalados em seus contextos, a partir de um campo terapêutico.

Neste primeiro Sociodrama Temático, experimentamos outra importante revelação para a pesquisa: os adolescentes participantes se negaram totalmente a fazer qualquer produção de cena. Diziam que de jeito nenhum, *mostrariam nada fisicamente*. Acolhemos essa recusa e *imediatamente adaptamos a proposta: pedimos então que em relação à cena escolhida por eles que foi: a “do pai que matou a mãe”, da história compartilhada pelo*

adolescente Arnaldo eles dissessem algo que servisse de ajuda para esse adolescente que contara a cena.

Uma a um, eles foram mudando seus *estados de corpos*, mesmo sentados, eles se arrumaram mais esguiamente na cadeira e expressaram muita *raiva e ira*. Um deles chegou a verbalizar: “*se encontrar seu pai: pau no gato*” convidado a explicar a frase, ele disse: “*era pra matar o pai mesmo, o que ele fez não era pra aceitar, era pra matar mesmo*”. Outra vez Espinosa (SPINOSA, 2007) pode nos ajudar a entender os corpos que se afetam em suas potências: as raivas e a ira, desdobramentos do amor, também exercem um efeito mobilizador de forças nos indivíduos que a experimentam.

Compreendemos sobre a recusa para dramatizar desses adolescentes, como uma impossibilidade talvez nascida de seus *homens espontâneos aprisionados*, como talvez dissesse Moreno, que buscava, por seus caminhos sociátricos, ajudar esses *homens a serem livres em sua psiquê e em sua práxis*. Baseamo-nos para isso, na realidade *sentencial* vivida por esses adolescentes: mesmo tendo recebido uma *media sócio-educativa* (que é vivenciada como uma sentença) em meio aberto, eles estavam *aprisionados em e por seus atos infracionais*.

Na última etapa do Sociodrama ou etapa dos comentários, o grupo é convidado a retornar aos seus papéis reais e a elaborar mentalmente tudo o que se passou durante este encontro. Ao diretor, nessa etapa, cumpre a missão de estimular o grupo no sentido a que articulem o que experimentaram, com a realidade objetiva desse grupo, e com o tema proposto para cada encontro.

Nesta etapa de comentários deste primeiro Sociodrama, e seguramente por havermos acolhido a “recusa” dos adolescentes em dramatizar, os comentários seguiram-se mais livres, com todos dizendo que haviam gostado e querendo voltar.

Quanto ao Segundo Sociodrama intitulado: *Eu e meus avós, que cena é essa?* Encontramos um grupo menos *encolhido e menos atrasado*, eles chegaram quase na hora e estavam bastante participativos. Tivemos uma falta, que já havia sido anunciada no outro encontro: o adolescente Walmor não viria, pois precisava tirar a documentação de reservista. (Descobrimos na primeira entrevista com sua avó, que era tudo mentira, ele estaria “escapando”, segundo a avó).

Desta vez o *starter* para o aquecimento foi a verbalização de cada um, sobre sua trajetória infracional: *como chegaram a isso? E como ficou a vovó, quando isso aconteceu? E como ficou a relação de vocês a partir daí?* Indagamos.

O primeiro a falar foi o Jerry, o adolescente que dormira na etapa do aquecimento do primeiro Sociodrama. Ele contou que sua infração foi *roubo* e que ele foi pego aos 17 anos roubando som de carro, mas que ele já fazia isso desde os treze anos. Contou que passou uma semana numa Unidade de internação da FEBEM, mas que não queria voltar para lá nunca mais. Com sua avó, a relação ficou difícil e ela sempre lembrava a ele o tio que ele tinha que era envolvido com o tráfico e que estava preso há muito tempo. Perguntamos a ele se isso não o amedrontava, ele nos respondeu que não.

O segundo a falar foi José Paulo, que disse fazer só alguns meses que foi preso, quando ia fazer um *assalto*, ele estava de carona com os amigos que iriam fazer o assalto e antes de fazê-lo, foram parados pela polícia, e segundo ele, a polícia para incriminá-los colocou maconha no carro. Ele ficou por 21 dias numa Unidade de internação da FEBEM, por tráfico de drogas e só saiu porque sua avó foi lá buscá-lo. Ela ficou muito triste, mas depois o perdoou e disse que acreditava que ele não ia fazer isso de novo.

Em seguida falou o Justino: disse que começou com roubo de celular aos 13 anos, foi preso várias vezes, ia para as Unidades de Internação, mas voltava a

roubar. Depois mexeu com dólar falso, também foi preso, depois voltou a roubar celular, inclusive já havia roubado celular com o Jerry, que fazia parte deste grupo. No último roubo foi pego, mas deram a Liberdade Assistida, em vez de internação. Indagado sobre a continuidade ou não desses roubos, ele disse que *dependia*, o irmão dele mexia com carga roubada e depois deixou. Sobre sua avó e ele disse que ela era muito sem esperança com ele.

O último a contar sua trajetória foi o Arnaldo, que contou que começou com quatorze anos, com roubo de computadores, eles entravam numa loja de computadores à noite e roubavam o que podiam, até que um dia a polícia apareceu e levou todo mundo preso. Depois ele foi solto e voltou a roubar, porque o dinheiro era mais fácil, não tinha que dar duro em nada. Sobre sua relação com a avó, contou que ela não entendia até hoje porque era que ele fazia isso, porque ela dava tudo o que ele pedia.

A dramatização foi proposta de uma forma também verbal: pedimos que eles se imaginassem cada um, como sua vovó, eles agora seriam elas e deveriam dizer algo que elas disseram ou dizem para eles que *pegasse forte neles*. Eles seriam *Joaquina*, avó de José Paulo; *Carmem* a avó de Jerry; *Manoela* a avó de Arnaldo e *Maria das Dores* a avó de Justino.

A avó *Joaquina* disse: *“Sai dessa vida, isso não é vida pra você”*.

A avó *Carmem*, disse: *“Se fizer de novo vai pra fora de casa, aqui não fica.”*

A avó *Maria das Dores*, disse: *“Por que você fez isso? Eu lhe dei tudo o que eu podia, eu não tenho mais idade de passar por isso.”*

A avó *Manoela* disse: *“Eu lhe dei tudo, não entendo o que você fez. Dei amor, carinho, roupas”*.

Nos comentários finais eles disseram que já haviam falado tudo. Relembramos a eles que esse era nosso último encontro, que agradecemos muito por eles terem participado desses dois encontros e que agora nos encontraríamos com cada um numa outra etapa que incluía as famílias, precisaríamos conseguir agendar esses próximos encontros com as famílias.

A partir dos vários conteúdos obtidos com esses dois Sociodramas temáticos, encontramos pontos de consonâncias com duas pesquisas que já foram citadas no capítulo anterior sobre avós e seus netos adolescentes, tanto a pesquisa de Schramm (2004), quanto a pesquisa de Uhlenberg (2001) evidenciaram o forte laço sócio-afetivo entre avós de adolescentes e seus netos, bem como demonstraram a *baixa influência* dos avós no estabelecimento dos *limites, na imposição das regras sociais de honra e respeito*, valores que carregavam e consideravam seus legados, mas que não conseguiram transmitir a seus netos.

Com os diferentes relatos compartilhados por esses adolescentes o mesmo fenômeno apareceu: a ligação sócio-afetiva entre esses adolescentes e suas avós além de muito fortes eram, na verdade, o grande elo familiar e social que eles carregavam. Entretanto, *nenhuma dessas avós cuidadoras*, conseguira até aquele momento, auxiliar seus netos a interromperem a realidade infracional na qual viviam. Sobretudo quando eles falaram no Segundo Sociodrama como as avós, eles repetiram os mesmos discursos de lamento e tristeza das avós, que na verdade, nunca os havia servido de âncora de mudanças.

Será importante constatar, mais adiante, neste texto de tese, os relatos da transformação que acontecerão um ano após esses Sociodramas terem ocorrido tanto na vida dos dois adolescentes, quanto das duas avós que participaram efetivamente da pesquisa.

3.3 - Os encontros com as avós: o uso da entrevista em profundidade em Visita Domiciliar.

“O cansaço, as horas extras da labuta sugam o alento, fragmentam o mundo, separam os amigos [...] A especulação urbana criou rupturas e abismos entre os que se querem ver, mas os pontos distanciados se aproximam, e o mapa afetivo da cidade se reconstitui então”.

(Ecléa Bosi, 2003, p. 205)

Quando desenhamos esta etapa da pesquisa com a utilização de uma dupla ferramenta metodológica, já sabíamos da riqueza e do poder transformador de aliar, no exercício da pesquisa científica, a Visita Domiciliar e a Entrevista. (FONTES, 2004).

Ao nos debruçarmos na compreensão mais aprofundada deste *duplo poder transformador*, encontramos alguns interlocutores para isto. Dois trabalhos se destacaram na confirmação desta riqueza metodológica de se aliar a Visita Domiciliar e a Entrevista, conjugadas como ferramentas de pesquisa: a pesquisa de Mestrado em Serviço Social de Maria de Fatima Micheletti (2000) e a pesquisa de Doutorado em Psicologia Clínica de Lígia Caran Corrêa (2004).

Oriundas de dois campos distintos do saber mostraram ambas, a riqueza e a profundidade do encontro produzido entre pesquisador e pesquisado quando isto se dá na intimidade da *casa* do pesquisado. As duas pesquisadoras ultrapassaram as resistências que os dois campos do saber tinham, sobretudo em relação aos limites da Visita Domicilia. Tanto a Psicologia, quanto o Serviço Social, sempre olharam com preocupação e cautela para a *entrada na intimidade concreta da casa do outro*.

As duas pesquisadoras argumentaram sobre a delicadeza do duplo instrumento e o obrigatório cuidado para se *entrar na casa e na intimidade* das pessoas. Mas também demonstraram em seus estudos a viabilidade no uso em pesquisa desta dupla ferramenta metodológica.

Complementadas assim, por esses estudos acima mencionados e munidas do referencial teórico que calcava nossa escolha pela metodologia multidimensional e o uso da entrevista em profundidade (MORIN, 2002; BOSI, 2003; SZYMANSKI, 2008), estabelecemos e utilizamos esta dupla ferramenta de pesquisa.

A busca de uma maior riqueza acerca da experiência concreta da pessoa entrevistada levou Morin (2002) a privilegiar a *entrevista em profundidade*, território no qual as precauções técnicas e as regras metodológicas *cedem lugar ao fator propriamente humano que se deriva: da arte, da sutileza e da simpatia*. A função da entrevista de profundidade é fazer surgir: *a personalidade, as necessidades essenciais e a concepção de vida que tem o entrevistado*.

Pode-se dizer “ao fim e a cabo” que a entrevista, nesta perspectiva, *é uma praxis*. A liberação da energia psico-afetiva se traduz num fluxo de comunicação no qual se mesclam, intimamente, o real e o imaginário, uma vez que o sujeito entrevistado dirá, ao mesmo tempo, *aquilo que ele é, o que acredita que é, assim como aquilo que ele gostaria de ser*. “O fluxo da comunicação pode ser uma torrente de comédia-sinceridade.” (Morin, 2002, p. 215). E neste ponto aparece o difícil problema da verdade, porém agora ao nível da pessoa total.

Realizamos as entrevistas em profundidade no ambiente da *intimidade* de nossos pesquisados, precisávamos: *“tirar as sandálias, para entrar nas casas, pois esse lugar era santo”*, como o fez Moisés para se aproximar do *lugar onde Deus estava*. A gratidão a essas pessoas que nos abriram seus espaços de privacidade com tanta generosidade nos emociona e nos transforma como seres humanos e como pesquisadores. Afinal, *“trata-se de um encontro*

interpessoal, que inclui a subjetividade dos protagonistas que, juntos vão construir um novo conhecimento através dos encontros de seus mundos sociais e culturais, numa condição de horizontalidade e equilíbrio das relações de poder.” (SZYMANSKI, 2005, p. 4).

Experimentamos nesses encontros com as avós e seus familiares: netos, filhos, companheiros, aquilo que Morin (2002, p. 211) nomeou de *“gigantescas forças sociais, psicológicas e afetivas”*. Realmente *deslocamos* e fomos *deslocados* pelas *forças que transformam*, pelo *vínculo que se criou entre pesquisador e pesquisados*. Podemos fazer nossas, as palavras tão bem colocadas por Ecléa Bosi (2003, p.61) ao instruir os jovens pesquisadores:

“Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das ditas pessoas importantes. Ambos sairão transformados pela convivência, dotada de uma qualidade única de atenção. Ambos sofrem o peso dos estereótipos, de uma consciência possível de classe, e precisam saber lidar com esses fatores no curso da entrevista”. (Grifos nossos)

Seguindo com *atenção, rigor e respeito* tanto as pessoas que pesquisávamos, quanto nossa proposta investigativa e incluímos nestes *encontros reflexivos*, algumas questões que seriam nossa *agulha da bússola* neste pesquisar.

Foram estas algumas das questões *norteadoras*:

- Desde quando você convive com seu neto adolescente? Por quê? Conte-nos como tem sido essa convivência.
- Conte-nos suas maiores alegrias com ele, suas maiores dificuldades com ele e suas expectativas sobre ele.
- Você precisa dele para alguma coisa?
- Descreva-nos como era/é sua relação com os pais dele. Mudou alguma coisa do tempo em que você “criou” seus filhos, para os dias de hoje?
- Conte-nos sobre o que você aprendeu de seus pais e ensinou a seus filhos e netos.
- Descreva-nos como ficou essa relação de vocês depois da “infração” de seu neto? O que você disse a ele, para que ele não repetisse a infração?

- Conte-nos o que tem sido mais desgastante em sua vida e como você faz para conviver/resolver isso.

O detalhamento da segunda, terceira e quarta etapa da pesquisa, ou sejam, os encontros com os avós, tanto para conhecê-los, quanto para realizar os Genossociogramas e o encontro final de acompanhamento da história da interrelação avós e netos, serão apresentados de uma maneira combinada e elaborada nos dois próximos capítulos da tese.

3.4 – Conhecendo as relações intergeracionais das famílias: o uso do Genossociograma como instrumento da pesquisa.

A utilização do Genograma e do Genossociograma (variação²⁰ do Genograma proposta pela Psicodramatista e psicanalista francesa Anne Ancelin Schutzenberger, 1997) em pesquisa tem se mostrado uma ferramenta muito útil para que se conheçam os padrões intergeracionais das famílias pesquisadas. (CEVERNY, 1992; MARQUES, 2001; FONTES, 2004; GUEIROS, 2005, ANTÔNIO, 2006).

Como ferramenta de pesquisa a construção do Genossociograma feita com os membros das famílias pesquisadas, além de funcionar como um elemento agregador e facilitador da comunicação na família, permite que se conheçam os percursos, os comportamentos, as histórias de força, de dor, de dificuldades e de muitas superações, porém também explicita os elementos de não superação da história familiar, que *insistem em ser passados de uma geração à outra*, como um bastão numa corrida de revesamento. Além disso, oferece a oportunidade de se conhecerem as *escolhas sociométricas* dos membros das famílias, de quem se gosta mais, menos, quem são os indiferentes e os efeitos destas escolhas sobre as pessoas da família.

²⁰ A variação aparece pela ênfase que o Genossociograma dá na busca pelos dados da sociometria afetiva dos membros da família: com quem se relacionam e como, para além das informações gerais e dos padrões intergeracionais da família.

Desenvolvidos desde os anos 1970, o genograma é um instrumento que permite a visualização gráfica da história da família, uma vez que «*a família pode ser apreendida no espaço e no tempo, assim como nas dimensões horizontal e vertical*». (VITALE, 2004, p. 236). Na verticalidade aparecem as *transmissões intergeracionais* e na horizontalidade desvelam-se os vários elementos que compõem o contexto e cotidiano das relações da família.

Para a construção do Genossociograma, realizamos um encontro com cada família, na proposta de Visita Domiciliar e pela obtenção dos vários depoimentos que eram dados para a construção do *desenho das relações e gerações de cada família*.

O Genossociograma de cada família foi construído em conjunto com as famílias, nos utilizando para isso de papel A3 e canetas hidrocores coloridas. As perguntas-guias para a construção dos desenhos eram: quem são as pessoas que compõem a vida familiar de vocês? Quando nasceram? Como vivem e se relacionam? Graficamente os Genossociogramas foram construídos de acordo com os seguintes *símbolos e instruções*: os homens ficaram à esquerda e as mulheres à direita, sendo representados pelas figuras geométricas, quadrados para indicar homens e círculos para indicar mulheres.

Abaixo do símbolo geométrico foi colocado o nome do membro da família e dentro, sua idade atual. A força e qualidade dos laços interrelacionais foi mostrada por linhas que eram construídas a partir do cruzamento entre os nossos personagens índices (avós e netos) e os demais membros da família. A cada qualidade dos interrelacionamentos era dada por uma cor: *verde* para uma forte vinculação e *vermelho* para os desafetos. Os falecimentos foram marcados por uma cruz dentro do símbolo e acima há quanto tempo morreu, além dos dados sobre sua vida: local de nascimento e como vivia.

Os filhos, em cada geração, foram listados por ordem de nascimento, começando pelo mais velho à esquerda, gêmeos foram relacionados pela mesma idade e os adotivos sem distinção. Em caso de mais uma parceira do homem, o símbolo da segunda mulher em diante seguiu a linha de

relacionamentos, o mesmo se aplicando para a mulher e seus novos relacionamentos. Para destacar as pessoas índices da pesquisa, as avós e seus netos, cada figura representativa deles foi colorida e superposta à forma geométrica.

Para efeito de demonstração gráfica do Genossociograma na tese, optamos por uma ferramenta que desenha o Genograma, pois não há um software para o desenho do Genossociograma. Foi utilizado o Programa Genopro, software de genealogia para desenhar a árvore familiar. Este software pode utilizar uma representação gráfica da árvore genealógica (www.genopro.com/family-tree-software/). Apresentaremos em anexo a configuração gráfica das gerações de cada família. Na família da avó Maria das Dores e de seu neto Justino (ANEXO 1), adentramos nos meandros de uma quarta geração. Na família da avó Maria do Amparo e de seu neto Walmor (ANEXO 2), mostramos as interrelações de três gerações.

As discussões sobre os dados obtidos com a construção dos Genossociogramas serão englobadas com a discussão das entrevistas de profundidade feitas nas Visitas Domiciliares e serão apresentadas nos dois próximos capítulos da tese.

4 – A avó Maria das Dores e seu neto Justino: do rancor ao amor

“*Justino*, 18 anos, é irmão de *Joyce*, 15 anos e de *Jeremias*, a quem nunca conheceu, pois este irmão foi adotado por outra família ao nascer e era soro-positivo como sua mãe. *Justino* tem um meio irmão por parte de mãe, que se chama *Cléber*, de 22 anos e é filho de *Neide*, que morreu de AIDS aos 33 anos, logo após ter dado a luz a *Jeremias* e que foi infectada pelo marido, pai de *Justino* e que se chamava *Jorge*, que também era soropositivo, mas de quem nada se sabe, desde a morte de *Neide*. Neto materno de *Maria das Dores*, 63 anos, viveu com esta avó, desde os 6 anos de idade, quando a mãe morreu. *Justino* teve uma infância sem grandes dificuldades interrelacionais com a avó, porém a relação mudou radicalmente, quando ele se envolveu com drogas e roubo, desde os onze anos, tendo várias passagens na FEBEM.

A avó *Maria das Dores*, que é viúva de *Denerval*, pai de *Neide*, que era alcoolista e violento teve com ele, além de *Neide*, mais 6 filhos. O último filho de *Maria das Dores* com *Denerval*, se chama *Cleiton*, tem 22 anos. Casada pela segunda vez com *Walter*, 53 anos, teve com ele dois filhos: *Marcos* de 28 anos e *Daniel*, 20 anos.

Maria das Dores é filha de *Francisco Diogo*, pai alcoolista e violento e de *Luzia*, que além dela, tiveram mais 7 filhos. *Maria das Dores* se separou de sua família de origem, do interior de Minas Gerais, há 40 anos e não sabe mais nada sobre eles, mas lembrou que teve uma avó paterna amorosa chamada *Jovita*, única lembrança boa de sua infância, que era *tataravó* de *Justino*, 18 anos.

4.1 – Tecendo os fios sócio-afetivos das duas primeiras visitas domiciliares e entrevistas

A avó *Maria das Dores* com quem o neto *Justino* coabitava nas duas primeiras visitas domiciliares morava numa casa situada num bairro da periferia da cidade de São Paulo chamado *Vila Nova Cachoeirinha*, que faz parte do cinturão de pobreza e de foco de violência da cidade.

A paisagem sócio-afetiva deste primeiro encontro, muito nos impactou pela quantidade de comércio que rodeava o local da casa desta avó. Junto à escadaria que descíamos e que nos levaria à casa em questão, havia três lojas

de roupas juvenis com seus casacos, bonés, jeans, óculos e acessórios da moda jovem, em absoluto contraste com a precariedade das três casas que se apinhavam numa pequena descida da rua, dando-nos a sensação de estarmos caindo num buraco.

A casa de Maria das Dores era uma dessas três casas. Era composta de uma minúscula sala, uma cozinha, dois pequenos quartos, um pequeno terraço à frente e um pequeno quintal ao fundo, tudo cimentado, não havia nenhum pedaço de terra, árvore ou jardim. Com o passar do tempo, começamos a sentir muito frio dentro da sala onde estávamos, e depois descobrimos que o sol só batia muito nitidamente ali, e ao cair da tarde, quando já estava mais “frio” a sensação de aquecimento solar, não podia ser sentida.

Com muita atenção e presteza, Maria das Dores, a avó, nos recebeu e antes disto, na descida para a casa, nos encontramos muito rapidamente com o Justino que saía com um radinho/gravador portátil no ouvido. Assim que entramos, Maria Santa mais que depressa providenciou uma “capa” para cobrir o sofá, no qual ficaria sentada ela, Rute, a observadora e Valter, seu companheiro.

Explicamos a proposta da pesquisa, o conteúdo do termo *Consentimento Livre e Esclarecido*, eles entenderam e aceitaram participar da pesquisa. Solicitamos, em seguida que assinassem o *consentimento*; neste momento Maria das Dores pediu que o companheiro assinasse por ela, pois não sabia ler nem escrever; o pai dele não a deixou aprender na roça, e sempre que tinha que assinar algo, usava a digital. Perguntamos então, por que nenhum neto tinha ainda ajudado essa avó a aprender a ler e escrever, já que eles sabiam as duas coisas. A orientadora social lembrou-a que em qualquer tempo, pode-se aprender; Maria respondeu que ano que vem iria procurar um lugar que ensinasse.

Moravam nesta casa: a avó Maria das Dores (63 anos), o adolescente Justino, (18 anos) e seus dois irmãos: Joyce (15 anos) e o meio-irmão Cléber (21 anos); o tio Marcos (28 anos e filho do casamento da avó com o atual

companheiro Walter) e sua filha Naiara (9 anos) também moravam ali. Todos viviam com a pequena pensão da avó de R\$350,00 (trezentos e cinquenta reais), o tio estava desempregado há mais de um ano, e só o aluguel da casa era de R\$300,00(trezentos reais). Às vezes a avó recebia uma pequena cesta básica de alimentos de uma Igreja Evangélica. Era, portanto um cenário de evidente empobrecimento sócio-econômico.

A situação econômica de Maria das Dores era e ainda é extremamente precária. Ela nos relatou nas entrevistas que recebia a aposentadoria do falecido marido Denerval e ganhava algum dinheiro extra, quando episodicamente trabalhava fazendo faxina. O Sr. Walter ajudava quando podia e atualmente estava afastado de seu cargo de gari, por motivo de saúde e não recebia salário há três meses. O filho Marcos estava sem trabalho há um ano, e era ajudante de pedreiro realizando serviços gerais. O único que trabalhava na casa, no momento das entrevistas era Cleber, que ajudava a avó. Informamos a Maria das Dores que pela idade de 63 anos, talvez tivesse direito ao Benefício de Prestação Continuada e que deveria ir a uma agência da Previdência Social e se informar sobre o benefício. Salientamos que se tratava de benefício concedido, mesmo ao trabalhador que não contribuiu com a Previdência Social, pois ela seria considerada como uma trabalhadora doméstica familiar que não pode contribuir na juventude.

O cenário afetivo desta família também se mostrou na primeira visita domiciliar e primeira entrevista, bastante entristecido. A avó iniciou a entrevista com um choro que expressava sua revolta e indignação com as atuais atitudes do neto, de quem ela já almejava o afastamento. Começou espontaneamente a contar uma briga recente que ocorrera entre o neto Justino e o tio Marcos, porque o tio expulsou com violência o sobrinho do sofá, para assistir televisão deitado. A solução tomada após a briga foi dada pelo companheiro da avó, o Sr. Valter: retirar a televisão da sala, aonde o neto Jonathan dormia.

Relatou a dor e o sofrimento pelos atos infracionais do neto, por exemplo: esse radinho que ele estava usando, ela achava que foi roubado (no meio da

entrevista, apareceu procurando pelo Jonathan, o amigo dele, o dono do radinho e havia pedido para que Jonathan o vendesse). Relatou ainda que as pessoas da casa trancavam tudo, para que ele não pegasse o que era dos outros: havia “cadeados” trancando os armários. Assim nos contou:

“O Justino manda, fala palavrão e o outro (o filho Marcos) já chega e me pergunta por que eu tô triste, e eu conto, aí ele fala: por que a senhora não dá um jeito? Aí eu digo que é porque ele tá assinando lá no Vale da Bênção, porque eu queria falar que era prá eles conseguirem um lugar prá ele. Olha hoje no telefone e eu já tinha falado pro meu esposo, antes de vocês chegar, ih.. Hoje eu tô tão nervosa... tô atacada, porque ontem mesmo ele discutiu com o irmão dele, porque o chuveiro nosso queimou, a senhora desculpa eu falar, mas não é vergonha não, então ele colocou uma panela grande que eu tenho com água no fogo, prá esquentar no fogo, e eu não tava nem em casa, tava na casa da outra filha Cleide, que tem 36 anos, aí quando o irmão dele, meu neto mais velho de 21 anos chegou, a água tava pulando no fogo assim, a senhora vê como as coisa tá difícil, né, meus filho tá tudo desempregado, meu esposo tá doente, então tem hora que eu choro assim, porque se eu não choro dá um troço ni mim, aí ele falou: olha, desliga o fogo da água que ela já tá quente, meu esposo até disse que a água já tava frevendo, ele faz tudo por pirraça. E ele deitado no tapete aqui e a água pulando no fogo, ele disse desliga o fogo e aí ele se levantou e foi lá dentro e pegou a panela e levou lá dentro do banheiro e jogou lá e jogou a panela no chão, por pirraça, resmungando, e amassou a panela de um jeito assim, é que eu tenho outras panelas, mas essa era de esquentar a água, né? E aí o outro ficou nervoso e disse que ia jogar as roupas dele tudo prá fora, é o que eu vou falar prá senhora e na frente de vocês, que tem dia que me dá vontade de jogar as roupas, o colchão arrastar e jogar tudo prá fora, que eu não tô agüentando mais, que eu tô num estresse tão grande, que outro dia a minha pressão, eu fui no médico e a minha pressão não tava boa, tava alta.”

O “tom” de *revolta, rancor e ressentimento* persistia na narrativa da avó quando ela contava sobre a conduta grosseira com que era tratada pelo neto Justino, que não aceitava ser criticado. Ela chegava a ter medo dele: pela cara feia e xingamentos, e assim relatou:

“Outro dia ele (o Justino) chegou com um celular, aí ele tinha discutido comigo e eu tava deitada lá no outro quarto lá trás, é que tem dois quartos, daí ele chegou e me olhou assim de um jeito assim, sabe quando a pessoa quer brigar, encarando assim feio mesmo e eu deitada até minha filhas (Sandra e Cleide) falar assim, assim a senhora fica com cuidado porque acontece tanta coisa, a gente vê passar na televisão ele pode chegar uma hora ... né, da cabeça pegar uma coisa e matar a senhora sem a senhora ver, eu fico bem esperta com ele, porque ele tá demais, tá demais da conta. Aí ele passou por mim com uma cara bem feia e depois falou: ‘vó, se você achar quem quer comprar eu vendo um celular’. E ontem ele saiu e chegou com esse outro. Ele tá pintando e bordando, fazendo coisa errada. Tá prá qualquer hora eu saber que ele foi preso. Eu tô com uma carta aí de um negócio nas Perdizes, eu tava deitada fui operada porque eu tava doente da vesícula e tive que tirar ela fora, tava com uns quinze dias, aí o celular tocou, fui atender e eles disseram da delegacia: a senhora tem que vim aqui se não ele vai prá FEBEM.”

O companheiro da avó Maria das Dores, o senhor Walter endossava, num tom também indignado e desgostoso o comportamento de Justino. Contou de uma das visitas do casal ao Conselho Tutelar, e a fala do *moço do Conselho Tutelar*, explicando que o Justino “*teve um pai violento até os seis anos de idade e que não tinha mais jeito, isso ia estourar depois de velho e que nós dois não temos nada que ver com isso.*” (sic.).

Quando interrogada sobre as interrelações com o Justino na infância, tanto a avó, quanto o senhor Walter, disseram ser boas. Ele era *bonzinho e só ficava bravo se mexessem com ele*. Para eles, porém, toda a mudança do Justino deveu-se às más influências, desde os onze anos, ele foi fazer tudo errado: se drogar e roubar.

Ao longo da entrevista, tanto nós, quanto a orientadora educacional, pudemos questionar com a avó e seu companheiro, se boa parte da conduta agressiva do Jonathan poderia ser reativa à forma como ele era tratado. Afirmamos ainda que pela lente com que Jonathan fosse olhado, seria a forma com que ele se relacionaria e que os vínculos familiares, com qualidade, poderiam ser a grande possibilidade de mudança na vida dele, pois Justino só tinha essa avó e parentes para contar.

Ao final da entrevista, a avó agradeceu muitíssimo a visita, disse estar bem mais aliviada e que tinha acabado “aquela opressão que ela tinha no peito” antes de nós chegarmos, e mesmo no começo da conversa. Disse que queria mudar com o neto Justino, que ia até comprar uma colônia para ele usar, para não pegar de ninguém, que ia ver a possibilidade dele mudar o horário da escola para ele poder arrumar um trabalho e para resolver o alistamento militar dele.

Ficou muito satisfeita com a possibilidade de nos encontrarmos outra vez na outra semana, para juntos fazermos o mapa da história da família.

Assim que chegamos para nosso segundo encontro, encontramos um clima emocional na família bem diferente daquele que experimentamos quando da

primeira visita domiciliar e entrevista. Chamou-nos a atenção, primeiramente a mudança física: a televisão da casa que em nosso primeiro encontro estava no quarto da avó, devido à briga que tinha havido entre Jonathan e o tio, retornara para a sala. No momento em que chegamos, havia quatro netos assistindo um filme de piratas e dois deles eram: Justino e sua irmã Joyce. Havíamos levado uns doces e refrigerantes para fazermos um lanche com eles e isso foi servido aos netos que expressaram grande satisfação com as guloseimas.

Imediatamente Maria das Dores ia desligar a TV, mas aí perguntamos se não poderíamos realizar essa entrevista em outro cômodo da casa, para não atrapalharmos os dois netos que estariam na casa, mas não participariam da elaboração do Genossociograma. De pronto, a vovó Maria das Dores nos levou para a intimidade de seu quarto e ficamos assim colocados: Maria das Dores, Justino, Joyce e Rute sentados na cama de baixo de um Beliche e eu numa cadeira em frente a eles e a uma pequena mesinha, improvisada de um pequeno baú, sobre a qual construímos o mapa intergeracional da família.

Maria das Dores começou falando de sua gratidão pelo bem que nós havíamos feito a ela no primeiro encontro, de como ela se sentiu aliviada por toda a semana. Contou ainda que no outro dia ao da entrevista ela se reuniu com todos os membros da família que moravam na casa e disse a eles que dali em diante todos deveriam mudar em relação ao Justino: ele precisava se sentir bem em sua casa, como última chance para sair da vida errada em que se encontrava, as instruções foram: se ele chegasse de cara feia, ninguém falasse nada e depois voltasse a falar normal com ele. E foi nesse clima de gratidão e alegria que iniciamos a construção do Genossociograma com esta família.

Ao final da entrevista, pudemos resgatar o valor das trocas familiares nas histórias de vida que todos carregamos e Maria das Dores mais uma vez falou de toda a sua nova disposição em ajudar o Justino, no que ela pudesse para que ele saísse da vida errada: ajudá-lo a resolver sua papelada para transferir o turno de estudo, a tirar as fotos para o alistamento militar e junto com isso tudo, precisava providenciar a urgente mudança de casa, pois eles estavam pagando de aluguel, bem mais do que podiam.

Também falamos da responsabilidade do Justino nessas mudanças das relações familiares: ele viu nesta tarde a forte influência que a violência tem em sua história familiar e isso era muito importante para marcar o que ele queria fazer com tudo aquilo que ele sabia agora: poderia continuar essa “saga de violência” ou lutar por transformá-la e não seria nada fácil essa segunda opção. Porém estávamos todos ouvindo a vovó Maria das Dores dizer que ele não está sozinho nessa luta.

4.2 – A avó Maria das Dores e o neto Justino: os fios de uma trama de quatro gerações com um legado de violências e segredos.

Neide, a mãe de Justino, segunda filha de Maria Santa, teve um primeiro filho como mãe solteira e o chamou Cléber, atualmente com 22 anos e que tinha 10 anos quando a mãe morreu. Este neto, o mais velho dentre os netos, tem com a avó Maria das Dores uma forte aliança. Até o momento da entrevista de montagem do Genossociograma, nem Justino, nem Joyce sabiam de qual doença sua mãe Neide havia morrido, esse era um grande *segredo* mantido pela vovó Maria das Dores. Quando indagamos sobre a causa da morte da filha Neide, a vovó respondeu que nós (a Rute e eu) já sabíamos qual era, mas respondemos que o Justino e a Joyce não sabiam do que havia morrido a própria mãe e fatos que desconhecemos nos fazem mal e tendem a ser repetidos na história das famílias.

Maria das Dores, então, contou que Neide havia morrido aos 33 anos, pelo vírus da AIDS, contraído através do marido *Jorge*, que era soro-positivo e alcoolista e com quem ela tivera um filho infectado Jeremias que aos oito meses foi posto para adoção, após longa internação hospitalar. Neide morreu logo depois o parto de Jeremias. Além de Jeremias, teve com Jorge também Justino, que agora tem 18 anos e tinha 6 anos quando ela morreu e Joyce que hoje está com 16 anos e tinha 4 anos quando a mãe morreu. O relacionamento do casal era carregado de violência física e emocional e por várias vezes Maria das Dores teve que socorrer fisicamente a filha, constantemente agredida pelo marido, numa dessas vezes ele chegou a quebrar o braço da Neide com um

machado, ela *escondia* a maioria das violências. O motivo era que Jorge dizia que se fizessem qualquer coisa com ele, haveria um acerto de contas com as crianças, ele tinha muitos amigos e sabia o horário de estudo das crianças e se vingaria nelas. Maria das Dores, mais de uma vez, disse que logo que a filha morreu, ela não queria ficar com os três netos, mas como a avó paterna não os quis ela resolveu trazê-los para criar. Em outro momento, entretanto, disse que o pequeno espaço de tempo em que os três filhos da Neide moraram com o pai Jorge e a outra avó, ela entrou em depressão, não comia; foi, então aí, que o Sr. Walter sugeriu que ela pegasse os meninos para criar.

Maria das Dores, hoje com 63 anos foi casada pela primeira vez com Denerval, que morreu de complicações pelo alcoolismo e diabetes aos 35 anos e teve com ele um total sete filhos. Denerval era alcoolista e extremamente violento; o atual marido de Maria Santa, o Sr. Walter *era um grande protetor* de Maria das Dores, afinal, ela morava com a família numa casa que pertencia aos pais dele. O cotidiano desta família era povoado por cenas de violência do pai Denerval; para serem evitadas tais cenas, Maria das Dores levava os filhos *para se esconderem na casa do Walter*. A primeira filha do casal Maria Santa /Denerval, que se chamava Maria Aparecida, morreu aos 22 anos do parto da primeira filha, natimorta. A segunda filha do casal chama-se Cleide hoje com 36 anos; vive bem com o marido Agnaldo e tem um filho chamado Jéferson de 17 anos. A terceira filha foi Neide, que morreu aos 32 anos mãe do Jonathan. A quarta filha é Sandra hoje com 29 anos, com quem Maria das Dores tem o melhor relacionamento entre as filhas; é casada com Flávio com quem tem um filho, Felipe (que estava na casa da avó Maria Santa, quando construímos esse Genossociograma) de 10 anos. Esta tia tem uma relação muito difícil com o Justino e o considera um “perigo” à integridade física da mãe e da família. A seguir nasceram os gêmeos: Alessandro e Alessandra, hoje com 23 anos. Alessandro é travesti (*segredo* que a vovó Maria das Dores, mantém guardado e não consegue pronunciar o nome da opção sexual do filho), seu nome como Travesti é Larissa e mora na Itália. A Alessandra é casada com Wilson e tem um filho, o Rafael de 5 anos. O último filho do casal Maria das Dores/Denerval foi Cleiton, que tem 22 anos, é casado com Michele e tem um filho chamado Mateus de 1 ano.

E aí entra em cena, outro grande *segredo familiar*: o *relacionamento de Maria das Dores com o Walter*. Ela afirmou que eles só se juntaram quando Denerval morreu, porém a denúncia de que isso não “soa” como verdade veio com a idade do filho mais velho do casal Maria das Dores/Walter: o Marcos, que tem 28 anos, sendo que o último filho do casal Maria Denerval/Denerval, Cleiton tem 22 anos.

O casal Maria das Dores/Walter não mora sob o mesmo teto. Segundo Maria das Dores isto se deve ao fato de que ele tem uma casa muito boa, deixada pelos pais e ali ele vive com o filho mais novo do casal, Daniel de 20 anos, com quem Maria das Dores tem um afeto diferenciado, chamando-o de “meu caçulinha”; o mimo especial, segundo ela, se dá devido à doença que ele tem: o diabetes. O filho mais velho do casal, o Marcos e sua filha de 9 anos a Maiara vivem com Maria das Dores, a mãe da menina vive com os pais dela. Desde que é bebê Maiara foi deixada prá Maria das Dores criar. O tio Marcos também tem uma relação difícil com o Jonathan, e o agride constantemente fisicamente. Maria das Dores reforçou mais de uma vez o forte laço amoroso que a une ao senhor Walter e que eles “namoram” até hoje, inclusive não têm o “desgaste” da vida cotidiana.

Maria das Dores nasceu no interior de Minas Gerais, na cidade de Leopoldina e não volta lá há mais de 40 anos. A última carta que recebeu foi há 28 anos atrás e respondeu, mas a carta voltou e ela não tem a menor notícia da sua família de origem. Ela era filha de uma prole de oito filhos de Francisco Diogo, que era alcoolista e muito violento e de Maria Luzia. Maria das Dores teve *muita dificuldade para se recordar* do nome dos irmãos e *não recordou* de nenhuma idade, foram esses os irmãos por ela nomeados: recordou de Terezinha, talvez a mais velha e que era viúva e tinha uma filha chamada Marisa; em seguida veio Efigênia que era casada; outra irmã foi a Lurdinha, de quem ela nada sabia e a seguir vieram os dois irmãos homens: Jorge e Francisco. Recordou-se ainda que teve dois irmão gêmeos que morreram aos cinco meses.

Contou ainda, que o cotidiano dessa família era repleto de *atos de violência*; o pai era extremamente violento e batia nela, nos irmãos e na mãe. Relatando um desses episódios, Maria das Dores contou que num certo dia ela que era uma criança, por volta dos dez anos de idade, se recusou a ajudar a mãe numa atividade da casa que era de cuidar dos filhotes de uma cadela que dera cria no quintal, porque tinha medo de pegar nos cachorrinhos. O pai então irritado com a má vontade da filha pegou um pedaço de pau e bateu com toda força nas costas de Maria das Dores, que caiu na hora de tanta dor. Como a mãe questionou o motivo do pai fazer a quilo com Dorinha (era como a mãe a chamava), só por causa dos cachorrinhos, ele pegou um por um, os cachorrinhos e decepou-lhes a cabeça e também a da cadela mãe.

Em seguida, veio prá cima dos filhos quando Maria Luzia atravessou na sua frente; ele então, pegou uma espingarda de caça e a acionou três vezes para matar a esposa, *ela disse que não temia a morte, que ele podia atirar que ela ia morrer protegendo os filhos, mas ele não atirou*. Ela contou que lembrava disso até hoje. E o final da história ainda foi muito humilhante, porque ele quebrou todas as panelas da casa e no outro dia ela teve que ir na casa dos patrões (ela trabalhava na casa grande dos donos do sítio desde os 8 anos de idade) para pedir emprestado umas panelas para poder fazer comida. Lembrou ainda que saiu do sítio e desse primeiro emprego para se casar.

Com tantas lembranças dolorosas e com alguns esquecimentos sobre a família de origem, Maria das Dores começou a falar de seus avós paternos: *João Diogo e Jovita*. E foi a *primeira memória afetiva* que lhe puxou para o relato da quarta geração de sua família: a avó Jovita (tataravó do Justino) era a única recordação boa de sua infância: ela fazia forminhos de barro e bonecas de pano para Maria das Dores e suas irmãs e, com brilho nos olhos, falou dos momentos de paz e de alegria que tinha na casa dessa avó. Essa casa da vovó era seu “refúgio” de paz em tempo de guerra familiar. Aproveitamos para ajudá-la a perceber que talvez ali estivesse a origem do forte papel de avó que ela desempenhava até hoje.

Mas Maria das Dores também se lembrou dos dois outros filhos do casal, *João Diogo* e *Jovita*. Além de seu pai, havia uma tia chamada *Justa* e um tio chamado *Euclides*, que era casado. Recordou que esse tio, puxando-a num canto certo dia, começou a tocá-la e ela já era uma mocinha; contou à mãe que contou ao pai e este deu uma surra no tio. Lembrar disso “*também é ruim até hoje*”, disse Maria Santa.

4.3 – Maria das Dores e Justino: fios interacionais que se esgarçaram para construir uma nova trama

Um ano após a nossa segunda visita domiciliar e entrevista, localizamos a nova residência de Maria das Dores; ela havia se mudado duas vezes, desde que a vimos.

Segundo a própria avó, eles passaram seis meses em uma casa, que tinha um vizinho de quatorze anos, muito agressivo e vivia aprontando com a família: “*jogava pedra no telhado, implicava, pintava e bordava. E aí eu falei: é melhor mudar*”, e *aí está com seis meses que eu estou nessa nova casa*.

Relatando um pouco sobre o cenário sócio-econômico da família, as coisas tinham piorado: a casa de Maria das Dores era a metade da outra, e era na verdade, a parte térrea de uma construção com um primeiro andar. Tinha aproximadamente trinta metros quadrados, com uma sala, um banheiro, uma cozinha e um único quarto. O marido de Maria das Dores, o Sr. Walter, passara por duas operações, hérnia e coração e estava num processo com um advogado para poder se aposentar, pois segundo ele: “*o médico do INPS não aposenta assim, não*”, portanto, ele sem receber qualquer tipo de remuneração.

Apesar do espaço físico da casa ser menor, duas pessoas não moravam mais ali: o neto Justino e sua irmã Joyce. Justino, após mais uma briga com o tio Marcos, que o acusara de novo de haver roubado um radinho, resolveu sair de casa, passou uma semana na casa de um amigo e depois passara aproximadamente um mês na rua, ao relento. Depois desse tempo, se instalou

numa casa abandonada. Nesse momento a avó Maria das Dores e a sua tia Cleide, foram atrás dele e resolveram ajudá-lo a ir morar numa pensão.

Justino começou a trabalhar como ajudante de pedreiro e pagava metade de seu aluguel. Esse foi o início do relato da grande mudança processada nas vidas da avó Maria das Dores na interrelação com seu neto Justino.

A neta Joyce, já não se mudara com a avó e a família, para essa casa atual, queria liberdade para sair e chegar a hora que quisesse, e resolveu morar na casa de uma amiga. A avó soube que ela estava envolvida com droga, com cocaína. Ela tinha muita hemorragia pelo nariz, mas disse que não queria nunca mais voltar para casa, que não era por culpa da avó, mas é que ela queria ter a liberdade dela. Contudo, segundo a avó, agora que ela estava afastada, estava mais carinhosa com a avó:

“Ela (a Joyce) fala: ‘o que foi vó?’ ‘Aí vem me beija o rosto, toma a bênção. Está completamente. Parece que ela está melhor comigo do que quando estava dentro de casa. Porque ela não queria estar dentro de casa. Ela queria ficar na rua [...] Ela está me tratando de um jeito assim, que eu fiquei boba, né?! Era o jeito que ela me tratava quando era pequenininha. Porque depois que ela cresceu, que estava dentro de casa, ela só faltava me bater. Chegou a dar até chute em mim, em casa. Deu um chute na minha perna [...] Ela mesma falou um dia desses para a menina aqui: ‘eu tenho arrependimento de ter feito com minha avó o que eu fiz. De sair de casa, não.’”

A avó começou a falar da própria mudança ocorrida com ela:

“no dia que a senhora, dona Fatima, foi lá em casa, a senhora viu como eu tava: com todo meu psíquico estourado: chateada, cheia de problemas [...] tava tudo atrapalhado [...] eu tava muito chateada com ele (O Justino), eu estava chateada porque ele fazia coisa errada [...] Mas agora ele melhorou cem por cento, mas eu melhorei também [...] Mas Deus parece que às vezes, eu olho no espelho assim e eu falo: nossa, eu sou linda. Eu falo [...] Nossa, eu estou linda! Eu me acho bonita, porque Deus está me dando, Deus me fortalece!”

Era visível e audível o processo de transformação dessa avó, sua fala não guardava o *ressentimento, a mágoa e a revolta, sobretudo do primeiro encontro*. Havia se tornado uma pessoa mais afável e amorosa. E foi nesse *novo tom* que relatou as grandes e radicais mudanças de seu neto Justino:

“A gente, eu fiquei do jeito que a senhora falou, tratando ele (o neto Justino) direitinho, sabe? A gente ficou tratando ele direito. Ele melhorou bastante.”

E passamos a testemunhar o relato que a avó Maria das Dores fez sobre a mudança no padrão interrelacional familiar do seu neto Justino:

“Nossa, como ele melhorou. Melhorou porque inclusive ele ligou até na casa de meu esposo e falou com ele. O mais velho (o filho Marcos) que tinha a confusão com ele, que brigaram, hoje ele conversa com ele [...] Outro dia, meu caçula (o filho Daniel) foi lá na Matriz e falou que ele estava lá. Ele estava com uma latinha de guaraná, tomando guaraná e conversou com ele [...] Ele antes, tinha raiva de todo mundo. Agora ele não tem raiva de ninguém. Ele tinha um olhar esquisito assim. Um dia ele foi na casa da minha filha Sandra para brigar com ela. Ela um dia bateu nele, porque ele falou umas palavras assim pra ela Um dia desses, ele já foi na casa da Sandra e levou, porque a minha filha comprou um forno microondas e ele passou por lá, pegou o ônibus e foi lá levar o microondas pra ela. Aí, ela pegou e deu uma lata de leite pra ele, deu miojo. Ele ficou todo alegre. Quando eu liguei pra ele pra ver se tinha alguma coisa lá, se ele estava precisando de alguma coisa, ele disse: “Não, vó. Não tem, não. Mas a Sandra já me deu umas coisas aqui”. Deu três reais pra ele. Ele ficou todo alegre.”

Mas o grande padrão de transformação relacional de Justino ocorreu na interrelação com a avó Maria das Dores:

“Então, ele melhorou cem por cento. Quando eu vou lá, ele fala assim: ‘Vó, tem alguém em casa ajudando a senhora a fazer alguma coisa? Manda alguém ajudar a senhora. Quando a Sandra não for trabalhar (a tia que é mais nova do que a Cleide), ou a tia Cleide não tiver trabalhando, fala pra elas dar uma mão pra senhora, pra limpar, fazer faxina’ [...] Quando eu chego prá visitá-lo na pensão a primeira coisa que ele fala é ‘Vó, a senhora vai na igreja? A senhora não esquece de deixar meu nome lá na Igreja’ [...] Tirou os documentos dele, está trabalhando... Ele falou: ‘Ah, vó, eu fico até nervoso, que o homem não quer me pagar’. Eu digo: Não fica nervoso, não. Mas ele vai ter que pagar você. Como é que você vai pagar o aluguel?. Ele tem uma parte e está faltando a outra. Mas eu também não deixo abandonado. Eu vou lá levar as coisas. Tem alguma uma vez que ele fala: ‘Ah, vó, eu não fui trabalhar’. Eu pego as coisas daqui e levo. Levo mantimento, às vezes, pra ele. Sabe? Um dia desses meu esposo mesmo viu, eu levei arroz, feijão. Eu compro, da quantidade que eu compro pra mim eu pego e tiro um pouco pra ele. A Cleide (a tia que o ajuda a pagar a pensão) também ajuda ele, mantimento e tudo. Se ele fica sem comer, ele vai sair, vai querer fazer coisas, né? Um dia desses mesmo eu fui lá e o seu João (o dono da pensão): ‘Ih, ele acabou de sair, dona Maria. Ele foi falar com a dona da casa lá. Ele saiu’. Eu falei: Nossa, eu falei pra ele me esperar. Estava um calor, sabe? Aí, eu falei: Ah, vou descendo devagarzinho, de pé, a Teixeira Leite. Aí eu olhei assim, ele estava num bar com um rapaz, jogando lá. Com garrafa de cerveja em cima. Aí eu falei: Você está bebendo coisa, Justino? Ele falou: ‘Não, o rapaz está comprando cervejinha pra nós tomar aí, vó, mas eu não tomo muito não, tomo pouquinho’. Aí ele falou assim: ‘A senhora vai voltar lá em casa?’. Eu disse: Não, vou embora. Outra hora eu venho aqui”. Ele ficou lá. Mas melhorou cem por cento.”

Estávamos diante do relato de uma avó que cuidava com vigilância e afeto do seu neto, inclusive atenta para que o neto não precisasse reincidir na prática infracional e de adição. Também estávamos diante do relato sobre um neto que se tornara expressivo, tendo tanta liberdade na relação com a avó que podia expressar uma falta que sentiu:

“Foi aniversário dele em quatro de outubro e eu nem fui lá. Aí, depois eu fui logo depois do aniversário dele. Eu fui lá e falei com ele. Ele disse: ‘Olha, vó! Eu não saí pra lugar nenhum. Fiquei aqui. Não veio ninguém. Não apareceu ninguém’. Eu disse: Não, mas eu não vim porque estava chovendo muito. Estando chovendo, não dá pra mim vir mesmo”.

Dona Maria das Dores reforçou a força que a experiência religiosa estava dando em suas mudanças e como também estava sendo respeitada pelo neto Justino em seu momento de maior *consagração religiosa*:

“Eu orei muito a Deus. Minha filha (Cleide) também está indo na igreja direto. Estou indo na igreja. Eu estou uma... hoje eu estou com o meu corpo leve, estou a mesma coisa que uma pena. Já busquei o Divino Espírito Santo, fui na igreja de manhã. Que eu vou de quarta e sexta. E domingo. E, graças a Deus, ele está cem por cento [...] E também através de eu pedir muito pra Deus, pedir muito pra Deus. Às vezes, eu levo um vidrinho de óleo e ele diz: ‘Vó, unja o meu quarto’. Eu unjo o quarto dele, as coisas dele. De primeiro, nossa, eu falava pra ele ir na igreja e ele achava ruim, xingava.”.

Para além do novo padrão interrelacional entre a avó Maria das Dores e seu neto Justino, escutamos neste encontro as outras preocupações de Maria das Dores, com seu filho Daniel, e seu alcoolismo e com sua neta Maiara, filha dele e que já estava fazendo com o pai, o mesmo que sua filha Cleide fazia: ia buscar o pai bêbado de bar em bar. Além de se mostrar preocupada com a neta Joyce que estava fora de casa.

5- A avó Maria do Amparo e seu neto Walmor: da co-dependência ao amor que limita

Walmor, 18 anos era irmão de Denise, que morreu por complicações de sua doença Síndrome de Down, aos 10 anos; é meio-irmão da Daiane, de 20 anos e de Daniele, de 25 anos e que é mãe do Maycon de 2 anos. Walmor se criou desde pequenino com a avó e a mãe e foi sempre um menino muito indisciplinado. Desde muito pequeno já fugia da escola e agredia a mãe quando ela tentava educá-lo. Desde os quinze anos se envolveu com drogas, sobretudo a cocaína, traficou e também se envolveu em assaltos e ficou internado na FEBEM. Filho de Rosimeire, de 40 anos, com seu terceiro marido, Orlando e tiveram também a filha Denise. De um envolvimento de Rosimeire com Geraldo, um traficante, nasceu Daiane e de seu primeiro namorado, aos dezesseis anos, nasceu Daniele que lhe deu o primeiro neto Maycon, filha essa que é muito dependente da mãe Rosimeire, quinta de dez filhos de Maria do Amparo e de Pacífico. A avó Maria do Amparo, de 68 anos, viúva de Pacífico, que era alcoolista e que morreu por complicações hepáticas aos 61 anos, e mãe de Rosimeire, teve com Pacífico mais oito filhos biológicos e um adotivo, o Edison (Dinho) que desapareceu há três anos e era envolvido com drogas. Dos vinte e um netos de Maria do Amparo, ela só recordou do nome dos quatro filhos da filha Rosimeire, e de dois, dos três filhos de seu primeiro filho também chamado Pacífico, que morreu de acidente aos 27 anos. Maria do Amparo nasceu na Bahia, filha do casal Euclides, que morreu aos 94 anos e de Nair, que morreu aos 63 anos. Dos cinco irmãos de Maria do Amparo: um era alcoolista e tinha dois de seus quatro filhos envolvidos com drogas; outro irmão era envolvido com drogas e uma das irmãs teve também um filho seu envolvido com drogas. Pacífico, marido de Maria do Amparo e avô de Walmor, era filho de Artur e de Dulcina, ambos alcoolistas e tinha dois, de seus quatro irmãos, também alcoolistas e um sobrinho envolvido com drogas. O último irmão de Pacífico se chama Orlando, era envolvido com drogas e é tio avô paterno de Walmor.

5.1 – Tecendo os fios sócio-afetivos das duas primeiras Visitas Domiciliares e entrevistas

Outra vez vivemos a aventura de localizarmos uma residência nesta Zona da cidade em que moram os adolescentes envolvidos na pesquisa. Ainda que estivéssemos com o mapa na mão, era um zigue zagueado grande e ladeiras muito íngremes da Zona Norte da cidade de São Paulo.

Finalmente chegamos à casa da vovó, Maria do Amparo e que se localizava bem abaixo do nível da rua, mas que tinha uma configuração maior que a casa anterior que visitáramos (da avó Maria das Dores) Havia uma sala de tamanho médio, dois quartos, uma copa cozinha ampla, banheiro e no terreno bem comprido se anexavam, por contigüidades, outras casas. Em algumas delas moravam outros filhos e netos de Maria do Amparo e outras eram alugadas a terceiros. Ela vivia da pensão do marido, era viúva e dos pequenos ganhos

dos aluguéis. Com isso ela vivia e ajudava de tudo à filha Rosimeire e seus filhos.

O clima afetivo-emocional que cercou a primeira entrevista com a avó Maria do Amparo foi de muita tensão, visto que seu neto Walmor, que cumpria a medida da Liberdade Assistida, estava para ter a medida suspensa, pois não a estava cumprindo: não comparecia aos encontros no Programa de Execução da Medida e não estava estudando.

A ONG que executava a mediada, a AEBVB – Associação Evangélica Beneficente Vale da Bênção estava estabelecendo com essa nossa pesquisa e sua metodologia, o último recurso a ser tentado, antes que um relatório fosse emitido pedindo a suspensão da Medida, o que já o levaria automaticamente para a realidade prisional, pelos dezoito anos de Walmor.

A família sofrera uma mudança, pois há alguns meses a mãe do Walmor, que morava no litoral, se mudou para morar com ele e com a mãe (avó dele), numa tentativa de se aproximar do filho que já estava cumprindo a medida. Mas o filho tinha uma relação difícil com a mãe, que tinha uma comunicação agressiva com ele.

Assim que chegamos, a avó Maria do Amparo nos disse que tentou manter o neto em casa para que participasse da entrevista, mas não conseguiu, pois ele disse que precisava sair para resolver algumas coisas. Assim que sentamos, apareceu a mãe de Walmor, com uma fala tensa porque havia encontrado com o filho e havia dito coisas a ele, com muita raiva, pois ele havia discutido violentamente com a avó e depois saiu batendo forte nas coisas da casa: guarda-roupa e cadeiras e ela lhe disse nesse encontro, que caso a mãe dela tivesse qualquer problema por causa dele, ela colocava ele pra fora de casa.

Foi debaixo desse clima que iniciamos a entrevista, explicitamos o objetivo do estudo, e mais uma vez pedimos o Consentimento Livre e Esclarecido para a participação, tanto da avó, quanto da mãe. Elas compreenderam e de bom grado assinaram o Termo do consentimento.

O Tônus vital da vovó Maria do Amparo, nessa primeira Visita Domiciliar e entrevista, era de visível entristecimento. Chorou durante várias vezes, ao longo do encontro e entre ela e a filha Rosimeire, a mãe de Walmor, pareceu evidenciar-se um campo de tensão, de luta pelo amor dele e até de “responsabilização” ou “culpa” pelo envolvimento do Walmor com o mundo infracional.

A “culpa” evidenciada pela avó apareceu logo no início da Visita, entre lágrimas ela nos disse:

“Por que eu não sei se eu fui a errada [...] É amor demais. Eu faço todas as vontades dele, se ele me pedir uma coisa e eu não der, eu sinto uma coisa ruim assim por dentro. E quando ele era mais pequeno ele dizia assim: olhe vó se a senhora morrer eu morro junto. Outro dia eu disse a ele: meu filho se você disse que morria junto se a vovó morresse, então prá que você faz isso?”

As questões morais vinculadas à vida amorosa de Rosimeire, mãe de Walmor, que a “culpabilizavam” no cenário familiar também vieram à tona. Foi ela mesma quem trouxe a questão:

“Aí eu fico me perguntando assim: será que Walmor guarda alguma mágoa de mim, dentro dele? [...] Mas eu falo prá meus três filhos que eles não devem fazer coisa errada porque eles tiveram tudo, não de mim, mas da minha mãe. [...] É, mas se eu fosse tão ruim prá eles (e começa a chorar) assim, eles me cobram de coisas materiais, mas eu não podia dar isso a eles, o que é que eu ia fazer? Mas eu dei presença, só quem não me cobra é a Daniela. Porque tem muitas mães que têm os filhos por aí e abandonam, e eu nunca abandonei. Porque eu ouvi coisas aqui de monte da minha família, monte de coisas que eu já passei, mas eu nunca abandonei vocês. E eu tinha a Denise que precisava de mim prá tudo e eu não podia trabalhar porque ninguém ia tomar conta dela: mudar a roupa dela, fazer tudo prá ela [...] Às vezes eu ficava pensando e acho que eu fiz muita coisa errada na vida, mas que eu tava procurando algo que eu não encontrava aqui em casa, com meu pai, com a minha mãe não, com meu pai. [...] será que essas besteiras que o Walmor faz, não é fruto da falta de um homem, um pai?”

Mas em outros momentos, a culpabilização de Rosimeire foi trazida pela avó Maria do Amparo:

“Porque um dia desse ele (Walmor) falou assim: ‘quem é mãe prá falar de mim?’ E o que é Walmor? ‘Vó, a senhora não sabe quem é a minha mãe prá vim falar de mim, prá dar exemplo prá mim?’ O que será que ele quis dizer? [...] Eu acho que ele quis dizer que você conviveu com um homem, o Geraldo que levava a vida drogado e que você fazia o que fazia: a bagunça, que fez eu passar nervoso tanto. Tudo ele sabe. E ele é uma criança.”

Também pudemos acompanhar os indícios dos padrões de co-dependência da família. Tanto na vida da avó Maria do Amparo, quanto na de sua filha Rosimeire e da sua neta Daniele. Senão, vejamos essas evidências da co-dependência no discurso da avó Maria do Amparo:

“Ah! Eu sinto muito amor por ele (Walmor) e sei que ele também me ama. Acho que de tanto eu amar ele, isso me prejudica. Porque eu fico só pensando nessas coisas erradas que ele faz, no que pode acontecer, se ele voltar prá lá outra vez (o lá é uma Unidade de Internação da FEBEM). Da outra vez que ele foi prá lá eu tive um derrame. Não sei se eu amo assim porque ele não tem pai, mas o que eu sinto é pior que dos meus filhos. [...] Mas eu não sei por que eu amo tanto Walmor assim, é muito forte. [...] Amava e amo e acho que jamais, como eu falei para a Meirinha (Rosimeire), ele pode fazer o que quiser e eu jamais vou ter coragem de ponhar meu filho prá rua não, de jeito nenhum, eu acho que eu morro.”

No discurso da mãe do Walmor, Rosimeire:

“Eu sempre fui grudada na minha mãe (Maria do Amparo), agora é que eu tô conseguindo desgrudar um pouco da minha mãe. Eu tinha medo de viver sem ela, um dia meu ex-marido queria me levar prá Bahia, mas eu disse a ele vai você sozinho, eu que não deixo minha mãe aqui. Eu mesmo assim, não consigo abraçar ela, beijá-la (nesse momento Rosimeire chorava muito).”

E também foi relatado o padrão de co-dependência na vida da neta Daniela:

“Percebo que existe um apego exagerado da Daniele, pela mãe. Ela não consegue morar “longe da mãe”, e pede sempre para ter alguém, lá: de preferência a mãe, ou a irmã do meio, a Daiane”.

Outro elemento presente nos relatos desta primeira Visita Domiciliar e entrevista foi a *ausência de limites* colocada pela avó Maria do Amparo e o *papel de limitadora* da mãe Rosimeire:

“O problema é quando ele (Walmor) pede um tênis caro, como ele pediu e ela (Maria do Amparo) deu. Eu digo prá ela que a gente não foi criada assim, foi sempre tendo só o que agente pode e também a gente tem de aprender a suar prá gente ter as coisas, meus filhos os três o que pediam tava lá a minha mãe dando. Ela deixava de comprar uma coisa para ela e dava a meus filhos e eu dizia mãe eles têm de aprender a batalhar a querer uma coisa, mas não vai ter quem sabe mais lá prá frente, não pode, não pode. Mas meus filhos sempre ouviram da minha mãe o sim, sim, sim.”

Ao final da entrevista, era perceptível a mudança no ambiente sócio-afetivo da família: a vovó não estava tão triste como no início, falou da alegria de nos receber na próxima semana e disse se *“sentir mais aliviada”*, depois desse encontro. A Rosimeire estava visivelmente mais relaxada do que no início da entrevista. Foi interessante perceber que os conflitos de poder existentes entre a avó Maria do Amparo e sua filha Rosimeire, geravam a necessidade de uma

mediação, fato que ocorreu com essa primeira Visita Domiciliar e entrevista, ainda que ela não tivesse se proposto a isto. Eis um trecho da entrevista que mostra bem essa disputa entre mãe e avó pela educação dos netos²¹:

“É que nem com o Walmor, se eu vejo ele fazer uma coisa errada, sempre foi difícil, porque desde que ele era pequenininho que ele se apegou muito a minha mãe e se eu fosse tentar fazer alguma coisa com ele: beijar, abraçar ele me batia, não queria, mas quando minha mãe não estava perto por exemplo, no dia do banho que ela falou, eu tirei a roupinha dele abracei ele e ele me abraçou e me beijou, mas quando ele viu minha mãe ele agarrou no meu cabelo e saiu me arrastando, me arrastando mesmo. [...]. Eu já disse à minha mãe: vá lá prá Bahia e me deixa com ele, prá vê se ele não vai continuar aqui comigo. Ele faz muita chantagem com ela, no dia mesmo da briga, eu disse a ele que ele não entrava aqui sem trazer o que ele tinha levado e ele ficou por ali, depois desceu, disse que ia embora de casa, Daí ele conhece minha mãe, sabe que ela amolece daí ela começou a chorar e falar prá ele vai não, aí foi quando ele disse: só não vou embora dessa casa por causa da minha avó.”

Ao chegarmos para nossa segunda Visita Domiciliar e entrevista encontramos a vovó Maria do Amparo já nos esperando. Dessa vez o clima estava bem mais tranquilo e a vovó disse que havia segurado o Walmor até pouco tempo, mas ele acabou saindo, e a Rosimeire desta vez precisou trabalhar e não poderia participar do início dessa segunda entrevista.

Chamava à atenção a diferença que já havia sido produzida na aparência da vovó Maria do Amparo, sua voz estava mais firme e ao longo da entrevista aquele afeto de tristeza que permeou a primeira Visita Domiciliar e entrevista deram lugar a certa alegria e a vovó, sem a filha Rosimeire, estava bem mais à vontade. E foi nesse clima sócio-emocional que construímos o mapa das relações intergeracionais dessa família.

Maria do Amparo aproveitou a ausência da filha e começou falando sobre como melhorou a relação entre Rosimeire e Walmor, depois de nossa primeira visita e que ela (a avó) estava colocando ele mais perto da mãe. Também nos contou que estava dando mais “nãos” para ele e que ela ficou muito feliz, quando no dia desta nossa segunda visita ele mostrou o cartão de que tinha ido à Sede do Programa da Liberdade Assistida.

²¹ A temática da disputa de poder entre avó e mãe pelos netos é competentemente analisada por Maria de Lurdes Bohrer Antonio, na sua dissertação de Mestrado: *“Avós, pais e netos: relações socioafetivas intergeracionais em situação de pedido de guarda na Vara da Infância e Juventude/ Comarca de Santos, PUC/SP, 2006.*

A outra boa notícia, também, era de que ele (Walmor) voltara a estudar. Também falou a cerca da dificuldade que percebia existir entre Rosimeire e Walmor, pela falta de paciência dela e também pela questão “moral” dela: ela vivia e namorava com um homem casado, o Rogério, que não tinha o menor interesse de oficializar esse relacionamento e deixar a mulher, com quem tinha um filho de 8 anos.

Durante a construção do Genossociograma apareceu na casa, o filho de Maria do Amparo, o Pacífico Filho, de 42 anos que veio trazer notícias “ruins” de que o Walmor estava de fato envolvido com as drogas (com a ‘farinha’) e com o tráfico que ele (Pacífico Filho) não sabia o que fazer. Disse também que caso ele continuasse nessa vida ele ia acabar no cemitério, pois já tinham matado outro adolescente na rua, perto da casa deles, inclusive vários amigos do Walmor foram assassinados e só sobrou o “Butija” que se converteu e hoje vende meias na parada de ônibus. Falou um pouco de si mesmo e de que ele e o irmão Ariovaldo também “cheiraram” na adolescência, mas depois largaram. Esse foi o único momento da entrevista em que Maria de Lurdes se emocionou e chorou, explicou que o que mais a entristecia era o fato de já haver sofrido tanto, com esta história de drogas pelo seu filho Dinho, e agora era como se esse pesadelo voltasse com o Walmor.

Após a construção do Genossociograma, no final dessa segunda Visita Domiciliar e entrevista, face ao cenário de forte histórico familiar de envolvimento com álcool e drogas, questionamos com a vovó Maria do Amparo, se ela não poderia ter desenvolvido um papel de Co-dependente, que também é uma doença e que normalmente acometia os familiares de dependentes de substâncias psicoativas. Afinal ela foi: esposa de alcoolista, irmã de alcoolistas, nora de alcoolistas e cunhada de alcoolistas e usuários de drogas. Sua bagagem de possível co-dependência era grande e longa.

Quando juntávamos a isso o fato de que há quase dez anos, ela não viajava, não saía de casa por causa: inicialmente do filho Dinho e depois pelo neto Walmor, reforçamos ainda mais a hipótese da pessoa em estado de co-dependência. Desafiemos, então, Maria de Lurdes, a superar sua doença de

co-dependência, para servir de complementação ao processo de des-drogadição de seu neto Walmor.

Explicamos que essa doença, chamada co-dependência, fazia com que a pessoas que a tivesse, além de poder desenvolver vários sintomas: problemas de ansiedade, depressão, problemas gástricos, circulatórios, respiratórios e outros, adoecessem e passassem a viver e a complementar o comportamento de compulsão e dependência do outro. Era preciso que a pessoa co-dependente também se transformasse para poder ajudar, realmente, a pessoa dependente da família.

Para isso, era preciso pedir ajuda a um profissional da área de Saúde Mental, pois era necessário se tratar essa “doença da alma”. A avó Maria do Amparo confirmou essa possibilidade nos falando de seus sintomas: depressão, gastrite, problemas de pressão e o derrame que já tivera. Disse que ia procurar passar com uma psicóloga do Posto de Saúde perto de sua casa, no qual ela já se tratava.

Por fim, a avó Maria do Amparo disse que ia fazer toda força para trazer a neta Daniela para a nossa próxima visita, porque ela já estava pegando essa doença também.

Marcamos um próximo encontro para dali a um ano, para sabermos como eles estariam neste tempo. Mas que confiaríamos no compromisso de Maria do Amparo de pedir ajuda a um profissional da Psicologia.

5.2 - A avó Maria do Amparo e o neto Walmor: os fios de uma trama de três gerações com um legado de dependências e co-dependências

Rosimeire de 40 anos de idade, a mãe do Walmor e filha de Maria do Amparo, teve três relacionamentos anteriores ao atual e com os três teve filhos. Considerada como a “ovelha negra da família”, segundo ela mesma e como filha de “gênio difícil” pela mãe mostrou-se, contudo, extremamente “dependente” da presença materna. Contou que tentou por várias vezes viver

longe da mãe, mas isso foi impossível, tanto que até hoje mantém um apartamento fechado, mais afastado, aonde se encontrava esporadicamente com seu namorado, o Rogério, mas ela trabalhava ali próximo à casa e vivia com a mãe. A vovó Maria do Amparo confirmou todo o tempo, que apesar do gênio difícil, Rosimeire tem sido até hoje a filha mais presente.

Em plena adolescência, Rosimeire se envolveu com um primeiro homem, o Maurício, não quis casar-se e com ele teve a filha Daniele, que tem 25 anos, é casada e tem um filho, o Maycon, com 08 meses. A vovó percebe haver uma “forte dependência” da Daniele, pela mãe. Ela não consegue morar “longe da mãe”, e pedia sempre para ter alguém, lá: de preferência a mãe, ou a irmã do meio, a Daiane. Rosimeire falava com muito “orgulho” do bom relacionamento que só consegue ter com essa filha, a Daniele. Após romper com o Maurício, Rosimeire conheceu e se envolveu com um usuário e traficante de drogas, o Geraldo, de quem engravidou da Daiane, hoje com 20 anos e que é crente evangélica e nunca teve um namorado. Antes que a Daiane nascesse o Geraldo foi assassinado e não chegou assim a conhecer, nem a ser conhecido pela filha.

Em seguida, Rosimeire conheceu e se envolveu com o Orlando, com ele chegou a viver um pouco e teve dois filhos: o Walmor, hoje com 18 anos e a Denise, que morreu por volta dos 10 anos e era portadora de um quadro severo de Síndrome de Down, com comprometimento total motor e cognitivo. O Orlando não quis aceitar a filha doente e nunca a registrou, porque dizia que ela não era sua filha. Para cuidar de Denise, Rosimeire precisou deixar de trabalhar e passou a viver quase que exclusivamente para a filha, sendo sustentada financeiramente pela mãe.

A seguir, ainda antes da morte da Denise, a Rosimeire, viveu por 5 anos com o Cabral, a quem todos os filhos se ligaram, inclusive o Walmor, e o consideravam como pai. Segundo Rosimeire, ele era muito mulherengo e ela não suportou tanta traição. Ainda que os filhos o considerassem como um pai. Para a vovó Maria do Amparo, a filha Rosimeire não conseguia permanecer

com nenhum companheiro que as pessoas da família gostam. Por fim, ela acabou se envolvendo com o Rogério, seu relacionamento atual.

Maria do Amparo, de 68 anos a avó de Walmor, foi casada com Pacífico que morreu aos 61 anos, a três anos atrás, de problemas pulmonares ocasionado pelo forte alcoolismo e tabagismo. Segundo Maria do Amparo, apesar de beber, ele nunca fora rude com ela e que só era bravo com a Rosimeire por causa do gênio dela, ela era muito “respondona” e enfrentava o pai, mesmo que ele tivesse bêbado. Entre certos “ocultamentos e omissões” foi possível captar e depois confirmar que nos últimos quinze anos de vida conjugal de Maria do Amparo e Pacífico, eles haviam se “separado de corpos”, pois além de ter se envolvido com mulheres que ela não sabe o porquê, ele se tornou impotente, também resolveu ir morar num sítio afastado.

Maria do Amparo não quis ir com o marido para não deixar os filhos. O caminho para descobrirmos esse dado foi o seguinte: pontuamos para a Maria do Amparo, o quanto ela poderia ter investido afetivamente, sobretudo no filho adotivo Edson, o Dinho, e no neto Walmor, para quem sabe, suprir alguma lacuna, pois várias vezes ela dizia: *“não sei o que era que eles (Walmor e Dinho) tinham, mas eu não vivia para mais ninguém, eu só pensava neles dois, mais que em qualquer outra pessoa”*, perguntamos então a Maria do Amparo, se ela amava tanto esses dois, como estaria então o seu sentimento como mulher pelo Pacífico? E aí ela foi revelando, lentamente as dificuldades e a separação do casal.

O casal teve um primeiro filho, o Ailton, que morreu aos 27 anos, por um acidente doméstico (caiu e bateu com a cabeça numa pedra) numa passagem de Ano Novo. Ele teve dois filhos: o Rafael, hoje com 21 anos e a Kátia, de 22 anos que é casada que tem uma filhinha, sua primeira bisneta.

Em seguida nasceu Ariovaldo (apelidado de ‘alemão’) que hoje tem aproximadamente 43 anos de idade, é casado com uma mulher chamada também de Maria do Amparo e teve três filhos: Fabiano, de 22 anos de idade; Roseli e outra neta, que Maria de Lurdes não lembrou nem o nome, nem a

idade. Apesar de dizer que convivia com todos os filhos, ela disse ter muita preguiça de ir vê-los e eram mais eles que a visitavam.

Na seqüência, que foi longa, segundo Maria do Amparo, porque ela não podia tomar remédio para não engravidar, porque passava muito nervoso e o marido só deixou-a se operar na última gestação e porque o médico operou de graça. Revelou que queria se operar desde o primeiro filho, o Pacífico Filho, que hoje tem 42 anos e é feirante. Ele é casado com Andréa e tem uma filha de 3 anos de idade de quem Maria do Amparo esqueceu o nome (o detalhe é que esse filho vivia com a família no mesmo terreno que a mãe). Esse tio deu, por um tempo, um emprego a Walmor, mas não deu certo porque os dois eram “marrudos” segundo Maria do Amparo e Walmor não gostava quando o tio reclamava de qualquer coisa. Aliás, disse ela, ele (o Walmor) não aceita nenhuma crítica que fosse feita a ele.

Em seguida nasceu Rosimeire, hoje com 40 anos de idade, e por quem iniciamos o Genossociograma.

Na seqüência nasceu Amparinho (Maria do Amparo) que tem provavelmente 39 anos (a Maria do Amparo mãe não lembra) e mora em Pernambuco, é casada e tem dois filhos a Mary de 15 anos e o Johny, de quem a avó não sabia a idade.

Depois foi o nascimento de Rosângela, hoje provavelmente com 36 anos, casada com Aparecido e que tem dois filhos e uma filha pequenos (a avó não sabe nem os nomes, nem as idades). Essa filha também morava no mesmo terreno que a mãe e durante muito tempo foi a ‘família’ substituta de Walmor, ela ficava com ele como se ele fosse um filho, tanto prá ela, quanto para o marido dela. Já há algum tempo que o sobrinho se afastara mais deles.

A próxima filha a nascer foi Roseli, que tem provavelmente 32 anos é casada e tem três filhos: duas filhas e um filho (a avó não sabe nem os nomes, nem as idades).

E a última filha do casal foi a Luzinete, que tem provavelmente 30 anos é casada e tem um filho e uma filha (a avó não sabe nem os nomes, nem as idades).

Maria do Amparo, nascida na Bahia é filha de Euclides, que morreu aos 94 anos e Nair, que morreu aos 63 anos. O casal que tinha uma relação muito boa entre si e com os filhos teve um total de sete filhos.

A primeira filha a nascer foi Amanda, apelidada de Bia era casada e teve cinco filhos: três filhos e duas filhas.

A seguir, nasceu Antônio que era alcoolista (tio-avô de Walmor), casado e que tinha os dois filhos mais velhos envolvidos com uso de drogas (são primos em segundo grau de Walmor) e teve também mais duas filhas.

Na seqüência, nasceu Raimundo que teve um envolvimento com drogas (tio avô do Walmor) e era separado e sem filhos.

A próxima a nascer foi Maria do Amparo, que teve dez filhos dos quais: um morreu com 60 dias (o que antecedeu o nascimento da Rosimeire, a mãe do Walmor) e outro foi adotado, o Edson, apelidado de Dinho.

Em seguida nasceu Maria da Glória que era casada com Marcos e teve um filho, Fernando envolvido com drogas (primo e segundo grau de Walmor) e uma filha chamada Regina.

Nasceu em seguida a Therezinha que foi casada com José, morreu por problemas renais e teve quatro filhas. Houve um fato que marcou a história dessa família que foi o envolvimento do marido de Therezinha, o José, com a cunhada Norma (irmã mais nova de Therezinha), o que muito deprimiu a Therezinha e fez com que ela desejasse a morte da irmã de uma forma a mais trágica possível.

Última filha a nascer, Norma morreu com problemas de fígado: cirrose foi casada e teve uma única filha a Júlia. A relação entre a neta Júlia e o vovô Euclides era muito forte. Certa vez, houve uma discussão entre Júlia e o avô e ela saiu de casa por algum tempo. O avô teve um problema no coração pela ausência da neta, que acabou voltando para casa.

O marido de Maria do Amparo, o Pacífico, avô paterno de Walmor, era filho de um casal de alcoolistas: Artur, que morreu do coração e Dulcina, que era diabética. O casal teve cinco filhos, dos quais quatro tinham envolvimento com álcool ou drogas.

A primeira filha do casal foi a Edna, que foi a única que não era dependente de álcool ou drogas, era casada e teve quatro filhos: duas filhas e dois filhos.

A seguir nasceu Adélia, que era alcoolista (tia avó do Walmor), era casada e teve dez filhos. Destes, cinco eram mulheres e cinco homens. O último filho homem teve um filho envolvido com drogas (primo em segundo grau do Walmor).

Na seqüência a próxima filha a nascer foi a Eunice que era alcoolista, era casada e teve um único filho que era envolvido com drogas (primo em segundo grau de Walmor).

5.3 – Maria do Amparo e Walmor: no fortalecimento da trama relacional familiar a sustentação para as mudanças

Um ano depois, encontramos na família da avó Maria do Amparo um outro e revolucionado cenário: estavam todo nesse encontro, a avó, a mãe Rosimeire, o neto Walmor e a neta Daiane.

As primeiras notícias dadas foram sobre o neto Walmor, que depois que se envolveu outra vez com os rolos de droga e tráfico, pediu para se tratar, passou três meses numa Instituição para sair das drogas, e foram deles as palavras ditas à sua mãe:

“Mãe, eu não quero mais. Eu não quero isso, eu quero sair dessa”.

O Walmor parou com o uso das drogas, estava estudando e trabalhando com um tio. Ele disse que não se lembrava do Sociodrama que realizáramos um ano atrás, mas que sabia que estávamos indo em sua casa. Mostrou-se bastante participativo na entrevista e puxou para o centro da conversação familiar, a irmã Daiane e suas dificuldades para arrumar emprego. Ele agia e falava de um novo lugar: no meio da família.

A avó Maria do Amparo estava diferente, colocando os limites na relação com o neto. Já havia viajado para ver seus parentes fora do estado e não estava mais vivendo para o neto. Foi dela a frase:

“Mas eu já falei para ele (Walmor) se ele entrar numa enrascada, eu não amparo não”.

E apesar de ter se fragilizado muito com a última *enrascada* do neto Walmor, estava passando regularmente com uma psiquiatra, estava sob medicação e cuidados. Neste encontro, pode falar de sua vida sentimental, espontaneamente, falou do por que não quis refazer sua vida conjugal, apesar da separação do Pacífico:

“Não fui feliz com o primeiro e com o segundo ia ser feliz? [...] Eu sofri com meu marido a vida inteira, porque ele bebia, ele “são”, era bom. Mas bebia direto.[...] A gente não era mais homem e mulher. A bebida estragou ele tudo, né? Foi quando ele foi para a chácara. Ele disse ‘Olhe, Amparo. Se tu quiser refazer a tua vida, tu vai para a fazenda’. Eu digo: Não. Não quero, não. E não quis... Fiquei com ele... ele lá. Ele vinha aqui, vinha para a casa do filho. Nós ficou numa boa, não é? Até quando Deus levou ele... Nós vivia bem até quando Deus levou ele. Mas elas falava, as minhas cunhadas, tudo falava. Eu digo: Não. Eu não vou arrumar outro, não. Ela (minha cunhada) mesma conheceu um que queria. Era advogado. Eu digo: Não. Não quero, não. Minha filha era pequena”.

A relação da mãe e da avó do Walmor também mudara, agora era bem mais de apoio mútuo. Havia feito *um bloco* para lutar com o Walmor e sua situação de infração e dependência. Apesar de ter aparecido certo sinal de “ressentimento” da avó, pela intimidade que agora Rosimeire e o filho Walmor tinham. Foi assim que ela comentou:

“Não fala nada. Para mim ele (Walmor) não fala nada. Para ela (Rosimeire) ele fala. Mas eu, ele não fala. Eu vou perguntar para ele, mas ele acha ruim. Ele não quer que eu saiba o que ele faz. Mas hoje quando ele é grosseiro, ele é com as duas.”

A mudança da mãe Rosimeire foi muito grande, ela estava mais calma, mais pacificada. Colocara o apartamento que tinha no litoral à venda. Havia acabado o relacionamento com o Rogério e estava freqüentando uma Igreja Evangélica. Descreveu assim suas mudanças:

“Aí, hoje é assim: quando eu estou nervosa, eu me irrita ainda com as pessoas falando, mas aí eu me acalmo... Eu vou lá, ligo o som, ponho uns louvores, começo a ouvir e aí eu vou deixando passar. Vai passando... Agora, eu estou aprendendo isso, porque antes era um horror [...] Eu comecei com esse negócio de poder sentar com ele (Walmor) e conversar, que para mim foram os melhores momentos, lá no apartamento, quando a gente foi morar juntos, só nós dois. Então ali, nós aprendemos a conversar um com o outro. [...] tem horas que ele fala assim ‘Mãe, a gente conversa amanhã. Agora, eu não estou a fim de responder, não estou querendo responder. Mas depois, se a senhora quiser, a gente conversa’. Aí, no outro dia, eu deitei na cama de novo e nós começamos a conversar. Eu comecei a perguntar e ele respondeu. Então, está tendo esse negócio entre nós dois.”

No fim desta terceira Visita Domiciliar e entrevista com a família, fomos convidadas a tomar um cafezinho com bolo, feito pela vovó (o café) e nos despedimos, agradecendo mais uma vez pela acolhida que essa família nos dera. Expressamos nossa alegria com as mudanças apresentadas por todos e reforçamos o estímulo para que eles prosseguissem em suas lutas, juntos e também individualmente.

6- Tecendo os fios da CoMpLeXa trama das relações sócio-afetivas avós e netos: a compreensão interdisciplinar das mudanças alcançadas

”Na realidade, de certa maneira, nossos pais e nossos ascendentes estão em nós; suas marcas, estreitamente associadas em nossos genomas, ressuscitam sem parar a presença deles em nós... Além disso, inconscientemente, mil modulações de voz, modos de comportamento, hábitos mentais, inscreveram-se em nós por mimetismo em relação a nossos parentes mais próximos.” (MORIN, 2005 a, p. 87).

Tecer agora a complexa trama das transformações observadas nas duas famílias da pesquisa será nosso trabalho de fiandeira. Para isso nos serviremos da *agulha do pensamento complexo* e nela passaremos algumas linhas teóricas: a *linha* do próprio pensamento complexo (MORIN, 2005a: 2005b); a *linha* das noções de afeto em Espinosa (1632-1677, 1973; 2007); a *linha* do conceito de amar em Humberto Maturana (1999; 2002); a *linha* dos estudos de intergeração e memória familiar de Anne Muxel (2007) e a *linha* dos estudos sobre *experiência religiosa e resiliência familiar* em Froma Walsh (2005).

Tínhamos como hipótese-guia inicial da pesquisa que: as *redes de solidariedade familiar tecidas entre avós e seus netos adolescentes autores de ato infracional, se fortalecidas entre si, serviriam como uma das referências sócio-afetivas desses netos e como possibilidade de transformação da suas trajetórias infracionais.*

Tivemos, então, o privilégio de acompanharmos na *linha* do tempo (de julho de 2006 a novembro de 2007) a confirmação dessa hipótese, ou seja, testemunhamos algumas alterações importantes e seus desdobramentos transformadores, no quadro relacional das duas famílias pesquisadas; com isso

ampliamos o quadro geral da hipótese inicial para incluirmos ali, as grandes mudanças ocorridas também na vida das avós.

Debruçadas sobre os dados obtidos com a metodologia empregada, buscamos apreender e compreender alguns dos elementos presentes nesse processo transformador dessas famílias. Elegemos então os seguintes aspectos da transformação observada: *a força da qualidade da interrelação pesquisados - pesquisador; a amplificação do amar nas relações familiares e a importância da experiência religiosa como fator de resiliência familiar.*

6.1 - A força da qualidade da interrelação: pesquisados - pesquisador

Podemos afirmar, sem dúvida, que houve um *bom encontro*, entre nós, como pesquisadoras e as famílias pesquisadas. Partindo então, da noção Espinosana de *affectio* (afecção) como um estado do corpo afetado que implica a presença do corpo afetante, teríamos vivido com essas famílias a grande alquimia dos corpos em relação, onde a partir dos “bons encontros” vividos, *a paixão da alegria*²², *traduzida em potência de ação*, foi capaz de afetar a *paixão triste: que diminui a potência de agir*. E assim, como nos assevera a professora Silvia Tótor, nesta proposta ética relacional, não ligada ao dever ser, moral...

“o ritmo e a velocidade de nossas ações são cadenciados pelo grau de intensidade da potência de que somos capazes...Nessa perspectiva, podem ser experimentados modos de associação ou de sociabilidade livres da forma instituída”.
(TÓTORA, 2006, p.44).

Tratamos, portanto, neste item, de evidenciar *uma qualidade interrelacional daquele que pesquisa*. Já mencionamos, quando do capítulo metodológico, a nossa compreensão sobre os *cuidados nas interrelações*, incluindo o campo da pesquisa, para nós entendido como *a sacralização do espaço e da intimidade do outro*, sendo *sacro* entendido em seu sentido etimológico: *sagrado, a que se deve o maior respeito*.

²² Para Espinosa (1973); SPINOSA (2007) existiriam três tipos de afetos: alegria, tristeza e desejo. Neles e em seus desdobramentos acompanharíamos o processo pelo qual os seres humanos se afetariam mutuamente: corpos e sentimentos. Ver sobre a força dos afetos: *no funcionamento neurológico e relacional*, Damásio (2004) e nas relações familiares, Fontes (2004).

Adentramos na vida das pessoas que pesquisamos com o que somos e cremos, com nossas biografias e nosso contexto sócio-histórico, o mais das vezes carregado de arrogância e prepotências adquiridas, dentre outras razões por nossa inserção nos meandros do *campo do saber*. Somos assim desafiados, na perspectiva aqui apresentada, a nos *despir* desta *toga/armadura do saber*, sem nos perdermos dos nossos objetivos e formações acadêmico-profissionais.

Com o desenvolvimento, ao longo dos anos, da nossa aprendizagem *da escuta* e trazendo-a para o campo da pesquisa, como *a atenção* acurada e *qualitativa* às pessoas com quem interagimos, *laçamos*, enquanto pesquisamos, *luzes em espaços escurecidos*. Podemos nos considerar como tendo *carregado lanternas em bosques escuros*, tanto os nossos, pois buscávamos apreender e compreender os *obscurecidos espaços que pesquisávamos*, e os dos outros com quem interagimos, auxiliando-os em sua percepção a cerca de si mesmos e de suas realidades.

E foi, portanto, nesse inter-jogo relacional qualitativo entre pesquisadora e pesquisados, que acompanhamos o movimento transformador. A expressão “*estou aliviada*” foi a mesma pronunciada pelas duas avós pesquisadas, cada uma com sua distinta e singular história, após a primeira visita domiciliar e entrevista. Entendemos que essa expressão pareceu revelar certo *espaço continente, acolhedor e propiciador de um relaxamento no campo experiencial* dessas pessoas.

E esse processo de *mútua afetação* (SPINOSA, 2007), *de novas possibilidades de conexões afetivas*, é o que nos leva como sujeitos de nossa própria história ao processo de auto-organização (MORIN, 2005a). Para Morin, *a convivência é produzida na intersubjetividade e a possibilidade de compreensão do outro permite reconhecer o outro como outro sujeito* e até senti-lo, eventualmente, no amor, como outro em si mesmo.

Nas histórias intergeracionais compartilhadas na pesquisa, a presença dos elementos de *sofrimento*, de *desqualificação social* e de *tristeza* era recorrente. Seguindo a análise feita por Antônio (2006), as desqualificações pessoais que apareciam nas falas dos sujeitos de sua pesquisa, acompanhavam a desqualificação sócio-afetiva da vida dessas pessoas: tanto por sua situação de pobreza e seu entorno social desqualificador²³ o que as inseria num cenário de *sofrimento ético-político*.²⁴ Também na vida das pessoas que pesquisamos esse fenômeno era presente.

Não há dúvidas de que houve um processo de *visibilização e confirmação social e afetiva transformador*, a partir de nossa aproximação dessas famílias. E nossa ação em pesquisa para que isso acontecesse, acompanhou duas das propostas de Morin (2005b) para um mundo interrelacional mais *ético* e por que não, para um pesquisar mais ético:

- *A proposta de que para assumirmos a condição humana, antropológica, que é mediada pela decisão individual consciente, ou seja, pela auto-ética, precisaremos “saber que não existe piloto automático em ética, a qual sempre enfrentará escolha e sempre necessitará de uma estratégia.”* (MORIN, 2005b, p. 159);
- a proposta de que para se participar da *via regeneradora da sociedade e das relações humanas* será preciso ter em mente que: *“reforma ética, reforma de vida, reforma educativa e reforma social são interdependentes e alimentam-se umas às outras [...] como tudo o que é vivo a ética é simultaneamente autônoma e dependente. Essa autonomia não poderia ser eliminada, mas para regenerá-la, deve-se reformar os contextos que podem favorecer a sua regeneração: a reforma dos espíritos (educação), a reforma da vida e a reforma social.”* (MORIN, 2005b, p. 176-177).

²³ Ver a análise desenvolvida por Serge Paugan (2003) *A desqualificação Social: ensaio sobre a nova pobreza*. São Paulo: EDUC/CORTEZ.

²⁴ Ver a análise desenvolvida por Bader Sawaia “O sofrimento ético político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão” In: SAWAIA, B. (org.) *As artimanhas da Exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*.

Como pesquisadora no campo do Serviço Social, alinhamos nossa formação de Psicóloga à luta empreendida neste campo por uma *reforma social* que *dignifique o homem a partir da diminuição do fosso sócio-relacional instaurado pela perversa e poli-disseminada desigualdade social*.

E na medida em que propomos ferramentas metodológicas no pesquisar, definimos estratégias que poderão colaborar no processo *reformador dos espíritos*, tanto daqueles que pesquisamos, quanto dos pesquisadores e futuros pesquisadores.

A partir dessa proposta metodológica relacional, estamos *engrossando as fileiras dos que lutam pelas reformas das vidas a partir da ampliação do horizonte perceptual do que nos cerca*. Levando sempre em conta a enorme riqueza da alma humana, seus meandros, recônditos, memórias e esquecimentos. Foi importante respeitarmos os *esquecimentos e as memórias das famílias que pesquisávamos*. Era ali, num *baú invisível de memórias familiares* que participávamos, de seus relatos pessoais e familiares de: *afiliação e de desafiliação; de identificação e de diferenciação; de reminiscência e de esquecimento; de ditos e de não ditos*, que nos permitiu encontrar o que poderia ser associado a uma *estrutura comum* que seria fundamental para o processo decisório em suas *vinculações*.

6.2 - A amplificação do amar nas relações familiares

Foi realmente um enorme privilégio acompanhar o processo de mudanças afetivas que aconteceu na vida das famílias que pesquisamos. Sobretudo o afeto amoroso foi muito *amplificado*, tomamos aqui a noção dicionarizada da palavra *amplificado*: *“aumentado de volume, de extensão e de intensidade.”*²⁵

Quando nos ancoramos nos estudo sobre a biologia do amar de Maturana (1999; 2002), vemos este autor preconizar que somos seres biologicamente amorosos como um traço de nossa história evolutiva. Significando que em

²⁵ Dicionário Larousse Cultural. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1992.

primeiro lugar o amor tem sido a emoção central conservada na história evolutiva que nos deu origem, há uns cinco ou seis milhões de anos atrás; em segundo lugar que adoecemos quando nos privam de amor como emoção fundamental na qual transcorre nossa existência relacional com os outros e conosco mesmos. Sendo assim, a biologia do amar²⁶ é central para a conservação de nossa existência e identidade humana.

O *amar*, conduta biológica, permeada e marcada pelas aprendizagens sociais, é apresentada por Maturana (1999, p.45) como domínio daquelas condutas relacionais através da qual um outro surge como '*um outro legítimo*' em coexistência com ele mesmo, sob qualquer circunstância. "*O amor não legitima o outro, o amor deixa tranqüilo ao outro, ante sua mirada e implica em atuar com ele de um modo que não necessita justificar sua existência na reação.*"

Na contramão da conduta de *amar* Maturana nos apresenta as condutas do *agredir* e do *ser indiferente*. O *agredir*, ao contrário do amar, seria o domínio daquelas condutas relacionais através das qual "*um outro*" é negado direta ou indiretamente como "*um outro*" legítimo em coexistência com ele mesmo. Portanto, o *agredir* não deixa tranqüilo ao outro, seja através da negação num assalto físico direto, ou em um assalto físico indireto *através da negação emocional*, e se produz quando o outro não cumpre com algumas expectativas sobre as quais não houve um prévio acordo.

O *ser indiferente*, em contraste com o amar e o *agredir*, é o domínio daquelas condutas relacionais através das qual "*o outro*" não é visto como "*o outro*". "*No ser indiferente, o outro não tem presença e o que sucede a ele ou a ela está fora do domínio de nossas preocupações*". (MATURANA, 1999, p. 45).

²⁶ O professor Maturana insiste para que diferenciemos o "amar" do "amor". Ao distinguir o verbo do substantivo, ele anuncia no *amar*, o *ato de amar*, com toda a sua bagagem biológica, de aprendizagem social e de racionalidade cognitiva.

E acompanhamos então o processo de *amplificação do amar nas relações das pessoas que pesquisamos*. Ainda que fossem pré-existente nas interrelações dos familiares, o *amar* estava como que *inaudível* nessas relações. Tanto assim que foi necessário *muito pouco*, para que outra vez se equalizasse a freqüência amorosa nessas famílias.

Quando declaramos acima a expressão *muito pouco*, podemos pensar nos mega-projetos sociais, que exigem um montante de verba geralmente muito alto para que se gere atuações nas interrelações sociais das famílias em situação de empobrecimento. Como *ganharíamos* todos: nós pesquisadores; nós interventores e as famílias empobrecidas se houvesse programas de capacitação/sensibilização sócio-afetivo-relacionais, que preparassem tecnicamente e sensibilizassem os vários atores sociais no campo das ações sociais, a serem mais amorosos, do ponto de vista técnico, ético e afetivo. Seguramente gastaríamos menos recursos financeiros e amplificaríamos os *bons encontros transformadores*.

Precisaremos ressaltar ainda que o *emocionar-se*, implica em modos de se relacionar, portanto essa *amplificação do amar* nas famílias da pesquisa, seguramente passa pelo *nosso fluxo amoroso ante esses que pesquisávamos*. Nossa conduta amorosa, não ameaçadora e tranqüilizadora era o nosso *tapete acolhedor* para tudo o que construímos em conjunto com essas famílias.

Com isso, pudemos ouvir os iniciais *baixos ruídos sonoros do amar dessas famílias* e com eles pudemos, a cada encontro, amplificar esses sinais. Esse *amar amplificado*, permitiu que muitos dos *ressentimentos e mágoas*, pudessem ser perdoados; que se *ressignificassem alguns lugares*: como o da Rosimeire, a mãe de Walmor e, sobretudo o lugar do neto Justino, dentre outros e *que se ampliassem as esperanças*, obedecendo a uma *ética complexa da esperança* proposta por Morin (2005b, p. 198):

“A ética complexa é de esperança ligada à desesperança. Conserva a esperança quando tudo parece perdido. Não é prisioneira do realismo que ignora o trabalho subterrâneo, minando o subsolo do presente, a fragilidade do imediato, a incerteza encoberta pela realidade aparente; rejeita o realismo trivial que se adapta ao imediato,

assim como o utopismo trivial que ignora os limites da realidade. Sabe que há um possível ainda invisível no real." (Grifo nosso).

6.3 - A importância da experiência religiosa como fator de resiliência familiar

Foi recorrente nas falas das pessoas das famílias pesquisadas a presença da força transformadora de suas experiências religiosas. Muito longe de serem experiências que teriam lhes acomodado em seus sofrimentos, as experiências relatadas na pesquisa, funcionavam como alavanca transformadora.

Foi assim que vimos aparecer os relatos sobre *a paz interior e a esperança de mudanças*, nas vidas da avó Maria das Dores e da mãe de Walmor, a Rosimeire: *os simbolismos religiosos protetores (a rosa e a unção da avó)* na vida do neto Justino, tanto em relação à dependência das drogas, quanto do seu afastamento das ações infracionais e *o recurso religioso comunitário* como alavanca para o neto Walmor sair da dependência das drogas e interromper sua trajetória infracional.

Importante ressaltar que esses elementos religiosos já estavam presentes na história dessas famílias, e pareceu que também foram amplificados com nossos encontros. Apesar de não havermos apresentado objetivamente às famílias, a nossa história de adesão religiosa e a força que a experiência religiosa teve em nossa vida, de forma constitutiva, seguramente que o *“quem somos em totalidade”* nos acompanha no exercício de pesquisadores, e talvez esse tenha sido um *troca intersubjetiva subterrânea*.

Vários são os estudos e as pesquisas no campo da influência da experiência religiosa nas dinâmicas das relações familiares (BRUSCAGIN, 2004; GOMES, 2004; WALSH, 2005), e em todos se evidencia a força motriz de tal experiência. Priorizamos aqui, a análise dos componentes de incremento da resiliência familiar advindos da experiência religiosa.

Froma Walsh (2005, p. IX) nos apresenta uma visão sistêmica da resiliência, integrando perspectivas ecológicas e desenvolvimentistas. Para ela a *resiliência familiar* sendo “a maneira como uma família lida com os desafios da vida no correr do tempo, pode influenciar consideravelmente, tanto o bem estar imediato, quanto bem-estar a longo prazo da unidade familiar e de todos os seus membros”. Ela percebe a relação direta entre resiliência e fé e aponta para a possibilidade da religião e da espiritualidade serem poderosas ferramentas na recuperação, cura e resiliência dos membros das famílias.

Inclusive Walsh (2005) ressalta que os símbolos e rituais, as canções religiosas e os mitos religiosos ajudam sobremaneira os membros das famílias em suas dinâmicas pessoais e coletivas. E foi isso que vimos acontecer e ser explicitado por membros das famílias que pesquisamos assim como vimos ampliado o cenário das respostas interrelacionais a partir da *inclusão do sagrado* nos desafios e conflitos experimentados.

O *novo pacto interacional* gerado entre a avó Maria das Dores e seu neto Justino, apresentou o *elemento religioso*, como um dos fios condutores de seu novo cenário interrelacional. Essa avó que passou a fazer parte ativa de uma comunidade religiosa era demandada pelo neto para que o auxiliasse, via símbolos e ritos religiosos, em seu sistema de proteção espiritual. Vemos surgir aí, mais um espaço de cuidado e atenção da avó para com o neto, *elemento essencial para alavancar e manter as mudanças* processadas na vida de ambos.

Na medida em que a análise mais detalhada do *impacto da experiência do religioso nas famílias* ultrapassa nossa proposta de estudo, nos ativemos neste tópico à evidenciação da *amplificação da experiência do religioso* nas famílias que estudamos. Queremos deixar o aprofundamento desta questão, como possibilidade futura para nossos estudos de pós-doutoramento.

Chegamos assim, ao fim desta *tecitura analítica* das mudanças verificadas nas famílias da pesquisa. Carregamos nesta finalização a privilegiada experiência de ver confirmada e ampliada nossa hipótese inicial de estudos, visto que o

fortalecimento da trama relacional entre avós e netos, serviu como referência sócio-afetiva de transformação na trajetória de vida dos netos e de suas avós.

Concluir é preciso. Viver é impreciso.

“A fé ética é o amor. Mas é um dever ético proteger a racionalidade no coração do amor. A relação amor/racionalidade deve ser em yin yang, um sempre ligado ao outro e sempre contendo em si o outro no seu estado original. Esse amor nos ensina a resistir à crueldade do mundo, a aceitar/recusar esse mundo.. Amor é também coragem. Ele nos permite viver na incerteza e na inquietude. É remédio para a angústia, resposta para a morte e consolo. É o doutor Love que pode salvar Mister Hyde. Paracelso dizia: ‘toda a medicina é amor’. Digamos também e, sobretudo ‘todo amor é medicina’. O médico amor diz-nos: ame para viver, viva para amar. Ame o frágil e o perecível, pois o mais precioso, o melhor, inclusive a consciência, a beleza, a alma, são frágeis e perecíveis”. (MORIN, 2005b, p. 202).

Quando iniciamos a construção destas considerações finais da tese, sentimos um profundo silêncio em nós. Um reverente silêncio. Talvez fosse o meu *minuto de silêncio* pela morte de minha avó materna Maria Esperança, minha musa inspiradora da tese.

Percebo também que estou me separando da tese, o que me faz chorar um pouco... Afinal, alentando as idéias que aqui expus, passei esses meus últimos quatro anos e meio. Como é difícil me separar, mas se não nos separamos, não crescemos. É exatamente na consciência de *estar separado* que é possível entrar na *via dos ancestrais* e se andar por seu próprio caminho, por uma compreensão dos mecanismos de apropriação e de re-incorporação da própria história. Na medida em que nos dedicamos à experiência da separação, finalizada pela imposição da consciência de nossa própria solidão e finitude, é que podemos, simbólica ou concretamente, fazer *um ato de memória* e através dele significar uma *pertinência compartilhada de nós mesmos com os outros*, foi o que afirmei anteriormente neste texto, quando falei da memória familiar (MUXEL, 2007).

E é esta a minha experiência de separação e de solidão: separo-me do mundo da tese: das pessoas especiais das famílias que me inspiraram e me embasaram nessa produção; separo-me de minha orientadora de tese, grande companheira de luta e de estímulo ao meu crescimento como pessoa no mundo e como pesquisadora; separo-me da condição de aluna de doutorado

do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, locus de acolhimento e de crescimento para mim e para os que lá, privilegiadamente estudam e separam-me de meus amigos e Mestres que comigo dividiram suas vidas, seus saberes e suas lutas.

Separo-me, fortalecida no amar. Nesse amar proposto por Morin (2005b), um amor ético, responsável, bálsamo e transformador. Propus como tese que *fortalecidos nos laços do amor*, as famílias em contexto infracional, podem estar mais instrumentadas para auxiliarem seus filhos e netos a interromperem suas trajetórias infracionais.

Pudemos perceber que os dois adolescentes participantes de nossa pesquisa tiveram passagens pela FEBEM e tinham em suas biografias histórias de sofrimentos de parentes em realidade prisional, mas nada disto era motor para detê-los em suas carreiras infracionais. Porém constatamos aqui que a *amplificação do amar em suas relações familiares*, serviu de iniciador para uma grande mudança em suas vidas.

Foi possível apreender deste estudo que, na medida em que avós e netos puderam estar conscientes de seus trajetos e legados em suas *Memórias Familiares*, tiveram a oportunidade de alterar, atualizar e transformar seus próprios percursos de vida.

Seguramente que essas mudanças precisarão estar alinhadas em rede com vários outros espaços de lutas de todos os atores sociais: por uma maior dignificação da vida; pela diminuição do fosso da desigualdade social; pela luta de toda a sociedade por uma educação cidadã de proteção social e relacional e pelo desenvolvimento da grande teia solidária amorosa, que nos torna *cúmplices* da vida uns dos outros, da vida da nossa espécie e da vida planetária, como nos propõe Morin.

Também gostaria de incluir neste momento da escrita da tese alguns elementos vivenciais da minha experiência de doutoramento sandwich em Paris, por quatro meses, pois percebi que tal experiência trouxe elementos interrelacionais importantes para nosso estudo.

Movida por um espírito de investigação e de curiosidade permanentes, que me caracterizam como pessoa, lutei contra todos os impedimentos, sobretudo burocráticos, que apareceram em meu caminho, para atingir o tão desejado alvo de abrir, como pesquisadora brasileira, uma interlocução com os intelectuais e Serviços de Assistência à Adolescência e Infância da França.

A chance me foi concedida para estagiar no *Centre Edgar Morin, ligado à École des Hautes Études en Sciences Sociales- EHESS, Paris*. Mas lá chegando o desafio se apresentou multiforme e a luta para sair vencedora desta experiência, converteu-a num espaço de crescimento pessoal e humano intensos.

Como maior dificuldade encontrada ali, nomeio as “distinções na geografia das emoções” que surgiram a partir deste meu deslocamento geográfico e social. Meu estágio começou em Fevereiro, período de Inverno em Paris e eu vinha do verão tropical brasileiro. Porém, bem mais contundente do que as diferenças climáticas e talvez as acompanhando, *as emoções vividas em minhas relações com os franceses, nesse início*, me reservaram um frio relacional muito maior do que o que fazia “lá fora”.

Foi muito difícil para mim, que nasci no nordeste brasileiro e tenho uma constituição sócio-afetiva muito calorosa em minhas relações, me ver “obrigada” a recolher meus afetos, “não fitar ninguém nos olhos” e “aguardar, silenciosamente”, o momento em que me fosse concedido o “direito” de dizer, socialmente, a que vim. Realmente a *politesse francesa* se aplicou, em minha experiência, à superficialidade de contatos que deveriam ser mantidos ao

controle e alcance de seus cidadãos e habitantes (encontrei estrangeiros absolutamente aculturados a isso). Esse foi o código relacional que me foi imposto. Não havia como negociar: esse território não me pertencia, nem me incluía sócio-afetivamente.

A luta para não “voltar” a meu país, logo no primeiro mês foi grande. Minha orientadora, meu esposo e amigos do Brasil, me auxiliaram totalmente neste momento. Eles me lembravam todo o tempo, quem eu era e o que fui fazer ali.

Mas o «inverno passou» dentro e fora de mim. Lentamente, aprendi a estar nesse novo e estranho código interrelacional. Aprendi na pele brasileira, parte da dor dos “não inseridos” da França, o que inclui os adolescentes de “banlieu” (periferia) Francês, a maioria de pele negra e oriunda de antigas colônias francesas. Suportei a “frieza” e ela diminuiu.

Tive também o privilégio de realizar no GRAPE – *Groupe de Recherche et d’Action pour l’Enfance et l’Adolescence*, um grupo focal com quinze mulheres, sendo duas psicólogas francesas e treze mulheres que se capacitavam para serem *mães de acolhimento*, ou numa versão mais atualizada, *assistentes familiares*. Neste programa, que é parte do Programa de Proteção Social à Criança e ao adolescente em situação de risco e perigo social, se preparam *famílias substitutas* para as crianças e adolescentes que foram *retiradas de sua família de origem*, por se ter entendido que tais famílias eram *nocivas à convivência dessas crianças e adolescentes*.

Com a diretora da instituição, a Dra. Denise Bass, debatemos longamente sobre os riscos de não se *buscar a rede familiar consangüínea* dessas crianças e problematizamos a situação de se *remunerar as assistentes familiares*, fator que poderia comprometer, sem dúvida, o orçamento dessas famílias, com um possível retorno da criança à sua família de origem.

Também muito me surpreendeu o trabalho *limitado*, que se realiza com as famílias consideradas *nocivas a seus filhos*: há poucos serviços de Justiça que desenvolvem uma atenção para com essas famílias, em toda a cidade de Paris. Então estava nítido, para mim, o processo de *proteção psicossocial e social à criança e adolescente*, mas não *à família em sofrimento e fazendo sofrer a seus filhos*.

Com as participantes do grupo focal, a quem apresentei como questão a ser debatida: *Como é a relação entre avós e netos nas famílias de vocês, e dessas crianças que vocês cuidam?* Aprendemos, a partir dos relatos das mulheres desse grupo, que era composto por: mães de Paris; mães do interior da França e mães imigrantes e descendentes de imigrantes: portugueses, marroquinos e argelianos, que os laços intergeracionais na França, nos dias de hoje, se encontravam muito fragilizados.

As mulheres participantes compartilharam, com pesar, a falta de profundidade das relações avós e netos na França. Alegavam as dificuldades de moradia e de distância para uma maior intimidade intergeracional, e afirmavam, desoladamente, que a atual família francesa e habitante da França estava limitada à família nuclear: pais e filhos, e era, portanto, desvinculada dos parentes.

Aprendi também, nesta experiência, que somente *a carta de direitos* e de *proteção social* não tornam uma sociedade mais humana e mais digna. Foi convivendo com as pessoas do país que talvez, seja hoje um dos últimos redutos do welfare state, que pude confirmar ainda mais a proposta que defendi neste texto: a de que para alcançarmos uma sociedade mais justa e mais digna, precisaremos propor caminhos para além daqueles dos direitos sociais, apesar de incluí-los obrigatoriamente. Teremos de nos tornar mais humildes, mais amorosos e mais comprometidos com o “outro”, em sua subjetividade e em suas concretas condições de vida, fatores, a meu ver, essenciais para que estabeleçamos reais laços de solidariedade humana, os verdadeiros agentes de transformação social.

Mais uma vez enfatizo o desejo de participar, com essa tese, de uma ampliação e aprofundamento da discussão sobre subjetividade e afetividade no Serviço Social, tanto como exercício profissional, quanto na prática em pesquisa. E para melhor expressar esse anseio, faço minhas as palavras do professor Edgar de Assis Carvalho (1998):

“Foi com acurada clarividência que Hans Jonas, em seu livro ‘Para uma ética do futuro’, afirmou serem necessárias duas tarefas preliminares a ser levadas a cabo por todos os humanos que ainda investem energia libidinal na boa utopia de um mundo menos antropocêntrico e mais ecocêntrico: a maximização do conhecimento das conseqüências de todos os nossos agires, dada a agonia planetária que acomete a todos nós; a elaboração de uma forma de conhecimento do Bem, certamente transdisciplinar, que fosse capaz de conjugar saberes fatuais e saberes axiomáticos. Para isso, a fabricação do real teria que se pautar pela combinação do intelecto e da emoção, da beleza e da verdade, do necessário e do contingente, da harmonia e do caos.

Essa modalidade renovada de consciência coletiva, destituída de qualquer intenção prometética, seria saturada de complexidade, de complexus, ou seja, de agires e fazeres que rejunteriam tudo aquilo que a disjunção cartesiana fez no plano físico, metafísico e metapolítico. Qualquer sistema vivo passaria, então, a ser entendido como um sistema incompleto, indeterminado, irreversível, sempre marcado pela auto-organização que combina, descombina e recombina a ordem, a desordem, a reorganização”.

(Grifos nossos).

Referências

ADORNO, A. T. W. e HORKHEIMER, M. (1987) Sociologia da Família. In: CANEVACCI, M. (org.) *Dialética da Família*. 5ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, pp. 213-22.

ALMEIDA, A. (1991) *O gosto do pecado – Casamento e sexualidade nos manuais confessores dos séculos XVI e XVII*. Rio de Janeiro: Rocco.

ANTONIO, M. L. B. (2006) *Avós, pais e netos: relações sócio-afetivas intergeracionais em situação de pedido de guarda na Vara da Infância e Juventude/ Comarca de Santos/SP*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Serviço Social, PUC/SP.

ARIÉS, P. (1978) *História Social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar.

ASSIS, S. G. (1999) *Traçando Caminhos em uma Sociedade Violenta: a vida de jovens infratores e de seus irmãos não infratores*, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

ATTIAS-DONFUT et SEGALLEN, M. (2001) Les Habits neufs des grands-parents. In: ATTIAS-DONFUT et SEGALLEN, M. (orgs) *Le siècle des grands-parents. Une génération phare, ici et ailleurs*. Paris: Éditions Autrement.

BIVAR, W. (Diretora de pesquisas) (2007) *Síntese de Indicadores Sociais – Uma análise das condições de vida da população Brasileira*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

BOSI, E. (2003) *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BRUSCAGIN, C. B. (2004) *Sob a proteção de Deus: famílias cristãs na fase adolescente*. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, PUC/SP.

BURGUIÈRE, A. et alii. (1999) *História da Família. O Ocidente: Industrialização e Urbanização*. Lisboa: Terramar.

CARVALO, E. A. (1998) Prefácio. In: CARVALHO, E. A.; ALMEIDA, M. C.; COELHO, N. N.; FIEDLER-FERRARA, N.; MORIN, E. *Ética, Solidariedade e Complexidade*. São Paulo, Palas Athena, 1998.

CARVALHO, M. C. B. (1995) O lugar da família na política social. In: CARVALHO, M. C. B. O (org.) *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC, Cortez.

CARRANO, A. A. e PASIANOTO, M. T. (2002) Envelhecimento, condições de vida e política previdenciária. Como ficam as mulheres? In: IPEA. *Texto para discussão nº. 883, Rio de Janeiro*.

CERVENY, C. M. O. *A Família como Modelo: influências da repetição de padrões interacionais das gerações anteriores nos problemas da Família Atual*. São Paulo: Tese de Doutorado em Psicologia Clínica – PUC/SP.

CHIZZOTTI, A. (2005) *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez.

CONCEIÇÃO, M. I. G.; PEREIRA, S. E. F. N. e TOMASELLO, F. (2003) Oficinas temáticas: construindo um projeto de vida. In: SUDBRACK, M. F. O.; CONCEIÇÃO, M. I. G.; SILVA, M. T. (orgs.) *Adolescentes e drogas no contexto de justiça*. Brasília: Plano, 2003, pp. 203-213.

CORREA, O. B. R. (2000a) *O Legado Familiar: a tecelagem grupal da transmissão psíquica*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

_____. (2000b) *Os Avatares da Transmissão Psíquica Geracional*. São Paulo: Escuta.

CORRÊA, L. C. C. (2004) *Visita Domiciliar: Recurso para compreensão do cliente no Psicodiagnóstico Interventivo*. São Paulo: Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, PUC/SP.

COSTA, J. F. (2004) *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Edição Graal.

DAMÁSIO, A. (2004) *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia da Letras.

DELEUZE, G. (1970) *SPINOZA*. Edição consultada: Espinoza e os Signos, Porto: RÉ S Editora, Ltda. 1970.

DIAS, C. M. S. B. e SILVA, D. V. (2001) Os avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.) *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2001, pp. 118-149.

DURHAM, E. (1978) *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva.

ESPINOSA, B. (1973) *Pensamento Metafísico, Tratado da Correção do intelecto, Ética, Tratado Político, Correspondência*, São Paulo: Abril S. A. 1973.

FELMAN, S. (2000) Educação e Crise ou As Vicissitudes do Ensinar. In: NETROVSKI, A. e SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.) *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000, pp. 13-71.

FÉRES-CARNEIRO, T. (org.) (2001) *Casamento e Família: do Social a Clínica*. Rio de Janeiro: Nau.

FILIPINI, R. (2003) *Grupo de apoio para criança na situação de divórcio ou separação parental*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, PUC/SP.

FOLEY, V. (1990) *Introdução à terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

FONTES, F. C. C. (2005) *Problematizando o campo dos afetos e da subjetividade na Teoria e Prática do Serviço Social*. Trabalho realizado para a disciplina: Tendências Teórico-Metodológicas do Serviço Social, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social PUC/SP, pp.1-10.

_____. (2004) *A força do afeto na família: uma possibilidade de Interromper a prática infracional de adolescentes em Liberdade Assistida*. Dissertação de Mestrado. Psicologia Social. PUC/SP.

_____. (2004) *Uma contribuição Psicossocial do afeto ao estudo das Competências, Sentimentos e Emoções no Serviço Social*. Trabalho realizado para a disciplina: Paradigmas Contemporâneos, prática profissional e Transdisciplinaridade, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social PUC/SP, pp.1-10.

FONSECA, C. (2002) *Caminhos da adoção*. 2. ed. São Paulo: Cortez.

GODARD, F. (1992) *La famille affaire de générations*. Paris: Press Universitaires de France.

GOMES, D. M. (2004) *O Itinerário de crenças no tecer de redes sociais familiares: relações entre mitos religiosos e mitos familiares em famílias adventistas do sétimo dia*. Tese de Doutorado em Psicologia Social, São Paulo: USP.

GUEIROS, D. A. (2005) *Adoção por consentimento da família de origem: uma expressão do desenraizamento pessoal e social dos pais biológicos*. Tese de doutorado em Serviço Social, PUC/SP.

HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

IAMAMOTO, M. V. (2003) *O Serviço Social na contemporaneidade: Trabalho e formação profissional*. 6ª edição, São Paulo: Cortez.

KIENTZ, A. (1982) *As Insubstituíveis Avós – Que significa hoje ser avó? O papel das avós no desenvolvimento da criança*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

KNOBEL, A. M. C. (2004) *Moreno em ato: a construção do psicodrama a partir das práticas*. São Paulo: Ágora.

LAPIERRE, N., ATTIAS-DONFUT, C. e SEGALEN, M. (2002) *Le Nouvel Esprit de Famille*, Paris: Édition Odile Jacob.

LÉVI-STRAUSS, C. (1982) *As Estruturas elementares do parentesco*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Editora Vozes.

LIMA, N. S. T. (2002) Inclusão e Teatro Espontâneo: novos regimes de verdade? *Revista Brasileira de Psicodrama*. São Paulo, vol. 2, no. 2, 2002, pp. 11-23.

MARQUES, W. E. U. *Infâncias (pre)ocupadas: trabalho infantil, família, identidade*. Brasília: Plano, 2001.

MARRA, M. M. (2004) *O agente social que transforma: o Sociodrama na organização dos grupos*. São Paulo: Ágora.

MATURANA, H. (1999) *Transformación en la Convivencia*. Santiago de Chile: Dolmen Ediciones.

_____. (2002) *A Ontologia da Realidade*. 3ª Reimpressão, Belo Horizonte: Editora UFMG.

MICHELETTI, F. A. B. O. (2000) *Buscando um re-significado da Visita Domiciliar no Serviço Social*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Serviço Social, PUC/SP.

_____. (2006) Visita Domiciliar como estratégia de pesquisa. In: RODRIGUES, M. L. e LIMENA, M. M. C. *Metodologias Multidimensionais em Ciências Humanas*. Série pesquisa em Educação, Volume 14. Brasília: Liber Livro Editora, 2006.

MINUCHIN, S. (1974) *Families and Family Therapy*. Cambridge: Harvard University Press.

MORENO, J.L. (1978) *Psicodrama*. Edição consultada: Psicodrama. São Paulo, Editora Cultrix.

MORIN, E. (1991) *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget Revista Aprendizagem/Desenvolvimento.

_____. (2002) *Sociología*. 2ª reimpresión, Madrid: Editorial Tecnos.

_____. (2005a) *O Método 5: A Humanidade da Humanidade. A Identidade Humana*. Porto Alegre: Sulina.

_____. (2005 b) *O Método 6: ética*. Porto Alegre: Sulina.

MUXEL, A. (2007) *Individu et Mémoire familiale*. 2^{ème} édition, Paris: Hachette Littératures.

NAGY, B. & SPARK, G. (1980) *Invisible Loyalty*. New York: Harper & Row.

NERY, M. P. e CONCEIÇÃO, M. I. G. (2006) Sociodrama da inclusão racial: quebrando a inércia. *Revista Brasileira de Psicodrama*. São Paulo, vol. 14, no 1, pp.105-119.

NETTO, J. P. (2004) Cinco notas a propósito da “questão social”. In: *Temporalis – Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social*. Ano II nº. 3 – 2ª ed. 2004, pp.41-49.

OLIVEIRA, P. S. (1993) *Vidas compartilhadas: o universo cultural nas relações entre avós e netos*. Tese de Doutorado. Psicologia. USP

_____._____ (1999) *Vidas compartilhadas – cultura e co-educação de Gerações na vida cotidiana*. São Paulo: HUCITEC/FAPESP

PEIXOTO, C. E. (2000) Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas materiais. In: PEIXOTO, C. E., DE SINGLY, F. e CICHELLI, V. *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, pp. 95-111.

_____._____ (2007) As transformações familiares e o olhar do sociólogo. In: SINGLY, F. *Sociologia da Família Contemporânea*. Tradução Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, pp.11-28.

PICHÓN-RIVIÈRE, E. (1978) *Del Psicoanálisis a la Psicología Social*. Buenos Aires: Nueva Visión.

RABB, T. e ROTBERG, R. (1971) *The Family in History: interdisciplinary essays*. New York: Harper Torch Books.

RAMOS, E.; COSTA, L.; MARRA, M. e MONTEIRO, A. (1998) O Psicodrama como metodologia de intervenção no trabalho comunitário. *Revista Brasileira de Psicodrama*. São Paulo, vol. 6, no 1, 1998, pp. 111-127.

RODRIGUES, M. L. e LIMENA, M. M. C. (2006) *Metodologias Multidimensionais em Ciências Humanas*. Série Pesquisa em Educação, Volume 14. Brasília: Liber Livro Editora.

RODRIGUES, M. L. (2000a) Medos e incertezas no exercício profissional. Texto Reorganizado a partir de artigo publicado nos *Cadernos de Serviço Social*, Ano IX, nº 17, Número especial comemorativo dos Cinquenta anos da Faculdade de Serviço Social, PUCCAMP, Dezembro de 2000, pp.108-116.

_____._____ (2000b) Caminhos da Transdisciplinaridade – fugindo a injunções lineares. *Revista Serviço Social e Sociedade*, nº64, Ano XXI, São Paulo: Ed. Cortez.

ROSA, L. C. S. (2002) Os saberes construídos sobre a família na área da saúde mental. In: *Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, Ano XXIII, nº 71, setembro de 2002.

RUIZ, E. M. (1998) *Freud no divã do cárcere: Gramsci analisa a psicanálise*. Campinas: Autores Associados.

SAMARA, E. M. (1983) *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense.

SANTAELLA, L. (2001) *Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e Doutorado*. São Paulo: Hacker Editores.

SARACENO, C., NALDINI, M. (2003) *Sociologia da Família*. Porto: Editora Estampa.

SARTI, C. A. (2003) Famílias enredadas. In: ACOSTA A. R. e VITALE, M. A. F. (orgs.) *Família: redes, laços e Políticas Públicas*. São Paulo: IEE/PUCSP.

_____._____ (1992) Contribuições da Antropologia para o estudo da Família. In: *Revista Psicologia USP*, Volume 3, Número 1/2, 1992, pp. 69-76.

SARTI, V. (1967) *Conjoint Family Therapy*. Palo Alto: Science and Behavior Books.

SCAFFI, N. (2002) *Assumindo as diferenças: índios, AIDS, programas de prevenção... Uma contribuição metodológica a partir dos pressupostos do psicodrama*. Dissertação de Mestrado. Campo Grande, MS: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

SCHRAMM, G. M. T. A. (2004) *Avós e seus netos: Velhice ao lado da Adolescência em conflito com a lei*. Dissertação de Mestrado Gerontologia. PUC/SP.

SEGALEN, M. (2001) Tensions, conflits et crises. In: ATTIAS-DONFUT et SEGALLEN, M. (orgs) *Le siècle des grands-parents. Une génération phare, ici et ailleurs*. Paris: Éditions Autrement.

_____. (1998) *Sociologie de la Famille*. Paris: A. Colin.

SEIXAS, M. R. D. (1992) *Sociodrama familiar sistêmico*. São Paulo: Aleph.

SHUTZENBERGER, A. A. (1997) *Meus antepassados: vínculos transgeracionais, segredos de família, síndrome de aniversário e prática do genossociograma*. São Paulo: Paulus.

SILVA, R. (2000) 300 anos de Construção de políticas Públicas para Crianças e Adolescentes. *Revista Brasileira de Ciências criminais*, São Paulo, ano 8, nº30, 2000, pp.115-125.

SINGLY, F. (2007) *Sociologia da Família Contemporânea*. Tradução Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV.

_____. (2003) *Les uns avec les autres – Quand l'individualisme crée du lien*. Paris: Hachette Littératures.

_____. (1996) *Le Soi, le Couple, la Famille*. Paris: Nathan.

SPINOSA (2007) *Ética/Spinoza*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2007.

SZYMANSKI, H., ALMEIDA, L. R. e BRANDINI, R. C. A. (2008) 2ª edição. *A entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva*. Brasília: Liber Livro Editora.

TIRESSON, S. (1994) L'Héritage insu: les secrets de famille. *Revue Communications*, n. 59, Paris: Centre d'Études Transdisciplinaires Sociologie, Anthropologie, Histoire, 1994, pp. 231-242.

TOLOI, M. D. C. (2006) *Filhos do divórcio: como compreendem e enfrentam conflitos conjugais no casamento e separação*. São Paulo, Tese de doutorado em Psicologia, PUC/SP.

TÓTORA, S. (2006) Ética da vida e envelhecimento. In: CORTE B., MERCADANTE, E. F. e ARCURI, I. G. (orgs.) *Envelhecimento e velhice: um guia para a vida*. São Paulo: Vetor.

TRACHTENBERG, A. R. [et al]. *Transgeracionalidade: De escravo a herdeiro: um destino entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

UHLENBERG, P. (2001) Élever ses petits-enfants. In: ATTIAS-DONFUT et SEGALIN, M. (orgs) *Le siècle des grands-parents. Une génération phare, ici et ailleurs*. Paris: Éditions Autrement.

VASCONCELOS, E. M. (2002) *Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa*. Petrópolis: Vozes.

VITALE, M. A. F. (1994) *Vergonha. Um estudo em três gerações*. Tese de Doutorado. Psicologia Social. PUC/SP.

_____. (2002) *Socialização e família: uma análise intergeracional*.

In: CARVALHO, M.C.C. (org.) *A família contemporânea em debate*. 4 ed.

São Paulo: EDUC/Cortez, 2002.

_____. (2003) *Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea*. In: ACOSTA A. R. e VITALE, M. A. F. (orgs.) *Família: redes, laços e políticas Públicas*. São Paulo: IEE/PUCSP, 2003.

_____. (2004) *Genodrama: trabalho psicodramático com genograma em terapia de casal*. In: VITALE, M. A. F. (org.) *Laços Amorosos: terapia de casal e psicodrama*. São Paulo: Ágora, 2004.

WALSH, F. (2005) *Fortalecendo a Resiliência Familiar*. São Paulo: Roca.

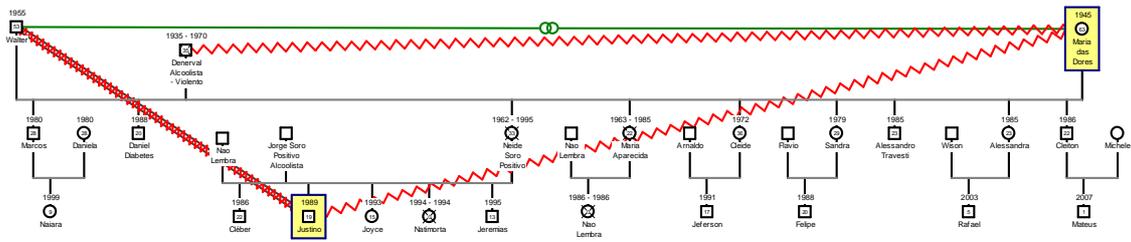
YASBEK, M. C. (2000) *Os fundamentos do Serviço Social na contemporaneidade*. Texto publicado no Módulo IV do Curso de Capacitação em Serviço Social e Política Social CFESS, ABEPSS, CEAD, UNB, 2000, pp1-19.

ZAMPIERI, A. M. F. (1996) *Sociodrama da AIDS: Método de construção grupal na educação preventiva da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – PUC/SP.

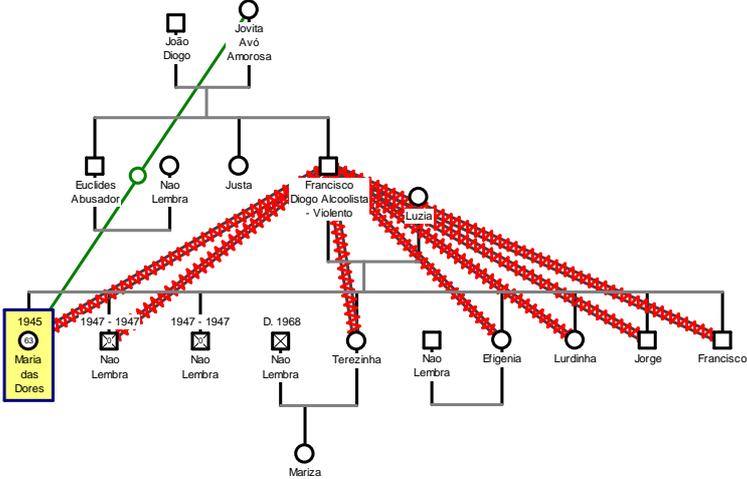
_____. (2002) *Sociodrama construtivista na sexualidade conjugal na prevenção de HIV e de AIDS no casamento*. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica – PUC/SP.

ANEXO 1

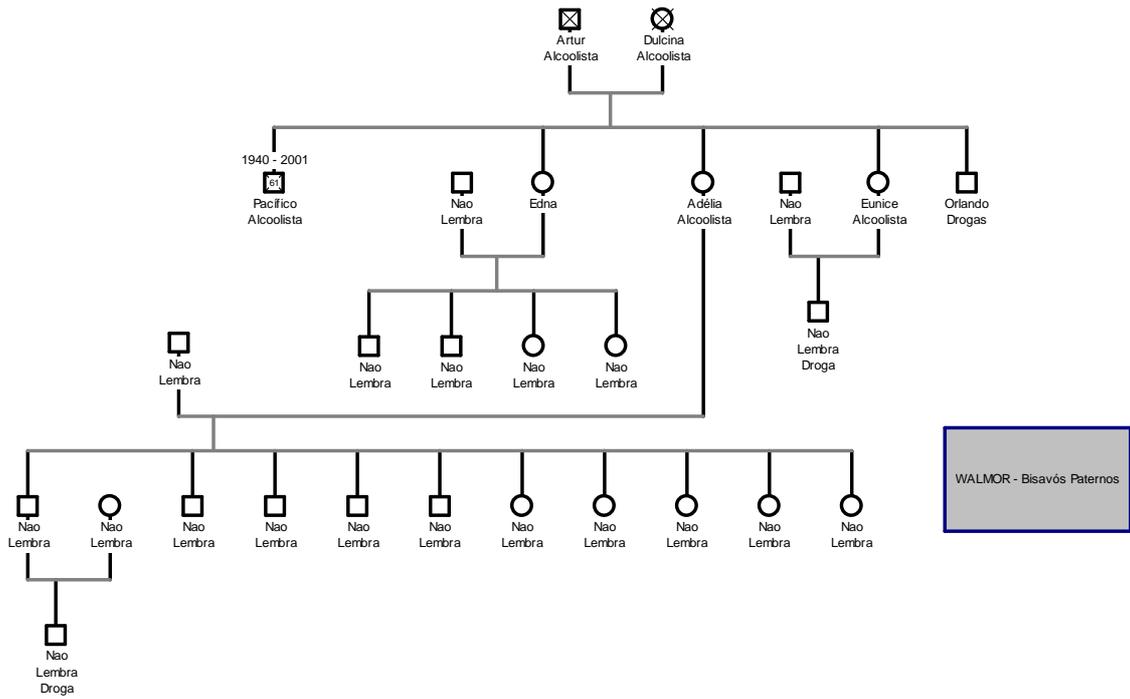
Justino - Avós e Pais
 Traço vermelho duplo: violência próxima.
 Traço vermelho simples: hostilidade.
 Traço verde com dois círculos: amando.



Justino - Bisavós Maternos e Tataravós Paternos
Traço vermelho duplo: violência próxima.
Traço verde: amor.



ANEXO 2



ANEXO 3

Termo de Consentimento livre e esclarecido de participação na Pesquisa

1 – **Título da pesquisa:** *A qualidade do laço intergeracional entre avós e seus netos adolescentes autores de ato infracional. Entre tecelões, fios e tramas intergeracionais familiares na situação infracional*

2 – **O objetivo dessa pesquisa é** aprofundar o estudo da temática intergeracional e compreender a importância da interrelação entre avós e seus netos adolescentes autores de ato infracional, no dia a dia das famílias que têm seus membros envolvidos com a situação infracional.

3 – Serão realizados vários encontros que ocorrerão em quatro etapas:

Etapa 1- serão realizados dois Sociodramas, na sede do Programa de Execução da Medida da L.A. da AEBVB- Vila Nova Cachoeirinha – São Paulo, com os Adolescentes em grupo, que terão os seguintes temas: “Eu e meus avós. Que cena é essa?” e “ Eu, meus avós e o ato infracional, que cena é essa?” com o objetivo de conhecer os “avós significativos “ para os adolescentes.

Etapa 2- será realizada uma ou duas entrevistas com os avós selecionados nos Sociodramas, em seus domicílios, com o objetivo de colher os depoimentos desses avós sobre as relações com seus netos adolescentes autores de ato infracional.

Etapa 3- será realizada uma entrevista no domicílio dos avós, incluindo os pais, irmãos e/ou outros familiares e os adolescentes autores de ato infracional, com o objetivo de se construir um “mapa” sobre a história dessa família, em três gerações.

Etapa 4- será realizada uma entrevista no domicílio dos avós, incluindo os pais, irmãos e/ou outros familiares e os adolescentes autores de ato infracional, com o objetivo de se conhecer a realidade relacional vivida pela família, um ano após os primeiros encontros.

4– **A principal vantagem de se participar dessa pesquisa,** é a de estar participando de uma experiência que pode auxiliar a família e sobretudo aos avós e netos a compreenderem e fortalecerem seus inter-relacionamentos, como forma de melhor lidar com os sofrimentos trazidos pela situação infracional e quem sabe , como força auxiliar na interrupção da trajetória de prática infracional já iniciada por seus adolescentes.

5 –A psicóloga responsável pela pesquisa Fatima Cristina Costa Fontes, poderá ser contatada para esclarecer qualquer dúvida sobre essa pesquisa, pelos integrantes da Liberdade Assistida da AEBVB.

6 – **Direito de confidencialidade** – As informações obtidas serão analisadas em conjunto, não sendo divulgado a identificação de nenhum membro da família;

7 – **Direito de ser mantido atualizado sobre os resultados** parciais e totais da pesquisa.

8 –**Direito de retirar o consentimento para participar da pesquisa** a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

9- **Não há qualquer compromisso financeiro para participar desse estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação.**

10 – **Há um compromisso do pesquisador de utilizar os dados e o material coletado somente para esta pesquisa.**

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo a pesquisa: *A qualidade do laço intergeracional entre avós e seus netos adolescentes autores de ato infracional. Entre tecelões, fios e tramas intergeracionais familiares na situação infracional.*

Eu apresentei à psicóloga Fatima Cristina Costa Fontes, a minha decisão em participar dessa pesquisa. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas ou de quaisquer benefícios.

Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo .

Assinatura do adolescente

Data ___/___/___

Assinatura dos avós

Data ___/___/___

Assinatura do técnico/orientador social

Data ___/___/___

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido dos envolvidos neste estudo

Assinatura do pesquisador responsável

Data ___/___/___

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)